



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MATEUS PEREIRA LAGO

**“AMOR DE FÃ”:
O ITINERÁRIO AUTOBIOGRÁFICO DE UM DEVOTADO À CANTORA JOELMA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

MATEUS PEREIRA LAGO

**“AMOR DE FÃ”:
O ITINERÁRIO AUTOBIOGRÁFICO DE UM DEVOTADO À CANTORA JOELMA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) / Monografia apresentada à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Sociais no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais no Campus dos Malês-BA.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Andressa Ribeiro de Freitas.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

L175a

Lago, Mateus Pereira.
"Amor de fã" : o itinerário autobiográfico de um devotado à cantora Joelma /
Mateus Pereira Lago. - 2024.
101 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e
Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos.
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Andressa Ribeiro de Freitas.

1. Comportamento afetivo. 2. Autobiografia. 3. Fãs (Pessoas). I. Lago, Mateus
Pereira, 1997- - Biografia. II. Mendes, Joelma da Silva, 1974-. III. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 920.71

Cada linha dessa autobiografia possui significados múltiplos. E todas elas são dedicadas aos meus filhos de 4 patinhas: *Salem*, *Pikachu*, e em especial a *Aphonso* que nos deixou prematuramente em 2023. “Fonso”, sua partida deixou um vazio gigante em mim, e por meio dessa narrativa procuro preencher uma lacuna que a sua ausência provocou. Obrigado pelos 2 anos incríveis ao seu lado.

Sassá e Pikachulinho, vocês são meus maiores presentes. Essa estrada fica mais leve com vocês.

AGRADECIMENTOS

Existem diversas razões pelas quais esse trabalho foi desenvolvido. A principal delas, é declarar que o amor é atravessado por sonhos e realizações de desejos. Quando reconheci o meu fascínio pela cantora Joelma eu decretava também o começo de uma caminhada longa, desafiadora e prazerosa. Muito disso, eu conheço desde que o mundo à minha volta me afeta e em resposta, retribuo os incômodos e as gentilezas apreendidas durante meu itinerário.

Ao longo dessa estrada eu tive muitas oportunidades de manifestar do modo mais sincero as minhas paixões, nem sempre correspondidas. Com a Joelma, que me escolheu para amá-la, recebi o privilégio de dizê-la: “- *eu amo você. Obrigado por tanto*”. Uma parte expressiva dessa relação é narrada nesta monografia que carrega em si a essência de uma força que movimenta, emociona e produz: o amor de fã.

Para chegar aqui e escrever essas palavras precisei passar por lugares, situações e pessoas que marcaram a minha história, indubitavelmente para sempre. Essas contribuições externas possuem importância para o entendimento do indivíduo que sou e das subjetividades que dão tom às minhas ações e reações.

Para ser fiel e honrar aos que andaram, andam e permanecem comigo, apesar de mim, é imprescindível nomear algumas dessas pessoas neste espaço simbólico e sincero. Primariamente, eu nada seria ou faria sem a permissão e a misericórdia de Deus. A razão maior de tudo o que eu posso ser. Minha gratidão e confiança são direcionadas cotidianamente a Ele. Pela obrigação da devoção ao meu santo padroeiro São José. Sua humildade, dedicação e a justiça são espelhos nos quais busco refletir a minha vida.

Por me trazer ao mundo, me segurar nele, e deixar que eu caminhasse por ele, (por vezes, sem querer), assinalo meus mais profundos agradecimentos à minha mãe. Esse trabalho diz muito sobre ela, ainda que dificilmente ela venha o conhecer na íntegra.

Pela gentileza, admiração, respeito e cumplicidade, devoto meus agradecimentos e desculpas aos meus orientadores: Marlon Marcos e Andressa de Freitas. Vocês foram, são e serão sempre referências de comprometimento, escuta e paciência para mim. Obrigado, obrigado e obrigado.

À minha madrinha Mirian Reis; por me encorajar a falar sobre Joelma dentro da universidade. Eu não estava maluco, como ela assertivamente apontou. Eu estava apaixonado. Sigo assim.

Os últimos 4 anos foram intensos, profundos e pedagógicos para mim. Aprendi a amar, a sentir mais, a perder e perdoar. Nesse movimento, encontrei um outro amor, que corajosamente

nomeio neste espaço, sobretudo, porque o deixei ir embora. Rodrigo, esses agradecimentos também são para você. Pelos 4 anos mais incríveis de minha vida, até aqui, e por todas as vezes em que enciumado você apelidou a Joelma de “loira azeda”. Dividir cada sensação daquele show dela em Aracaju com você, fez com que eu me sentisse o homem mais feliz e realizado no mundo. Eu amo você e não poderia deixar de dizer isso aqui também.

Meu respeito e agradecimentos também são para as professoras Cristiane Souza e Elízia Ferreira. Trabalhar com vocês no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades me abriu portas, janelas e portais. Sou eternamente grato pelos primeiros passos que demos juntos.

Finalizo essa oportunidade de ser grato e justo olhando para dentro de mim; fazendo isso, eu estou olhando para ela: a imagem palpável de minha adoração, de minha devoção - a Joelma.

São quase 20 anos de paixão, de afetividades e de comprometimento com essa artista. Senhora das minhas alegrias, alento dos temporais e abrigo para todos os dias. Das muitas razões pelas quais esse trabalho existe, sem a Joelma ele nada seria. Portanto, eis aqui mais uma declaração de amor.

*Um mês para ver o meu amor, está marcado
Eu escutei no rádio e não para de anunciar.
Eu sei que fico ansiosa, fico estressada
Mas tudo isso é nada, pois vou te encontrar.
Já separei a melhor roupa,
Já separei o melhor perfume,
Já fiz aquela faixa, como de costume
Eu vou correr, eu vou gritar,
Eu vou sorrir, eu vou chorar.
Eu vou fazer de tudo pra te abraçar.
Posso cruzar os oceanos,
Pego um foguete, vou à Lua;
Pra te encontrar eu faço tudo,
Eu só chego de manhã.
Amor sem medida,
É amor de fã.*

(Amor de Fã, 2016;
Composição de Elvis Pires e interpretação de Priscila Senna e Joelma)

RESUMO

Este trabalho apresenta o percurso autobiográfico de um fã da cantora Joelma Mendes, estabelecendo um diálogo com conceitos das Ciências Sociais a partir da noção de afetividade, proposta que sustenta as reflexões e narrativas alinhavadas por meio da relação entre a artista e sua figura devocional. O resgate de episódios de aproximação com a Joelma por meio da trajetória autoral, repercute de modo contundente para os interesses das Ciências Humanas e Sociais, haja vista, a metodologia aplicada na elaboração da monografia com fins à compreensão do *ser fã*, oportunizando a democratização de experiências tecidas neste espaço-tempo que perfila a representação de fãs e artistas. De modo particular, “*Amor de Fã*”: *O itinerário autobiográfico de um devotado à cantora Joelma*, contribui para o reposicionamento de uma categoria de análise social – o fã; pouco difundida e analisada pelo discurso acadêmico. Nestes termos, as considerações evocadas e os questionamentos suscitados pela pesquisa, aludem para um compromisso primordial em referendar lugares de expressões individuais e coletivas, somadas a imprescindibilidade da salvaguarda de temáticas sensíveis, decoloniais e sobretudo, dotadas de autenticidade. Para além de assinalar tais questões num campo de estudos plural, progressista e substancial à sociedade contemporânea, essa monografia transcreve perspectivas possibilitadas pelo fazer científico, à luz de um movimento que conclama a legitimidade de uma artista não apenas para seu público, mas para a indústria de artes e culturas de todo um país. Aquém, resta a devoção ampliada pela compreensão de um fenômeno constituído por símbolos, sentimentos e preceitos.

Palavras-chave: comportamento afetivo; autobiografia; fãs (pessoas); Lago, Mateus Pereira, 1997- - Biografia; Mendes, Joelma da Silva, 1974-.

RESUMEN

Este trabajo presenta el recorrido autobiográfico de una fan de la cantante Joelma Mendes, estableciendo un diálogo con conceptos de las Ciencias Sociales a partir de la noción de afectividad, propuesta que sustenta las reflexiones y narrativas alineadas a través de la relación entre la artista y su figura devocional. Recuperar episodios de cercanía con Joelma a través de su trayectoria autoral incide fuertemente en los intereses de las Humanidades y las Ciencias Sociales, dada la metodología aplicada en la elaboración de la monografía con el objetivo de comprender el ser fan, posibilitando la democratización de las experiencias tejidas en este espacio-tiempo que perfila la representación de fans y artistas. En concreto, “Amor de fan: El itinerario autobiográfico de un devoto del cantante Joelma”, contribuye al reposicionamiento de una categoría de análisis social - el fan; poco difundida y analizada por el discurso académico. En estos términos, las consideraciones evocadas y las cuestiones planteadas por la investigación aluden a un compromiso primordial con la referenciación de los lugares de expresión individual y colectiva, sumado a la indispensabilidad de salvaguardar temas sensibles, decoloniales y, sobre todo, dotados de autenticidad. Además de destacar estas cuestiones en un campo de estudio plural, progresista y sustancial para la sociedad contemporánea, esta monografía transcribe perspectivas posibilitadas por el esfuerzo científico, a la luz de un movimiento que reivindica la legitimidad de la artista no sólo para su público, sino también para el público. Aquí tenemos la devoción amplificada por la comprensión de un fenómeno compuesto de símbolos, sentimientos y preceptos.

Palabras-clave: comportamiento afectivo; autobiografía; fanáticos (personas); Lago, Mateus Pereira, 1997- - Biografía; Mendes, Joelma da Silva, 1974-.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MENINA[O] DO INTERIOR	18
3	SONHO BONITO	33
4	PASSE DE MÁGICA	69
5	ESTRELA DO MEU SHOW	82
6	COM VOCÊ ONDE SUA VIDA FOR	93
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

*“Esse amor é chuva que não passa, é nó que não desata.
O teu amor é ouro que reluz e ilumina a minha vida.
Sem esse amor eu não tenho saída.”*
(Pra Todo Mundo Ver; Beto Cajú. J.C. Shows, 2005)

Quanto tempo é necessário para que possamos escrever uma história? Sinceramente, eu não sei. Mas, talvez conheça um pouco dos elementos que tornam a construção de uma da maneira mais emocionante possível. É dessa forma que vivo e escrevo cada dia da minha história, lançando mão de instrumentos quase ficcionais para erguer o que há de mais real dentro de uma trama que atravessa diferentes experiências, pessoas e lugares por meio daquilo que me incendeia desde sempre, o que aqui será definido por afetividade (Saada, 1990), amparada pela Antropologia das Emoções (Koury, 2005), assim como pelo conceito das emoções (Rosaldo, 1984).

Falar de sensações, sentimentos, emoções e de momentos marcantes, é sem dúvidas um privilégio. Por isso, sempre busquei escrever com o meu coração, num esforço de transpor cada pedaço de minhas angústias, alegrias, tristezas, medos, conquistas, e até de ilusões; para que desse modo pudesse alcançar a proeza de descrever quem sou por meio da escrita; numa narrativa que destrincha alguns segredos, aventuras, encontros e desencontros, reconstituindo assim uma parte significativa de minha trajetória.

Na leitura do romance *queer* "Querido Ex", aprendi que contar nossa história é um gesto de reconhecimento e de poder. O autor, Juan Julian assegura: "Há algo muito poderoso em contar a nossa história para todo mundo, em dizer e reconhecer que o que aconteceu com a gente é digno de ser lido, visto ou ouvido por milhares de pessoas." Refleti profundamente sobre essa oportunidade, considerando um ato de coragem e de resiliência enveredar numa escrita de questionamentos, mas também sobre a docilidade de ser eu, de amar e ser correspondido, e acima de qualquer coisa, de estar vivo.

Maior que um rito de passagem, esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é uma carta de amor. Das que a gente inspira as palavras e expira emoção; às vezes pelos olhos. Nesse movimento de acolher tudo que fui, sou, e todas as coisas que ainda poderei ser, essa travessia atravessada fala também sobre o amor a uma mulher, a uma cantora, a uma poetisa; a seu modo, por vezes exagerado, mas sempre acessível.

O desejo de contar uma parte de minha vida, tecendo simultaneamente reflexões acerca de questões que atravessam a principal relação que dá tom a essa autobiografia veio com a minha entrada na universidade no segundo semestre 2018. Mais do que um desejo, assumi o compromisso de falar sobre a Joelma de um ponto de vista qualificado, ou de um modo que despertasse o respeito e o reconhecimento devido à cantora por sua contribuição excelsa na Música Popular Brasileira (MPB). Quando reclamo esse lugar negado à Joelma, também reivindico a legitimidade das experiências sociológicas que estão encobertas pelo discurso científico conservador e pouco incrível que abarrotam as bibliotecas universitárias, as salas de aulas e os currículos quadrados da academia.

É sobre também, se fazer ouvir pela possibilidade de que tudo ao nosso entorno, importa. Falar de Joelma dentro dos muros da universidade foi de longe o desafio mais desafiante que encontrei até aqui. Precisei ser ousado. Sigo sendo. A força que me encoraja é a própria Joelma; a sua voz que acentua cada desalinho do meu ser. É gutural.

Na oportunidade de um Bacharelado em Humanidades, o qual obtive o título em 2019, “botei” o pé na porta e a escancarei dizendo: “a Joelma é cultura e tudo que a interessa, nos interessa. Sejamos mais gratos com essa artista”. Feito isso num artigo de fôlego, estabelecendo um contraponto entre o sujeito (Joelma) e os movimentos pautados pelas Ciências Sociais como a análise da história/trajetória de vida e a percepção do corpo que para além das funções motoras, nos fala. De diversas maneiras.

Desde então, aconteceram eventos importantes no âmbito da pesquisa sob minha responsabilidade. Fundei o Coletivo de Estudos Cinesia Joelma¹, núcleo dedicado à produções sob a luz das Ciências Sociais tendo a cantora como referência maior. A esse grupo devo uma parte significativa de meu amadurecimento enquanto cientista social e pessoa apaixonada pela Joelma.

A narrativa construída em primeira pessoa, portanto, uma autobiografia, ou “escrita do eu”, uma escrevivência, método difundido pela Mestra Conceição Evaristo (Evaristo, 1996), pretende para além de contar episódios importantes que estabelecem uma relação entre fã e artista a representação desta categoria de devoção cuja fonte pode ser um mistério se observado com profundidade. **Ser fã não é uma capacidade adquirida, mas uma característica inata ao ser humano** e que parte de nós desconhece ou ignora esse fato, outros como eu acreditam e perseguem tal princípio como se a vida só pudesse ser completa ao expressar tanta dedicação

¹ Concebido e registrado em Cartório sob o título de arquivo documental sobre a cantora Joelma, tem como principal objetivo produzir e fomentar pesquisas cujo sujeito e/ou objeto esteja relacionado com a representatividade artística e cultural promovida por Joelma.

em prol de uma estrela construída num céu de tantas outras. Nele, apenas uma resplandece e transforma tudo; por dentro e por fora.

Sobre tal devoção é importante assumir o papel com a responsabilidade que lhe é evocada. É na minha concepção, uma das expressões mais genuínas, capazes de reposicionar rotas em diferentes aspectos, sejam eles na vida íntima ou pública. Eis aqui uma prova contundente. Para ser mais específico, essas páginas não apenas registram as minhas memórias e sentimentos, como também, afirmam a importância de acreditar naquilo que nos incendeia. As nossas aspirações importam, justamente porque fazem parte de nós, somos nós.

Modéstia parte, minha trajetória é dotada de comprometimento e implicações que penso serem fundamentais para a construção do sujeito que sou hoje. Parte significativa da escrita deste percurso é uma costura de textos produzidos para variados fins dentro do curso de Ciências Sociais, etapa que celebro com a apresentação deste trabalho de conclusão de curso (TCC). Nesse sentido, ressalto que o itinerário anunciado no título desta autobiografia cumpre o papel de mostrar mais a mim, do que a própria Joelma, que mesmo num lugar secundário atua com força imensurável em praticamente toda a minha vivência até aqui. Sem demagogia, acredito que esse lugar atribuído por mim à Joelma, representa absolutamente a condição de alguém guiado, orientado e abençoado por uma energia superior; uma divindade que dispensa a sacralidade religiosa, mas conclama para si a veneração de origem afetiva, casta e legítima.

Dito isso, pretendo também traçar um perfil fluído que retrate a natureza e a dinâmica de um fã a partir de minhas próprias experiências e de aproximadamente duzentas narrativas colhidas durante a construção desse trabalho. São relatos oriundos dos mais diversos lugares do Brasil e até de terras portuguesas, o que nos diz que amor de fã não tem medidas, e tampouco fronteiras.

São aventuras, desventuras, superação, referências e encontros que marcam a minha trajetória dedicada em parte à cantora Joelma, “uma das maiores artistas brasileiras da contemporaneidade” (Lago, 2019). Nesse exercício, lanço mão de reflexões tecidas por Edgar Morin (1921), para descrever figuras midiáticas, como Joelma. Sendo assim, as considerações sobre o *star-system*, uma estrutura que projeta grandes artistas e os torna um padrão de consumo e de identidade, darão tom ao entendimento da representatividade artística e cultural promovida pela artista Joelma. Nesse contexto, pode-se entender que o sistema projetor de estrelas também produz interesses acerca do *show business*, com personalidades prestigiadas por atributos que divagam entre o atrativo, o excêntrico, o brega (popular), o erudito, e a gama de estilos e tendências musicais/artísticas que surgem paulatinamente e constituem assim um repertório pujante de artistas alçados a deuses, ou como popularmente se define, as divas.

A respeito desse movimento que transforma artistas em figuras endeusadas, há um debate sobre o que a autora Linda Lister chamou de “divatização”, em “Divatização: A deificação das mulheres popstars modernas”² (Lister, 2001), numa percepção ampliada dessa relação que concede atributos surreais à artistas como a Joelma, e as qualifica num seletivo grupo de “divas”, “divinas” e “deusas”; uma analogia fiel ao afínco de ser fã e especialmente neste trabalho, ser também devoto, contemplando integralmente as reflexões tecidas aqui sob um prisma antropológico.

Cumprindo um desejo incandescente de legitimar essa relação de profunda entrega para os moldes da academia, esse percurso suscita questionamentos acerca de conceitos caros às Ciências Sociais, tais como o da autobiografia (Queiroz, 1988), afetividade (Saada, 1990) e algumas noções sobre o *ser fã* vistos em (Vasconcelos; Sales; Da Silva, 2023). Portanto, este trabalho se desenvolve em cinco capítulos que recebem títulos de canções interpretadas por Joelma ao longo de sua carreira. Cada canção no contexto desta autobiografia, pretende guiar o/a leitor pelo itinerário que surge desta relação entre fã e artista. São músicas (letra, melodia e performance da Joelma), que possuem lugar cativo para a minha trajetória, me arrisco dizer, que são legítimos mantras com capacidade de cura e fonte de inspiração.

Entender o método autobiográfico, consiste em instaurar um processo de investigação sobre o sujeito analisado; neste caso, estarei reconstruindo narrativas baseadas na memória de experiências nas quais a relação com a Joelma fez reverberar emoções que atravessaram a minha própria história e identidade. Nesse sentido, farei desta metodologia uma ferramenta de interlocução entre a vivência e a escrevivência, alinhavando ideias e acontecimentos, à luz da Antropologia e Sociologia.

Escrever uma autobiografia com o recorte e a intencionalidade propostos nas páginas a seguir, também representam um movimento de cura e arrisco dizer, de libertação. O tratamento de traumas e situações vivenciados na infância puderam por meio desse trabalho reposicionar posturas e desfazer julgamentos. Boa parte desses estranhamentos estavam voltados ao meu relacionamento familiar, em especial com minha mãe. Muito embora tenhamos tido uma relação de muita intimidade quando eu era criança, a chegada da adolescência nos trouxe um afastamento provocado pela vergonha fabricada e atribuída ao modo como a minha mãe se comportava na comunidade.

² “Divafication: the deification of modern female pop stars” foi originalmente publicado no periódico *Popular Music and Society*, em 2001, e traduzido para o português por Daniel de Andrade Lima.

Falar sobre tais aspectos ainda me causa desconfortos, e parte do processo de desenvolvimento deste texto me custou angústias e muito choro. Em diversos momentos da escrita desta autobiografia eu escrevi com meus olhos; eles escreveram as palavras que saíram de um lugar bem escondido dentro de mim. E essa foi a cura que eu precisava e o perdão que eu não sabia que também seria crucial para que esta narrativa pudesse ser completa. Portanto, as minhas palavras aqui são também sinal de liberdade, de maturidade e de resiliência. Eu encarei a necessidade de voltar aos lugares e às situações que me machucaram, me recriminaram e me afastaram de coisas e pessoas que eu amo.

Cada capítulo que compõe a presente monografia faz alusão a uma música da Banda Calypso, na seguinte ordem: I - “Menina do Interior”, (acrescida do artigo ‘o’, de modo a circunscrever o gênero ao qual me identifico enquanto autor da autobiografia); II - “Sonho Bonito”; III – “Passe de Mágica”; IV – “Estrela do Meu Show”; V – “Com Você Onde Sua Vida For”. As cinco (5) canções que embalam as narrativas circunscrevem um recorte temporal com representação exclusiva de interpretações da cantora Joelma em sua atuação na Banda Calypso (1999-2015), período em que o acesso aos álbuns da dupla através da pirataria era comum. Ainda sobre essa peculiaridade do trabalho, a escolha dos títulos dialoga de forma contundente com o cenário desenvolvido na escrita.

A Joelma representa essa força, a magia que me impulsiona e transforma tudo em mim, e que sai de mim. É por meio dela que vem toda a coragem depositada neste trabalho e a ousadia de me perceber como um sujeito transformado por outro sujeito, que em muitas vezes se torna fenômeno. Para além de todos os sentimentos, eu sou profundamente grato por ter sido escolhido, e não ter escolhido a fonte de tamanha devoção e respeito.

Talvez eu não precisasse de outra referência artística, considerando a minha mãe a maior referência da arte enquanto manifestação popular e cultural com todos os atributos que uma diva pode ter: a dança, o figurino, a expressão e a autenticidade. Minha mãe teve tudo isso, e mais; teve coragem. Logo, amor de fã, também é sobre o amor de mãe, em especial da minha mãe.

Em síntese, “*Amor de Fã³*”: *O itinerário autobiográfico de um devotado à cantora Joelma*, para além de reconstruir parte importante da minha biografia, com o peso de um diário pessoal com o registro de acontecimentos que marcaram parte de minha trajetória devotada à

³ “Amor de Fã” é o título de uma canção escrita pelo compositor pernambucano Elvis Pires, com interpretação das cantoras Priscila Senna e Joelma, gravada ao vivo em 28 de outubro de 2015, em Olinda-PE. A mensagem explicitada na letra se trata de uma declaração de amor manifestada pelos fãs de artistas do gênero brega-calypso. Esse foi o primeiro registro público da cantora Joelma após sua saída da Banda Calypso.

Joelma, estimula um debate acerca de questões sobre convívio familiar, sexualidade, identidade, religião e fascínio, tratando-se de uma escrita que transcende a categoria intimista para tornar-se plural, consistente e representativa para aqueles que vivenciam a coragem e a delícia de ser um fã. Desejo que as próximas páginas possam emocionar o/a leitor/a, com o brilho nos olhos e o calor no coração de quem conhece o amor. Essa é também uma história de amor. Amor de fã.

2 MENINA[O] DO INTERIOR

*“Eu lembro quando era criança
 Brincando na beira do rio
 Deixando o tempo passar ou passando o tempo
 Era o meu desafio
 Perdida na cidade grande
 Procurando me encontrar
 Em qualquer lugar, em cada esquina
 Estou louca pra voltar”.*

(Menina do Interior; Kim Marques. J.C. Shows, 2009)

As relações sociais construídas por cada um de nós ao longo da vida, desempenham valioso papel e cultivam sentimentos preciosos que estão entrecruzados em diversos aspectos individuais e coletivos. Nossa história é o que somos e tudo aquilo que fazemos. Caminhar na jornada da vida é a maior trajetória que iremos percorrer, e desse modo escrever uma narrativa com o que aprendemos e compartilhamos. Não sabemos ao certo até onde conseguimos ir e não existem regras de como viver. Construimos nossa identidade e adquirimos experiências com base nos elementos que nos cercam.

Viajar no tempo, utopicamente é uma das ações mais corajosas que podemos executar durante a vida. Considero que o regresso ao que fomos, e que não deixamos de ser, está imbricado em resgates que possuem amplas possibilidades. Por meio delas podemos nos machucar, mas também, encontrar a cura para feridas que aparentemente estavam cicatrizadas. O fato é que, nossa vã filosofia cumpre seu papel em nos orientar para concepções que só dizem respeito aos nossos desejos, e para bem dizer é nobre expressar concordância com *Shakespeare*⁴, quando este nos diz: “o homem é escravo de suas paixões”. É justamente por acreditarmos com intensidade nas vontades que nos subjagam que fazemos escolhas, trilhamos caminhos, fazemos travessias e somos atravessados por inconstâncias. No passado, no presente e no futuro incerto, mas pretendido, desejado.

É nesse movimento que me percebo, pois antes de querer ser, eu sou. Nesse percurso

⁴ A citação evocada encontra-se na peça teatral *A Megera Domada*, publicada originalmente em 1594, de William Shakespeare.

me recordo de uma canção na qual *Cartola* já cantava: “Deixe-me ir, preciso andar [...]”⁵. Então, nessas idas e vindas numa temporalidade às vezes imprecisa, seguiremos juntos até São José do Paiaí, povoado do município de Nova Soure a cerca de 270 quilômetros de Salvador, na Bahia.

É sobre a tenacidade do *ser fã* que essa autobiografia se sustenta. Através de acontecimentos importantes guardados em minha memória, faço aqui um resgate de momentos que moldaram o meu lugar enquanto apaixonado pela cantora Joelma desde os oito anos de idade; e hoje um pesquisador dedicado a analisar essa persona artística projetada pela musicalidade e cultura do Pará. Esse encantamento surgiu em meados do ano de 2005, numa casa bem simples situada à Rua da Boiada ao lado da velha delegacia de polícia, que naquela época servia de abrigo para uma família.

Éramos eu, meu irmão caçula⁶ Estefânio, chamado por todos de “Teté”, e minha mãe, *Mateusa*, apelido para Maria Mateus. Naquela época, passamos a conviver com o pai de meu irmão mais novo, o Epifânio, a quem eu havia aprendido a chamar de “Pipi”. Ele foi, até certo ponto, a figura mais próxima de um pai que pude ter, muito embora, eu não o considerasse como tal. Ainda criança, eu estranhava algumas relações à minha volta e com ele não era diferente.

Cresci entre as ruas do povoado e a roça onde “Pipi” morava, passando temporadas no casarão que ele herdara dos avós na Fazenda Carrapato onde estavam localizadas as terras de sua família. Em algumas vezes nas brigas entre minha mãe e meu padrasto, éramos obrigados a fazer uma caminhada de aproximadamente cinco quilômetros até nossa casa no povoado durante a noite, contando apenas com a luz da lua quando essa servia de iluminação. Me lembro da espontaneidade que tomava a conversa entre mim e minha mãe; eu seguindo a pé ao lado dela, e meu irmão no colo já adormecido.

Esses primeiros episódios dão o mote a outros eventos que serão trazidos ao longo desta narrativa, e ao avistá-los desde aqui, me recordo das palavras de Maria Helena Menna Barreto Abrahão numa definição de autobiografia, compreendendo o esforço aqui pretendido. No texto “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica”, (2003), a autora nos diz que a pesquisa autobiográfica se utiliza de diversas fontes, e depende da memória, esta que contribui significativamente para a reconstrução de elementos que dão consistência à análise do sujeito observado. Ainda segundo Maria Helena, a tradição de pesquisa desta natureza, imprime ao

⁵ A canção *Preciso me Encontrar* é de composição de “Candeia”, lançada em 1976 por “Cartola”, no álbum *Cartola II*.

⁶ De acordo com o site [Enciclopédia Significados](#): “Caçula é uma palavra com origem no termo em quimbundo *kasule*, que significa “último filho” ou “último da família”. Caçula é a designação dada ao filho/a ou irmã/o mais novo de uma família.

pesquisador o exercício de “compreender o fenômeno em estudo”, (2003), ao contrário da pretensão em “estabelecer generalizações estatísticas”, (2003).

Tendo isso em vista, é possível dizer que a narrativa construída a partir de minhas memórias possibilita para além de uma reconstrução cronológica, o aprofundamento em questões que sempre estiveram imbricadas na minha *relação devocional com a Joelma*, como **sexualidade, gênero** e outras *interseccionalidades* que serão elucidadas aqui. Esse resgate de fatos da infância que moldaram o meu relacionamento com a artista, e de modo ainda mais íntimo com a Joelma enquanto pessoa, simboliza uma conexão de emoções, reconhecimentos, respeito e de um profundo **pertencimento** que só a **afetividade**⁷ é capaz de explicar; conceito que trago mais adiante.

Para tanto, ainda me valendo das palavras de Maria Helena quanto a autobiografia, seu texto nos diz: “as narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas na trajetória de nossos informantes” (2003). A autora cita Moita (1995), para pontuar que a pesquisa autobiográfica é “a metodologia com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural”, o que descreve o trabalho autobiográfico projetado por mim neste trabalho. Portanto, as minhas experiências abrem lugar para que outras vivências de fãs da Joelma possam ser validadas enquanto produção assistida pelas Ciências Sociais, com a produção de análises perante os recursos que lanço mão, como a autobiografia ou mesmo a *escrevivência*⁸, como nos ensina Conceição Evaristo e em outros casos, a *etnografia*.

Foi nesse pedacinho do semiárido baiano, localizado ao sul de Alagoinhas e ao oeste de Feira de Santana que cresci numa família formada por minha mãe, meu irmão mais novo e meu padrasto. Sou o filho do meio, nascido dois anos depois do meu irmão mais velho, e consequentemente, dois anos antes do meu irmão mais novo. Cada um de nós tem um pai diferente e eu sou o único que não tive o convívio com o meu ficando órfão ainda na infância. Meu presente no aniversário de 07 anos, foi a notícia de que haviam assassinado na noite anterior, dois tios e meu pai.

Não poderia deixar de trazer tais acontecimentos com perdas e conflitos de uma infância tenaz que irá se desvelando ao longo desta autobiografia. No entanto, quando crianças, somos exímios arquitetos, sobretudo, na projeção do que queremos ser ao crescer, e o crescer significa muito. A dita “natureza fraca” não me deu escolhas para vislumbrar uma carreira como

⁷ Afetividade no contexto desta autobiografia será tratada a partir do texto “Ser afetado”, de Jeanne Favret Saada; 2005.

⁸ Escrevivência é um dos grandes conceitos norteadores desta autobiografia, cuja Mestra Conceição Evaristo nos empresta sua sabedoria para falar de nós e sobre nós.

profissional de saúde, considerando minha aversão a sangue, principalmente. Adentrar essa honrosa profissão estava fora de questão; então, eu deveria ser professor.

Por muito tempo, mantive essa chama acesa e tive algumas oportunidades de orientar alguns colegas que não apresentavam bom rendimento na escola, mas com o passar dos anos comecei a sentir que estava predestinado a outras coisas. Mas, ainda nos meus dias do “primário”, em meados 2004 quando entrei na classe de alfabetização, chamada carinhosamente de “alfa”, vivenciei alguns desafios que poderiam ter trazido a desesperança já naquela época, considerando a minha passagem meteórica na turma de iniciantes, isso, graças ao meu irmão mais novo.

Minha mãe fazia serviço doméstico na casa de uma mulher de idade avançada, então, enquanto minha mãe trabalhava, eu precisava assumir a responsabilidade dos cuidados com meu irmão e sem surpresa alguma deixei a escola para ajudá-la nessa tarefa. Porém, minha educação não ficou restrita ao ambiente escolar; minha mãe ao chegar do trabalho me obrigava a aprender, e o sentido da expressão “obrigar” é literal. Foram muitos os castigos físicos aplicados, quando as operações matemáticas não davam certo, ou quando as sílabas eram “soletradas⁹” de forma desconexa, e principalmente, quando eu não queria estudar.

Na tessitura dessa autobiografia, a visão potente de Conceição Evaristo acentua com primor o diálogo estabelecido entre a memória e a narrativa aqui desvelada, sobretudo, quando a autora nos diz: “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas” (Evaristo, 2018, p. 12). Resta, portanto, a compreensão acerca de que ainda que façamos uma reprodução com a riqueza de detalhes envolvidos nos acontecimentos de nossa vida, sempre é possível potencializar ou não, o fato a partir da intencionalidade pretendida. Essa autobiografia, enquanto instrumento de análise social, cumpre nesses termos o compromisso de validar o lugar do fã da Joelma, por meio de minha experiência como tal. Para além, este percurso desnuda questionamentos através de outras vivências, que falam do *eu*, para também falar de uma das maiores referências culturais e sociais que cativo desde a infância.

Os episódios narrados neste capítulo, de modo especial, atentam também para uma construção pessoal que permeia meu desenvolvimento escolar, a relação familiar, com a comunidade na qual cresci, e com os espaços pelos quais adentrei. Nesse sentido, há um trânsito entre o menino apelidado de “Nino”, e o pesquisador autobiográfico, Mateus Lago, que recupera e constrói caminhos para uma reflexão maior sobre a afetividade que lhe é característica e a referência promovida por Joelma. Adiante, sigo revisitando meus primeiros

⁹ A expressão “soletrar” é usada no texto como uma referência à pronúncia das sílabas que formam as palavras.

anos na escola num movimento que demarca também a minha posição atual.

No ano seguinte voltei para a escola definitivamente, já cursando a 1ª série, do 1º grau, como foi registrado no meu boletim escolar. As notas finais comprovam que Matemática quase nunca foi o meu ponto forte, e eu desconfio que os castigos aos quais fui submetido, às vezes em excesso, tenham contribuído para um possível trauma na aprendizagem de exatas. Contudo, nas demais matérias me saí bem e o avanço foi notável nos anos seguintes.

Já em 2006, aprovado para a 2ª série, a professora Edilza era o sonho de qualquer aluno esforçado ou não. Paciente, afetuosa e persuasiva foi capaz de cativar a turma por completo, até aqueles alunos mais difíceis, alguns meninos que com idades iguais a minha não estão mais vivos para lembrar e contar histórias. Esse período, significa uma miríade de sensações para mim, e ao escrever tais memórias, me vêm lágrimas aos olhos recordando que foi ali que eu vivi minha primeira paixão de criança com uma menina chamada Jéssica.

Dentre as minhas principais características, ter palavra e cumprir promessas é de longe uma delas, por isso viro e reviro o mundo para alcançar os meus objetivos e entrego essa energia ao Universo que se incumbe do que lhe é devido. No fim daquele ano letivo Jéssica foi embora com a família para a sede do município, já que morávamos na zona rural e eu lhe prometi que iria atrás dela e que voltaríamos a estudar na mesma escola. Foi assim que em 2007 comecei a 3ª série na Escola Municipal Paiaiaá, me destacando entre os demais alunos por expressar uma personalidade forte, uma dose de sagacidade, e por vezes de frieza. Os acontecimentos narrados a seguir, descrevem como minha promessa à Jéssica foi cumprida, e principalmente, os rumos que meu itinerário tomou naquele ano categórico.

A 3ª série do Ensino Fundamental era uma fase temida por ser ministrada pela professora Ilma Reis, moldada num conservadorismo que não muito longe se valia de punições físicas para reprimir os maus feitos dos estudantes. Com um arquétipo de tirana, Ilma intimidava crianças como eu, mas não a mim; pelo contrário, tínhamos uma relação de muito respeito e carinho demonstrado nos presentes que ela me dava vez ou outra. O fato é que, nos primeiros meses de classe, fui selecionado por ela para compor um grupo de alunos que se destacaram nas atividades da turma. Éramos responsáveis pela manutenção da sala de aula quanto à decoração temática que as datas comemorativas pediam. Dentre os espaços que cuidávamos na sala, foi criado “o Cantinho da Natureza”, formado com plantas de pequeno porte, casa de *João-de-Barro* e outros elementos relacionados ao meio ambiente.

Três desses objetos eram passarinhos decorativos que todos os dias eram colocados entre as plantinhas do cantinho, que eram recolhidos ao fim da aula, para evitar que fossem levados pela turma da tarde. Certa vez, a professora Ilma se ausentou por alguns dias e foi

substituída por uma estagiária, que sem o rigor da atenção que era destinada aos itens do espaço, não percebeu o desaparecimento dos passarinhos; o que provocou um grande constrangimento e uma mudança nos meus dias a partir dali.

Embora eu fosse parte daquele grupo de alunos esforçados, esse bônus não me isentou de marcadores sociais que me apontaram como culpado pelo transtorno da perda dos passarinhos. Aparentemente era óbvio que os passarinhos decorativos haviam sido roubados, e como eu era o único menino do grupo responsável pelas tarefas de organização, não restavam dúvidas de quem havia levado os pássaros para casa. Essa foi a sentença de um achismo compartilhado com a direção da escola, que na época era prima da professora Ilma. O burburinho se espalhou feito fogo num palheiro, assegurando que eu havia roubado os objetos.

Havia também sobre mim o estigma de ser filho de “Mateusa”, conhecida por ser a “rumbeira de circo”, usando roupas consideradas “indecentes”, mas principalmente por ser uma mulher autêntica. Escrever com consciência sobre minha mãe e o lugar no qual ela esteve inserida requer um amadurecimento proporcionado de forma significativa por esta escrita. Era comum ouvir a expressão: “Nino, filho de Mateusa”, como se fosse uma inscrição a meu respeito; e hoje eu entendo do que se tratava.

Ainda em diálogo com Conceição Evaristo a respeito da inventividade a que nossa memória está sujeita, a autora nos diz: “como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (Evaristo, 2018, p. 12), retomando, pois, a ideia de que se o resgate de fatos acontecidos não basta ou não se confirmam por intermédio de um recurso como uma fotografia, por exemplo, a arte de inventar é uma aliada na costura da narrativa que se pretende. Contudo, não afirmo que parte desse itinerário seja fruto da invenção, apenas, aponto caminhos já trilhados por quem à luz das Ciências Sociais empresta suas reflexões e produções para consolidar a minha jornada.

Na continuidade do episódio no qual fui acusado pelo sumiço dos passarinhos na escola, eu não esperei que a “notícia” fosse dada à minha mãe por outra pessoa e de qualquer maneira; eu mesmo contei a ela num tom despreocupado por ainda não entender a gravidade do assunto. Ao chegar em casa encontrei minha mãe na velha cozinha anexa à casa, preparando o almoço no fogão à lenha e despejei o que acontecera comigo e com uma das minhas colegas que não foi poupada dos insultos proferidos pela professora Ilma.

Contei da acusação destinada a mim, sem o direito à defesa, e só então, me dei conta de que eu havia sido violentado de algum modo, pois me veio a sensação de medo, de impotência e angústia. Minha mãe me ouviu atenta, fez apenas uma pergunta: “você pegou os passarinhos?”. Eu não havia pego, e ela sabia; então só cabia uma atitude a ela: ir diretamente

à professora Ilma. E ela foi naquele mesmo instante, com as roupas que usava ali e com os pés descalços.

Essa cena é uma das mais conflitantes que carrego desde então. Minha mãe esquecendo o almoço e saindo pela rua como se tudo dependesse da defesa que só ela poderia fazer. É também uma imagem que simboliza o quanto essa figura incide sobre aquilo que entendo como proteção. Para além dessas constatações, um detalhe peculiar avoluma o clímax desse episódio, sendo a minha mãe do signo de escorpião e tendo adotado desde cedo a expressão “morder com o rabo”.

O que aconteceu em meio a rua principal do povoado não pode ser contado por mim, pois não vi; mas, muita gente presenciou as ofensas sustentadas pela professora e rebatidas por minha mãe; custasse o que fosse, nenhum dos filhos dela passaria por ladrão, mesmo que o meu pai tivesse tal fama. Daí por diante começou uma perseguição; no dia seguinte minha mãe foi à direção da escola numa tentativa de responsabilizar a professora pelo constrangimento, mas a situação se agravou ao ponto de acontecer um absurdo. Na volta dela à sala de aula onde a turma a esperava após uma reunião convocada às pressas, fui outra vez submetido a um ato de violência e covardia pela professora que numa raiva palpável, feria a mim e as demais crianças daquela turma.

Os instantes dessa agressão da professora Ilma não foram tolerados por mim que conhecia desde cedo o peso de palavras ditas em alta voz, o risco que dedos em riste representavam, então, me levantei pronto para sair da sala e fui impedido pelas mãos daquela mulher que descontrolada, tentou me conter. O ímpeto de defesa pode ser desmedido para um menino de 9 anos de idade, e foi com uma força descomunal que me livre dos braços que me seguravam; nessa tentativa abrupta acertei uma cotovelada na barriga dela, gesto que ela lembra e utiliza como defesa em prol da reputação dela até os dias atuais.

Os fatos recuperados nesta narrativa são sustentados de modo principal pelas contribuições necessárias de Conceição Evaristo, que concede sua sabedoria ancestral e escancara um novo molde de escrita, mais sensível, menos engessado, e acessível. Quando ela nos fala de escrevivência, está falando sobretudo de uma narrativa verossímil, legítima e de busca: escrever a minha biografia deste lugar, partindo de mim, portanto, uma autobiografia, é “[...] perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha” (Evaristo, 2018, p. 12).

Nesse momento em que recupero tais fatos, vez ou outra também aponto algumas observações percebidas em pessoas envolvidas naquele contexto e que vão se revelando ao longo desta escrita. É um exercício que faz parte da reconstrução que pretendo aqui, e dito isso,

nas próximas linhas narro o desfecho dos episódios que marcaram a minha passagem pela terceira série.

Após saí correndo e aos prantos da sala de aula fui para casa, o que motivou a minha retirada da escola imediatamente. Minha mãe não mais permitiu que eu frequentasse as aulas e ao modo dela, me transferiu para outra escola nas redondezas. Naquela mesma semana, fui transferido sem o conhecimento da direção da escola ou da Secretaria Municipal de Educação para uma escola do município vizinho, Olindina. Não lembro o nome da escola, nem mesmo do lugar no qual a unidade estava inserida, mas era um legítimo rincão no meio de uma zona rural.

A turma na qual fui alocado pela professora Janaína, que morava também no Paiaíá, eu atuava como uma espécie de aluno assistente dela, pois de longe, era o mais avançado comparado ao restante da turma; ajudava nas atividades e por vezes lhe emprestava os livros didáticos que foram usados por mim na outra escola. Essa situação durou aproximadamente 2 meses, pois, a Secretária de Educação da cidade de Nova Soure, nos convidou para uma reunião em seu gabinete a fim de mediar o ocorrido e resolver o problema.

Numa segunda-feira, minha mãe e eu fomos à Secretaria de Educação na cidade para conversar com a Sra. Suzana Macedo, a responsável pela pasta no município. Lá, estava também Tânia Cristina, a diretora da escola do Paiaíá; entramos os 3 na sala; eu, minha mãe e a diretora que já havia conversado particularmente com a secretária. Antes do início da conversa, Suzana olhou para mim e perguntou se eu me sentiria confortável com a presença de minha mãe e da diretora na sala; sem pestanejar eu disse que não, e gentilmente, Suzana as convidou a se retirarem do gabinete, no qual ficamos eu e ela.

Naquele momento eu novamente me dei conta de que eu tinha sido de fato molestado, quando alguém que deveria zelar pela minha integridade havia me violado; então, não reprimi mais os sentimentos que me assombravam desde o ocorrido e chorei incansavelmente até que a decisão da secretária me acalmou. Ali mesmo, na minha presença, ela telefonou para a direção da escola Rui Bacelar, na sede do município, e providenciou a minha transferência para aquela unidade. Minha mãe agradeceu a atenção da secretária e dali fomos preparar a documentação necessária para a matrícula, pois na terça feira pela manhã bem cedinho, minha nova jornada começaria.

Nossas palavras têm poder, e acreditar nisso as torna instrumentos para o bem ou para o mal. Nesse caso, elas foram as responsáveis por concretizar a promessa que eu havia feito à Jéssica, meses atrás. Não fiquei surpreso quando descobri que a escola na qual eu passaria a estudar, era a mesma em que a menina dos meus pensamentos também estava. Na manhã

daquela terça feira que sucedeu à reunião eu adentrei os portões da escola com minha mãe ao meu lado, feito uma leoa. Os passos que nos conduziram até o pátio da escola foram encobertos pelos meus batimentos cardíacos descontrolados; eu não sabia o que me esperava e como seria recepcionado. Mas, aquele rosto conhecido, o ar de surpresa, a voz eufórica, e o calor no meu peito, foram capazes de me surpreender como em poucas vezes foi possível nesses 27 anos. Ali estava Jéssica rodeada pelas novas colegas num banco de cimento conversando alegremente e parando abruptamente ao me reconhecer. A pergunta que lhe escapou foi: “ - o que Mateus está fazendo aqui? ”.

A partir daqui passo de uma narrativa acentuada em detalhes, para a transcrição de lembranças com recorte temporal de modo a posicionar minha trajetória estudantil como parte importante para o que pretendo elucidar com o desenvolvimento deste trabalho: a devoção aflorada para com a Joelma e como tal referência refletiu impactos inimagináveis na minha vida. Os anos seguintes mostram que apesar dos desafios encontrados em diferentes cenários pelos quais passei, a voz e a imagem da cantora permaneceram invictos no meu imaginário. Sem exageros, eu sentia que estava de algum modo predestinado a viver sob uma emoção que mesmo desconhecida, me tomava de modo confortável.

O resto daquele ano fluiu bem, apesar da mudança significativa pela qual eu havia passado. Já no ano seguinte fomos quase em maioria aprovados para a 4ª série na escola Prof. Rômulo Galvão ficando boa parte na 4ª série A. Eu e Jéssica continuamos juntos numa sintonia que parecia desenhada; é claro que nossas emoções enquanto crianças não correspondem ao aglomerado de sentimentos e escolhas que somos e fazemos quando deixamos a infância num jardim de lembranças, onde habitam sonhos e versões de nós mesmos que talvez, só as crianças possuem a pureza de compreendê-las.

Já em 2009 eu iniciava um novo ciclo educacional nos anos finais do ensino fundamental. A famosa 5ª série simbolizava naquela época um amadurecimento da etapa escolar e da vida do estudante; era a fase em que deixávamos de escrever a lápis, para utilizar canetas. Além dessas mudanças, me vi outra vez dentro de um movimento importante que dizia respeito à nova gestão da escola do Paiaia. Um acordo estratégico entre minha mãe e a diretora Evani Cruz, proporcionou meu retorno àquele espaço no qual feridas tinham sido abertas; mesmo passados 2 anos as cicatrizes da violência que sofri ali ficariam por muito tempo. O combinado entre a nova diretora e minha mãe, assegurava que a professora Ilma daria aulas somente nas séries nas quais eu ainda não estudasse, portanto, a disciplina de Língua Portuguesa seria ministrada por outra professora, a encantadora Renata Rios.

Voltei à escola do povoado onde cresci com direito a uma recepção calorosa. Minhas

amigas celebraram meu regresso e os professores da turma me olhavam com um misto de surpresa e curiosidade. Eu sabia exatamente qual era o motivo de tanta comoção, mas ainda assim, senti um arrepio na nuca, daqueles que nos alertam sobre acontecimentos futuros. Essa fase de minha vida representa de fato uma transição em aspectos diferentes, a começar pelo avanço educacional e pela turbulência da puberdade, fator que hoje me faz entender um pouco das constantes oscilações pelas quais eu passei. Mesmo comprometido com os estudos, entregando seminários bem trabalhados e uma interação com os colegas, professores e a gestão da escola, protagonizei conflitos que me marcaram como um aluno de personalidade forte, e confesso, ter assumido o estigma. A boa relação com a maioria do corpo docente da escola, não foi parâmetro para evitar alguns desentendimentos.

Antes de adentrar mais no desenrolar dos próximos anos de minha trajetória estudantil e reconstituir as experiências como fã da Joelma, trago novamente as considerações de Maria Helena Menna Barreto Abrahão quanto ao sentido da autobiografia enquanto instrumento de análise social. No texto referenciado neste trabalho “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica” (2003), a autora nos diz que:

[A autobiografia] estabelece a tese de que a memória do narrador (reconstrutiva da significação de suas vivências) e os instrumentos de análise e interpretação do pesquisador são elementos que se imbricam e complementam para melhor compreensão de dimensões da realidade pesquisada, tanto na perspectiva pessoal/social do narrador, como na perspectiva contextual da qual essa individualidade é produto/produzida. (Abrahão, 2003, p. 14).

O que está posto nesse exercício, diz respeito sobretudo à capacidade do narrador em concatenar sua trajetória com marcadores sociais que constituem a sua experiência. Exemplo disso, aponto a partir desta autobiografia algumas questões que consubstanciam a análise por meio do aprofundamento na minha relação familiar e com a escola/comunidade, que desde cedo já estava atravessada pelo que se conhece por *interseccionalidade*, que nas palavras de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), pode ser compreendida da seguinte maneira:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (Collins; Bilge, 2021, p. 16).

Sendo, portanto, a interseccionalidade um mecanismo que dá suporte ao entendimento

das múltiplas relações que estabelecemos em sociedade, me valho deste conceito para elucidar como alguns marcadores sociais presentes em minha vida associam a identidade construída com os elementos internos e externos aos quais tive acesso ao longo da vida. Mais adiante, pretendo essa análise a partir da referência que minha mãe aciona enquanto dançarina de circo e como este fator influencia na atração psicológica com a cantora Joelma. Em síntese, se trata de potencializar a experiência artística que eu tinha acesso dentro de casa, com o modelo de arte e cultura que vislumbrei na Joelma, ainda na infância.

As considerações a respeito de interseccionalidade evocadas para este trabalho, partem do pressuposto de que desde criança nós acionamos aspectos físicos ou psicológicos que atuam como rótulos sobre quem, e o que somos. Ser um homem gay, nordestino e fã da Joelma é uma potente categoria de análise social, pois considera quatro áreas distintas que se sobrepõem. A primeira questão a ser observada nesta análise, diz respeito ao gênero, que assinala meu pertencimento enquanto homem. O contato com aspectos internos e externos à minha realidade contribuíram para que eu me percebesse um homem gay, que se apropria do gênero, mas se reconhece na sexualidade semelhante; ou seja, sou um homem que se relaciona sexualmente e afetivamente com outros homens. Dito isso, passo ao marcador territorial, no qual estou inserido, o Nordeste. Sendo esta, uma região estereotipada pela História, se construiu um discurso de que neste espaço, tudo falta e nada produz; o que evidentemente não se sustenta. Por fim, o lugar de fã desperta para uma observação acerca dos sentimentos, da afetividade mencionada anteriormente, e do que tenho chamado aqui de devoção.

A devoção, compreendida aqui enquanto veneração a uma imagem, (no caso dessa autobiografia a cantora Joelma é elevada por seus atributos socioculturais e artísticos a esta posição), representa a intencionalidade proposta no título deste trabalho, quando com base no comprometimento relacionado a essa persona, se percebe uma conexão que ressignifica comportamentos, questionamentos e a própria identidade. Há também, vale destacar, uma *deificação* ou *divatização* atribuída à artista, conceitos e análise vistos em “Divatização: A deificação das mulheres popstars modernas” (2020), de Linda Lister. Nesse contexto, me refiro ao movimento de adoração de cantoras “pop”, tal como a Joelma se assemelha, muito embora, essa não seja a opinião comum por parte da crítica fabricada, aquela que julga saber, sem conhecer. Uma abordagem aprofundada acerca desse movimento dá tom ao próximo capítulo desta monografia.

De volta à minha trajetória, ainda no pequeno povoado onde morava, a passagem pela 6ª série e a aprovação para a 7ª se deram sem surpresa, considerando minha constante dedicação aos estudos. Cada vez mais entrosado com a comunidade, comecei a demonstrar interesse pela

vivência na igreja católica, uma capela cujo padroeiro é *São José*¹⁰, santo de minha maior devoção. Minha rotina foi preenchida com uma nova atribuição voltada às atividades religiosas. Porém, no ano de 2011, minha mãe se aventurou em um novo relacionamento, após um término quase definitivo com o meu padrasto. A “toque de caixa”¹¹, ela nos levou para morar noutro povoado na zona rural do município e nos matriculou em outra escola, também em outro povoado. Lá, tive um contato mais próximo com meus primos por parte de pai e em pouco tempo ganhei notoriedade pelo esmero nas atividades e numa candidatura ao Grêmio Estudantil, fui eleito com maioria dos votos, mesmo sendo um recém-chegado.

As condições da casa e da região onde morávamos eram insalubres. A água que usávamos para consumo era coletada em tanques naturais, aqueles cavados no barro, e a filtragem dessa água era feita num pano para extrair as impurezas visíveis. Sem o mínimo saneamento básico, as necessidades fisiológicas eram feitas num pequeno matagal aos fundos da propriedade; a iluminação da casa era à luz de candeiros, por isso as atividades escolares eram realizadas antes do pôr do sol; essa rotina pesada me fez declinar num quadro de infecção urinária. Eu, meu irmão mais novo e o filho mais velho do então companheiro de minha mãe íamos à escola pela manhã, e à tarde ajudávamos nas atividades domésticas; os mais habituados iam para a lida na roça, já eu assumia os trabalhos da casa, inclusive a busca de água num raio de 2 quilômetros a pé, com dois baldes grandes e cheios.

Arrisco confessar por meio dessa escrita que esse foi o período mais desafiador e sombrio da minha adolescência. Então, vieram os conflitos entre mim e o companheiro de minha mãe, e conseqüentemente entre eles também. Foi nesse cenário que voltamos para nossa casa no Paiaíá naquele mesmo ano, lugar de onde não devíamos ter saído. Tendo retornado ao nosso povoado, na mesma semana também voltei à escola, e nela fui bem recebido, talvez, devido ao aspecto de fragilidade que eu apresentava, mesmo recuperado da infecção. Contudo, eu havia passado por uma transformação no íntimo e aquela personalidade arrojada pareceu ter adormecido, assim como, parte das paixões das quais era cativo. Passei a abstrair potenciais motivos para conflitos, me tornei mais maleável e compreensivo; com essa mudança refiz alguns laços estremecidos de outrora com professores com os quais eu havia conflitado nos anos anteriores, e de modo muito especial, tive a oportunidade de restabelecer a minha relação de afeto com a minha professora favorita, pró Renata.

¹⁰ São José é considerado padroeiro da Igreja Católica, pela bem-aventurança de ter sido o pai adotivo de Jesus. O povoado em que vivi, é chamado São José do Paiaíá, em homenagem ao santo.

¹¹ Segundo o site [Dicionário Online de Português](#), a expressão “toque de caixa” é utilizada para se referir a uma ação executada de modo acelerado, rapidamente.

É curioso e assustador como a adolescência nos preenche e acentua a nossa identidade de forma contundente; a ebulição dos hormônios e das emoções pareciam estímulos elétricos em mim. Ainda assim, passei por essa montanha russa quase que imparcial; as paixões foram suplantadas por outros interesses e aos poucos eu me tornei mais inserido naquela comunidade e nos serviços da igreja, além claro, de minhas frequentes visitas e participações em atividades da Biblioteca do Paiaia, meu berço de conhecimentos. Para falar desse lugar e dessa consciência de formação intelectual a partir dele seria necessário um trabalho dedicado à importância desta instituição, porque lá fui forjado para o mundo, foi daquele útero de aprendizagens que saí estradas afora para aprender mais.

Não bastasse ter me parido, a Biblioteca do Paiaia me acolheu e me proporcionou experiências transformadoras ao longo de minha caminhada por lá. Foi lá também, que encontrei a primeira paixão da minha vida aos 19 anos de idade, e pude me conhecer como homem e vivenciar o prazer do toque e do tocar.

Cursar o último ano do ensino fundamental foi uma fase agradável pelo status que “ser um oitavanista” proporcionava; éramos 18 alunos, e tínhamos uma interação engraçada. O modo “porra loka” descreveu a maior parte dos momentos de uma turma escondida na última sala da escola, ao lado da cantina da escola onde costumávamos surrupiar sobras de merenda; chegamos a nos auto intitular “Portal do Inferno”, com nossa farda vermelha e colarinho branco, um indicativo da intensidade em que estávamos sintonizados. Era lá também onde a melhor professora da escola, a carismática pró Renata fazia a gente chorar de rir com as piadas picantes que nos contava para dinamizar as aulas, e sentávamos todos colados na mesa da professora de Educação Artística e Educação Física para resenhar sobre *Chayene*, da novela *Cheias de Charme*. Naquele ano de 2012, formei com 4 amigas a comissão que presidiu os trabalhos da cerimônia de mini formatura que fecharia aquele ciclo.

Então, no dia 21 de dezembro daquele ano, a data que escolhemos para a cerimônia de formatura, eu era um dos 3 meninos que participaram da Colação de Grau, trajando calça social preta e camisa de cor roxa. Fui o Juramentista da solenidade e fiz o Juramento com a voz embargada, e sendo honesto, não me lembro uma só palavra do que disse naquele momento. Mas dancei, comi e bebi os coquetéis servidos e me recordo de ter sido uma noite bastante agradável, em clima de êxtase, emoção e alívio. Tínhamos vencido aquela jornada e era hora de se preparar para o Ensino Médio, numa outra escola, com novos professores e colegas diferentes. A essa altura, eu já imaginava que reencontraria colegas do passado; afinal de contas, Nova Soure tinha apenas três escolas estaduais, e o “Maria de Lourdes”, era a *Harvard* do Ensino Médio por lá, e a corrida pela matrícula começava com uma longa fila de espera

madrugada adentro.

A partir das memórias recompostas nesta narrativa, penso que um diálogo com a Antropologia das Emoções (Koury, 2004), se faz pertinente quanto a compreensão de sentimentos ocorridos nas situações descritas ao longo de minha trajetória, até aqui, guiada pelo comprometimento estudantil, espaço no qual sempre busquei a excelência. Nas palavras de Koury:

A Antropologia das Emoções parte, deste modo, do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade. A emoção como objeto analítico das Ciências Sociais, pode ser definida, então, como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto e situação social e cultural determinados (Koury, 2004). Em sua fundamentação analítica vai além do que um ator social sente em certas circunstâncias ou com relação às histórias de vida estritamente pessoal (Koury, 2005).

Considerando, portanto, que as emoções estão relacionadas ao ambiente e a cultura na qual o indivíduo está inserido, presumo que o enfoque atribuído neste capítulo ao meu itinerário educacional abre margem para uma reflexão acerca da identidade que construí ao longo de minha vivência na escola, nas comunidades pelas quais passei, e com os modos de cultura aos quais tive acesso. Nesta discussão, cabe de modo relevante uma observação para como a Banda Calypso esteve presente nas casas de muitas crianças como eu, numa época em que o *VHS*, e a fitas cassete davam lugar ao CD e DVD recém-chegados ao mercado informal. Parte significativa das emoções e memórias daquela época possuem elementos que são acionados nos dias de hoje por meio do acervo fonográfico dessa e de outras representações da musicalidade paraense, nesse caso.

A reconstituição de minha trajetória estudantil emerge questões que estão além da relação estabelecida com a Joelma, que ganha robustez na minha adolescência, mas que nasce antes mesmo de minha ida à escola. O formato da devoção a qual eu sustento por meio de minha própria experiência de transformação provocada pela veneração à Joelma, possui, portanto, fases distintas. O sentimento por essa artista não se altera, considerando a longevidade, a fidelidade e as motivações que ele possui; todavia, a intensidade é atravessada pelas escolhas individuais ou coletivas, pela fase na vida e principalmente pelas condições materiais que tornam tal devoção acessível. Isto posto, este capítulo conclui uma reflexão e transcrição de uma etapa importante de minha vida, com uma intencionalidade pautada em acontecimentos que antecedem o cerne desta autobiografia; a adoração em seus termos mais literais pela Joelma.

Quanto ao meu percurso escolar, penso que não poderia ter sido de outra maneira, mesmo com todos os desafios encontrados, que evidentemente foram decisivos para a minha formação intelectual, social e humana. A relação com a minha mãe trazida de modo superficial neste primeiro capítulo cumpre o papel de posicionar a minha convivência familiar, no espaço-tempo acionado nestas primeiras páginas. No entanto, o próximo capítulo desenha com maior profundidade esta relação, assim como, resgata categoricamente os principais eventos que compõem o ser devoto que me tornei.

A Joelma, indubitavelmente é um ponto de equilíbrio pelo qual costumo aplacar todos os conflitos que eventualmente surgem ao longo da minha vida. É uma métrica que dissolve angústias, dá voz às desilusões e oferece conforto nas dores e ânimo nos dias difíceis. Quando me refiro à Joelma, estou dizendo que todo o conjunto ao qual ela representa, cumpre esse papel de suma importância para minha rotina, desde o amanhecer ao anoitecer. Nos dias que por alguma razão houveram ausências da voz, ou mesmo de um vislumbre dessa imagem que traduz muito do que eu sinto, o meu corpo dá sinais de desconfortos. Talvez, as Ciências Sociais não deem conta de definir o que a afetividade provoca, mas permite um entendimento das circunstâncias sociais que atravessaram/atravessam a minha existência desde que pude compreender e me expressar.

Tendo, portanto, amparado este primeiro capítulo numa recomposição de fatos compreendidos entre a infância e a adolescência, sob o prisma das emoções como um campo de produção dentro da Antropologia, é importante considerar ainda que o exercício desta, incute numa investigação de “fatores sociais, culturais e psicológicos que encontram expressão em sentimentos e emoções particulares” (Koury, 2005). Nesse contexto, resta a conclusão de que na transposição de minha infância para a juventude, algumas alterações psíquicas e físicas ocorreram e moldaram este autor que escreve conscientemente sobre tais estágios. Todavia, a subsistência de paixões em sua essência maior permaneceu, a título delas, a Joelma como estandarte desse envolvimento, encantamento, entendimento. Na contemplação honesta como prevê esse Trabalho de Conclusão de Curso, para além de cumprir um rito e me conceder um título, este instrumento também representa uma escuta e abre o espaço para as muitas vozes de meninos como eu, uma “criança viada”, que construiu sua identidade a partir de referências tão potentes como Joelma. Meninos (es) que reproduzem e emprestam suas vidas e artes para propagar cada vez mais esse movimento que não começa e nem termina aqui. Vem de longe e se firma em nós, de nós e por nós. Corrente devocional sustentada pela força do amor de fã.

3 SONHO BONITO

*“Você é o sonho mais bonito que realizei.
Com você não tenho estresses, com você me sinto bem.
Você me sacode, me implode, me faz reviver.
Realiza os meus desejos, faz meu coração sonhar”.*

(Sonho Bonito; Edilson Moreno / Luis Nascimento. JC Shows, 2008)

Na continuidade dos eventos selecionados para recompor a minha trajetória, pretendo me ater neste capítulo aos contatos mais simbólicos com a Joelma, ou como poderão constatar, com a imagem e a voz dessa artista tão emblemática, traduzindo por esta expressão as minhas considerações sobre a performance e a trajetória de vida diluídas no artigo de minha autoria *“Menina do Requebrado”*: *Trajetórias, Expressividades & Performance da Cantora Joelma a partir da Cultura Paraense* (2020). Nele, abordo questões como corporeidade, gestualidade e história de vida que foram observadas na performance desenvolvida por Joelma em suas apresentações, bem como, no legado construído por ela à luz de sua postura pessoal.

Refletindo sobre os episódios que compõem a narrativa a partir de um recorte temporal, me recordei da leitura que fiz em 2018 da obra *“O Canto da Sereia: um noir baiano”*, após a repercussão da adaptação do livro para uma minissérie da TV Globo em 2013; outro produto no qual detive um olhar atento e posteriormente costurei algumas reflexões disponíveis numa resenha para o *Jornal O’Ponto*¹², da UNILAB. Para além da trama que envolve o leitor que aprecia romances policiais, *“O Canto da Sereia”* propõe uma imagem do ser artista equivalente a um deus, ou no caso da protagonista desta obra, uma Orixá.

Sem dúvidas, pude me reconhecer em determinada passagem do livro, a qual evoco aqui para atribuir maior sentido à simbologia do ser fã: “[...] O fã se reconhece no ídolo que lhe dá alegria e emoção, que o consola e dá esperanças que canta por ele, fala por ele – o que o fã gostaria de dizer. ” (MOTTA, 2002). No enredo, Nelson Motta atribui parte do sucesso da personagem Sereia, uma das cantoras mais famosas do *axé music* baiano, à devoção desempenhada por fã-clubes, que impulsionaram a carreira artística dela, ilustrando um quadro com elementos psicológicos e traduzindo simultaneamente a **mercadologia do fã**¹³.

¹² A resenha mencionada está disponível na [edição nº 14](#), do *Jornal O’Ponto*, de fevereiro de 2022.

¹³ A expressão mercadologia do fã condiz com as ideias trabalhadas no artigo *“Só quem é fã entende”*: Uma análise da construção de sentidos sobre o “ser fã” a partir das narrativas de sujeitos pertencentes ao fandom ARMY, de Francisca Vasconcelos, Bárbara Sales e Luana da Silva (Universidade Federal do Ceará - UFC)

A partir do texto “Só quem é fã entende”: Uma análise da construção de sentidos sobre o “ser fã” a partir das narrativas de sujeitos pertencentes ao fandom ARMY, é possível compreender essa estrutura mercadológica agenciada por determinada comunidade de fãs. Dentre as características de um fandom dedicado a um/a artista, a aquisição de produtos licenciados, (ou não), atina para um conjunto de posturas que se tornam parâmetros para o reconhecimento de perfis que compõem esta comunidade. Ainda de acordo com as considerações alinhavadas pelo artigo em referência, a música assume uma nova condição de difusão no mundo, por meio de tecnologia midiáticas e formatos inovadores de produção.

[...] o crescimento das formas de interação e comunicação que alcançam um maior público a partir progresso tecnológico que conhecemos por internet (Thompson, 1995), e mais perceptível ainda é a pluralidade de usuários que se utilizam desta como veículo de expressão (Vasconcelos; Sales; Da Silva, 2023).

O acesso às redes sociais, plataformas de mídia/streaming e demais recursos de mídia, atuam como facilitadores de produção e disseminação de conteúdos que reverenciam artistas como Joelma. Essa proliferação organizada por fãs circunscreve um movimento de autonomia que secundariza a atuação do artista quanto a manter-se em evidência com lançamentos recorrentes de projetos, ou manobras que permitam a sua ascensão sem a contribuição direta de admiradores. Baseado nessa postura de autonomia associada aos fãs, como protetores, produtores e amantes incondicionais, passo a partir de agora a descrever parte de minhas vivências que tornaram o meu sonho de conhecer a Joelma uma realidade.

Esse encantamento surgiu ainda na infância quando a voz, a imagem e as coreografias que formavam um conjunto de significados e sensações estavam concentradas numa figura capaz de atrair qualquer olhar, fosse pela característica vocal única, figurino excêntrico ou mesmo pela incrível façanha de cantar e dançar ao mesmo tempo. A partir dos meus 07 anos de idade algo mudou intimamente e desde lá, a admiração, o respeito e acima de tudo o amor por Joelma se tornaram parte de mim. Ali, eu descobri o significado da palavra **inspiração**, sentimento que direcionou a minha vida com uma força que me trouxe a lugares inimagináveis, considerando o estigma de ser um menino do interior no sertão da Bahia.

Tendo essas primeiras lembranças e sentimentos no topo de minha narrativa, se faz oportuno dialogar com um dos referenciais trabalhados por meio de Maria Isaura Pereira de Queiroz em seu texto “Relatos orais: Do “indizível” ao “dizível”” (1988), sendo possível explicar como as narrativas atuam na pesquisa de sujeitos e alinhavando considerações sobre os recortes submetidos às histórias contadas e às subjetividades que fazem parte delas. As

memórias convertidas em palavras são atravessadas por intencionalidades diferentes, com determinado propósito. Portanto, recortar e lapidar uma narrativa é exercício imbricado a uma autobiografia, concebendo desse modo um percurso formatado e dedicado para provocar impressões.

Ao revisitar minhas memórias desse período, percebo o quanto o primeiro contato com a Joelma se cristalizou em minha memória simbolizando o que aqui vou chamar de **ponto de atração**. Pretendo, pois, reproduzir essa cena com a profundidade que ela exige, reunindo o máximo de detalhes que formavam o ambiente, as circunstâncias e a mística de um evento que mudaria a minha vida por completo. “Atravessou no meu caminho, feito um vendaval, revirou tudo de perna cabeça. Foi meu bem, meu mal”; como já cantava Joelma num dos maiores sucessos da Banda Calypso em 1999, a canção *Vendaval*.

Meu primeiro contato foi com o CD *Banda Calypso na Amazônia*, gravado ao vivo no dia 14 de novembro de 2004 no sambódromo de Manaus; sendo este o sétimo álbum de carreira da banda e o terceiro na categoria *ao vivo*. Era noite de segunda-feira quando minha mãe recém chegada da habitual feira livre de Nova Soure, e com a euforia provocada pelas cervejas que havia consumido ao longo do dia resolveu pedir emprestado o *Micro System*¹⁴ de Zé Gringo, (nosso vizinho), emprestado para ouvir *Reginaldo Rossi* – aquele que chamavam de “Rei do Brega”. Eu fui buscar o aparelho e junto com ele vieram alguns CDs, dentre os quais um chamou a minha atenção por trazer na capa uma mulher de olhar penetrante usando um figurino preto com detalhes dourados e que transmitia algo para além do que eu já conhecia das capas de CDs que tive acesso até ali.

De todas as coisas que poderia desejar naquela noite, eu só queria ouvir aquele CD, custasse o que fosse. A versão falsificada, popularmente conhecida por CD pirata, era mais valiosa que qualquer 1 real oferecido por minha mãe na tentativa de me fazer esquecer e parar com os pedidos incessantes; não sei ao certo se ela concordou para me consolar, ou se realmente pretendia colocar as músicas pra tocar no pequeno aparelho de som. Enquanto *Garçom* ecoava pela casa pequena, eu me embalava numa rede em meu quarto numa viagem curiosa com uma sensação de familiaridade que anos mais tarde pude reencontrar num profundo mergulho na música brega. Mesmo gostando daquele ritmo envolvente e da voz rouca que ora cantava e noutras conversava com o público, a minha curiosidade crescia para ouvir a voz daquela mulher na capa do CD da Banda Calypso.

¹⁴ Pequeno aparelho de som, comum nas casas populares pelo preço acessível à época retratada nesta narrativa.

É importante trazer enquanto suporte para essa narrativa o conceito de história de vida definido por Queiroz, que concomitantemente atribui sentido ao exercício posto em prática nesta autobiografia. Neste sentido, a autora destaca alguns elementos que representam a produção de uma história de vida. Vejamos:

A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. [...] o relato em si mesmo contém o que o informante houve por bem oferecer, para dar ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é. Avanços e recuos marcam as histórias de vida [...] (Queiroz, 1988, p. 20).

Haja vista a definição emprestada por Queiroz, penso que a reconstrução dos fatos que marcaram essa fase de minha trajetória possui grande importância perante à reflexão da relação constituída neste lugar de fã e a Joelma enquanto musa inspiradora, potencializando a imagem de mulher a qual tinha acesso naquela época, sobretudo, a partir de minha mãe. Adianto, que o arquétipo vislumbrado nessa autobiografia cuja referência seja a Joelma, pode ser em muitas ocasiões percebidos na postura e na vontade artística que assentavam o inconsciente da minha mãe; ela viveu por 1 ano na aventura de uma experiência em um circo e aprimorou suas habilidades de dança, atuando como rumbeira, principalmente. Na transcrição de minhas memórias, voltarei a falar mais sobre a veia artística de minha mãe e quais eram os questionamentos por trás do estranhamento que surgia a cada aparição da “Mateusa rumbeira”.

Retornando ao episódio daquela noite de segunda feira, já era um pouco tarde quando minha mãe resolveu desligar o som, e claro, se recusou a colocar o CD sob a justificativa de não incomodar a vizinhança com música àquela hora da noite. Sem a menor preocupação quanto a isso voltei a insistir porque tudo o que eu queria era ouvir aquele CD. Mas o nome Banda Calypso não era de um todo desconhecido, sendo que na tarde daquele mesmo dia meu primo e melhor amigo Raul, havia comentado sobre essa banda que a prima dele estava ouvindo depois de ter comprado uns DVDs numa feira da região. Então, somando a curiosidade em ouvir a voz da mulher que eu ainda não sabia o nome e que estampava a capa daquele CD pirata, ao comichão¹⁵ que percorria minha nuca num alerta sobre algo prestes a acontecer, minha estratégia de ataque foi abrir um berreiro.

Depois de muita insistência, birra e choro, venci minha mãe pelo cansaço que mesmo contrariada permitiu que eu colocasse o CD para tocar em volume baixo; recomendação que eu ignorei sem a menor empatia com os vizinhos, que àquela altura já estavam dormindo. O

¹⁵ A expressão “comichão” diz sobre uma coceira de grau leve percebida em determinada parte do corpo. Há impressões que a definem como uma espécie de alerta do inconsciente quanto a acontecimentos futuros.

sentimento que me tomou ao ouvir os primeiros acordes da abertura do show, (um instrumental com sons da fauna amazônica e características de sonoridades indígenas mescladas a solos das principais músicas do repertório daquele show), foi um arrepio que percorreu meu corpo ao ouvir o grito da cantora numa saudação ao público. Não consigo explicar a sensação de modo literal, mas me ocorreu num instante a impressão de estar no meio daquela multidão que gritava junto com a cantora. Num grito impetuoso carregado de uma liberdade e dotado de uma potência vocal que até ali eu nunca tinha ouvido, aquela mulher de macacão preto com adornos dourados, cabelos louros e olhos penetrantes, gritou: “- *ALÔ GALERA DE MANAAAAAAUS! ISSO É CALYPSOOOOOOOOOOOOOOO!!! SIMBOOORA!*”.

O grito cedeu lugar aos acordes de uma guitarra vibrante e a música “Pra Te Esquecer” começou a tocar num ritmo acelerado e contagiante com a voz da cantora acentuando cada investida dos instrumentos numa harmonia agradável; a cada transição entre as músicas um novo grito atiçava o público do show, ao passo em que provocava algo silencioso e genuíno dentro de mim. Algum tempo depois descobri que era paixão. Eu me apaixonei por Joelma ainda criança e isso mudou tudo à minha volta. Nos dias atuais, o arrepio que atravessa meu corpo num show ou mesmo no lançamento de novos trabalhos sintetizam sem muito esforço o que sinto e manifesto nessa devoção a essa cantora; essa expressão que se concretiza pela entrega e pela veneração com as quais encaro a Joelma, desse lugar de fã, sobretudo. O que me tornei depois, é uma consequência da minha busca.

Sobre o álbum Banda Calypso na Amazônia apresentado como o segundo DVD da banda, é importante dizer que foi um dos grandes feitos rendendo a dupla paraense premiações importantes concedendo oportunidades ainda não vivenciadas por bandas e artistas da região Norte do Brasil. Dito isso, é assertivo prever que em 2005 numa estimativa de a cada dez casas brasileiras, em pelo menos sete delas era possível encontrar o tal DVD.

A partir desse momento se tornou uma necessidade ouvir e ver a Banda Calypso pelos CDs e DVDs que a pirataria vendia como água no deserto¹⁶. Mesmo o conjunto apresentado pela banda sendo de muitas maneiras atrativo, a essência de todo o trabalho que era apresentado sempre esteve intimamente centralizada na Joelma. Àquela altura eu já havia descoberto o nome da vocalista da Banda Calypso por meio dos créditos trazidos nas contracapas dos álbuns da dupla paraense que despontava no cenário musical brasileiro como tendência no estilo visual que as performances famosas apresentavam.

¹⁶ Metáfora utilizada para descrever a alta vendagem de CDs e DVDs da Banda Calypso pela pirataria, fator que culminou na popularidade da banda pela região Nordeste, principalmente.

Uma banda do Pará no auge do sucesso com milhares de discos vendidos dentro e fora do Brasil, realizando shows todos os dias da semana, e por vezes, até três na mesma noite, participações frequentes nos programas das principais emissoras de TV e reproduções em rádios de Norte a Sul do país. A Banda Calypso foi um fenômeno sem precedentes. Segundo Thiago Henrique de Melo, em seu relatório de pesquisa¹⁷ sobre a Banda Calypso (2016), a dupla formada por Joelma e Chimbinha¹⁸ representou um movimento de vanguarda na música popular paraense e do Brasil:

Cheios de características bem marcantes, eles foram os precursores da música calypso tornando-se novidade no mercado fonográfico. Seus discos atingiram marcas grandiosas, o primeiro álbum, lançado em 2000, vendeu 500 mil cópias sem o apoio das gravadoras, uma marca considerável para aquela época, cuja pirataria afetava o meio musical (Ferreira, 2016, p. 4).

Figura 1 - Encarte do DVD *Banda Calypso na Amazônia*

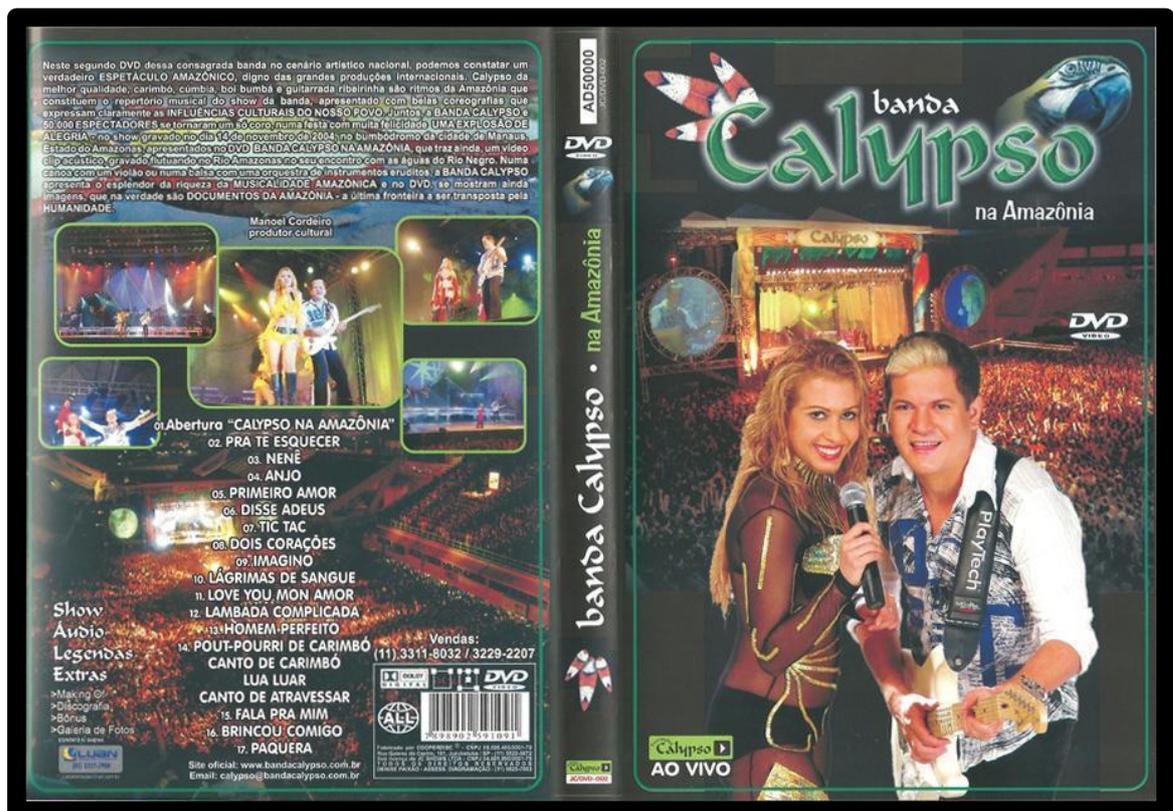


Foto: [Encartespop](#) (2017).

¹⁷ Parte das considerações a respeito do prestígio alcançado pela Banda Calypso são discutidas pelo Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo - Thiago Henrique de Melo, em sua pesquisa intitulada “O SOM DO PARÁ - Calypso o Gosto Que Não Se Discute” (Faculdade Joaquim Nabuco, 2016).

¹⁸ A grafia do apelido do músico Cleidivan Almeida Farias, popularmente conhecido por Chimbinha foi submetida a uma alteração após o fim da Banda Calypso em 2015. Nestes termos, a escrita contempla ambos os formatos em registro: com “ch” e “x”.

Naquela época eu não tinha acesso à TV, aparelho de som ou leitor de DVD em casa e acompanhava a banda, principalmente por meio do meu primo Raul que nutria do mesmo sentimento que eu; ele costumava tomar os primeiros CDs e DVDs emprestados com sua prima Edilza para que pudéssemos assistir em sua casa. Não perdíamos tempo em brincar na rua como os outros meninos de nossa idade costumavam fazer, nossa diversão era colocar os DVDs da Banda Calypso para ver as performances que Joelma executava no palco, e sem a menor vergonha nem habilidade tentávamos fazer igual ou ao menos parecido. Me lembro de nunca ganhar o “papel da Joelma”, era sempre o do dançarino que levava uma bofetada na cara ou um empurrão reproduzindo as encenações de algumas músicas cujo tema era a traição num relacionamento. Raul não aliviava, e muitas vezes me arremessava contra as paredes com tanta força que a brincadeira terminava com choro e alguns hematomas pelo corpo.

A formatação de uma narrativa “corresponde à competência de que uma única história de vida possa conceber uma reflexão sociológica significativa e fértil” (Lago, 2020), o que nos diz também que, ao analisar os episódios relatados para o fim autobiográfico, entendemos a importância da metodologia sociológica aplicada a depuração dos fatos ocorridos sem o abandono das emoções que fazem parte deles; se faz portanto, a primazia de uma escrita aprofundada, fiel e dotada de referências que culminam nos conceitos agenciados pela proposta.

A Antropologia das Emoções também contribui de modo contundente para o desenvolvimento deste trabalho, sobretudo, na percepção dos sentimentos revelados pela narrativa autobiográfica apresentada aqui. Na transcrição de minhas memórias, os fatos marcados na relação com a Joelma são atravessados por uma série de aspectos, desde objetos como os CDs, DVDs e revistas, às anotações de passagens da Calypso em programas de TV ou qualquer informação referente à banda que eu considerava importante na época. A respeito deste campo antropológico que ganhou notoriedade no Brasil através do professor de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, Mauro Guilherme Pinheiro Koury, consideramos que uma abordagem das emoções “parte, deste modo, do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade” (Koury, 2005). Na continuidade do relato de minha infância trarei a seguir uma das lembranças mais emocionantes de toda a minha trajetória enquanto fã da Joelma.

A Banda Calypso seguia num crescente vertiginoso, tanto no Brasil, quanto fora dele. Além de prêmios conquistados, destaque nos maiores veículos de comunicação nacional e uma legião de fãs anônimos e famosos que resultou em parcerias com os principais nomes da música brasileira, Joelma e Chimbinha, companheiros de palco e da vida, assinaram seus nomes no *hall*

dos artistas mais benquistos do país, se tornando preferência nacional, como apontou uma pesquisa Datafolha¹⁹ divulgada pelo Jornal Folha de São Paulo em 2007.

As apresentações constantes em programas de auditório da TV aberta, principalmente aos fins de semana, entre eles o *Domingão do Faustão* com *Fausto Silva* (Rede Globo), *Domingo Legal* comandado por *Gugu Liberato* (SBT), *Tudo é Possível*, apresentado na época por *Eliana* (Rede Record), e principalmente o *Sabadaço* com *Gilberto Barros* (BAND), aumentaram em grande escala o apreço popular sobre a Banda Calypso. As emissoras disputavam a presença da dupla em suas grades e as tardes de sábado e domingo contavam com uma programação abrilhantada com a dupla paraense. Gilberto Barros, popularmente conhecido por *Leão*, foi alçado a padrinho da banda em agradecimento por ter contribuído para que a Calypso se tornasse uma das maiores atrações musicais na TV.

Dessas muitas participações na TV, consegui assistir algumas e isso me marcou de modos diferentes. Com um caderno sempre à mão eu tomava nota de todos os detalhes possíveis e registrava informações pessoais dos principais integrantes, e foi numa dessas aparições da banda que descobri que a cantora Joelma era casada com o guitarrista que a acompanhava no palco, reconhecido pelo topete platinado que usava; aquilo pareceu mágico para mim, pois era uma parceria que aparentemente dava muito certo. A cada ano a banda fazia o lançamento de dois CDs e um DVD, trazendo toda a irreverência em um espetáculo pouco visto no cenário musical do país, atraindo milhares de espectadores, e solidificando a hegemonia da Calypso no hall dos artistas bem-sucedidos da época.

O ano de 2006 trouxe o maior feito da banda com o lançamento do terceiro DVD intitulado “Calypso Pelo Brasil”, um projeto gravado em cinco capitais brasileiras: Salvador (BA), Recife (PE), Belém (PA), Brasília (DF) e Rio de Janeiro (RJ), repleto de referências socioculturais dessas regiões retratadas no tema de abertura do espetáculo. Neste trabalho, a Banda Calypso conquistou o **Certificado de Diamante Quíntuplo**, com uma marca superior a dois milhões de cópias vendidas, tornando-se o produto audiovisual mais vendido do país²⁰, até os dias atuais. Esse álbum é de longe uma memória cativa de muitos brasileiros, fãs ou não da Joelma; desde o repertório com grandes sucessos como “A Lua Me Traiu”, “Pra Me

¹⁹ A pesquisa mencionada foi publicada originalmente em 22 de julho de 2007, pelo Jornal Folha de São Paulo revelando a popularidade de Joelma e Chimbinha, líderes da Banda Calypso. O resultado Datafolha impressiona com o percentual de 14% do público entrevistado ao declarar sua preferência pela Banda Calypso à frente da dupla sertaneja Zezé Di Camargo e Luciano, com 12% de aprovação; uma comprovação das “mudanças na difusão e consumo de música”, segundo a publicação.

²⁰ Segundo informações da ABRAMUS - Associação Brasileira de Música e Artes e IMMub - Instituto Memória Musical Brasileira, o DVD Banda Calypso Pelo Brasil é considerado o produto audiovisual físico mais vendido de todos os tempos no país, com vendas superiores a 2 milhões de cópias.

Conquistar”, “Esqueça Meu Coração”, “Isso é Calypso” e “Tchau Pra Você”, aos figurinos icônicos que são lembrados em réplicas de artistas covers em performances regadas com muita nostalgia.

Figura 2 - Encarte do DVD *Banda Calypso pelo Brasil*



Foto: [Encartespop](#) (2017).

Meu contato com esse DVD representa um marco em minha trajetória de dedicação e amor pelo trabalho realizado pela Joelma, considerando que a minha música favorita está no primeiro bloco gravado em Salvador. Na música *Passe de mágica*, a última do *set list*, uma forte chuva caiu durante a gravação, paralisando o show ao final da performance. As imagens desse momento mostram a comoção do público, que cantou e dançou debaixo da chuarada que caía, e a entrega da cantora Joelma no palco, visivelmente emocionada com a sequência de acontecimentos que tornou aquele momento inesquecível também para ela, segundo entrevistas cedidas pela cantora.

Essa canção se tornou um mantra para mim com poderes de cura e conforto imensuráveis; é uma música que me resgata em situações difíceis, e me reanima para seguir em frente. O figurino usado por Joelma durante essa performance é uma das memórias mais

inteligíveis que carrego desde então; principalmente nos instantes finais da apresentação onde a cantora executando a coreografia de palco num misto de gratidão e euforia contagiando o público e entregando um dos bordões mais famosos entre o *fandom*: “- *OLHA A CHUVAAAAA! Com chuva ou sem chuva, a gente vai gravar esse DVD*”.

Não houve ocasiões onde caísse chuva em que eu não imitasse ou lembrasse do bordão da cantora daquele momento final da gravação interrompida pela chuva torrencial. As emoções deste trabalho possuem valor sentimental inestimável para boa parte da população brasileira, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste, nas quais a Banda Calypso exerceu maior alcance; Calypso Pelo Brasil é um trabalho primoroso e, não obstante, posicionou a Joelma como um ícone dentre as cantoras emblemáticas da contemporaneidade.

O texto “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica”, (2003), da professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão, cumpre um papel importante para analisarmos o trajeto entre a memória e a narrativa que dão tom a essa autobiografia, sendo estas os recursos que oferecem a possibilidade de reconstrução de elementos que dão consistência à análise do sujeito observado. Nisso, o restauro de episódios e emoções vivenciados permite além de um olhar aprofundado, a validação de sentimentos que outrora foram questionados ou mesmo negados enquanto parte do que se é. A rejeição promovida pelo preconceito, por exemplo, é uma rota que meninos que gostam da Joelma são submetidos de forma involuntária. Demonstrar gosto por uma figura feminina, ou pelo arquétipo da diva projetado por cantoras como a Joelma, transmitem a mensagem de que “isso é coisa de mulher”, ou, “Calypso é música de menininha”.

O esforço em “compreender o fenômeno em estudo”, (Abrahão, 2003), diz respeito de modo especial a refletir sobre quem (sujeito) e o quê (fenômeno) estão interligados e sobre o que produzem em sobreposição. Nesta autobiografia questões sociais como o preconceito aparecem enquanto fatores que apontam para uma análise que ultrapassa a relação fã-artista, e determinam um perfil com marcadores sociais dentre os quais, **fã/pobre/gay** representam um traço que dispõe categorias desde reflexões sobre o *ser fã*, a questões de gênero, sexualidade e classe social. O lugar visto a partir do território geográfico também incide em valores que influenciam a análise do sujeito e do fenômeno. Vejamos que nesta autobiografia, a narrativa se origina no sertão baiano, numa pequena casa com um núcleo familiar bem pequeno. Ao longo de minha história é possível observar que as condições materiais eram poucas e que na adolescência o reconhecimento enquanto homem gay concretiza essa categorização. Mais adiante o/a leitor/a poderá constatar por si.

À medida em que eu crescia a minha admiração se avolumava de forma que já era impossível ignorar o desejo de ver a banda onde quer que fosse. No ano de 2008, eu tinha 10

anos de idade e estava na 4ª série do ensino fundamental na escola municipal Professor Rômulo Galvão, em Nova Soure. Mesmo estudando na cidade, eu continuava morando na zona rural do município, numa localidade rural chamada Fazenda Carrapato, no povoado São José do Paiaíá. Minha rotina começava bem cedo, por volta das 5h30 da manhã, tomando banho com água fria ao pé de um tanque de cimento. Mesmo neste cenário pouco confortável, havia uma força em mim, que há pouco tempo, havia se tornado familiar.

Nos dias de sol eu cantava pela estrada de cinco quilômetros que ligava a casa onde eu vivia, ao povoado onde pegava o transporte para a cidade. Por um bom tempo, fiz esse trajeto diariamente caminhando, fizesse sol ou chuva; cantar era como caminhar, e eu não sabia fazer apenas um. A paixão pela música veio comigo, desde o meu nascimento. Afinal, minha mãe era artista circense, dançarina de rumba.

Não tenho dúvidas de que naquela época, a Joelma por meio da Banda Calypso, se tornara símbolo de muitas coisas para mim, sobretudo, o de resistir a qualquer adversidade que eu encontrasse desde ali. As colegas de sala, nutriam de certo modo a minha paixão, prometendo me levarem CDs ou qualquer outro artefato da banda que eu tanto gostava. Algumas delas cumpriam suas promessas, e a magia me tomava segurando um CD pirata, que naquele contexto, era um verdadeiro tesouro para mim.

No entanto, o maior presente que eu poderia ter recebido naquela época, veio de Ellen, uma colega que afirmava ter seu irmão mais velho trabalhado como segurança em um evento no qual a Banda Calypso havia se apresentado. Como recordação do feito, a produção da banda o havia presenteado com uma fotografia 3x4 de Joelma. Obviamente, eu implorei para ver a pequena foto, e poucos dias depois, regados a muita insistência de minha parte, Ellen levou a foto para que eu pudesse ver. Convictamente, essa imagem é uma das memórias mais emblemáticas que carrego junto a um imaginário que equipara aquilo que ouvia em diferentes espaços com o que eu cantava, mas principalmente, com o que eu via na televisão da casa de outras pessoas, já que na minha casa não tínhamos uma.

Tamanha foi a minha felicidade ao ver e tocar o pequeno retrato; passei aquela manhã na escola olhando para o rosto que estampava aquele espaço no papel especial. Joelma usava um figurino de cor alaranjada e segurava um microfone próximo à boca. Mesmo tendo a oportunidade de pegar o pequeno retrato, olhar cada traço daquela figura que ali estava, não era o bastante para mim. Eu precisava tê-lo comigo, para sempre. Então, nessa ânsia por ter um item até então raro, tentei multiplicá-lo, no estúdio de fotos que havia em frente à escola. Conversei pessoalmente com o dono do estabelecimento, o Sr. *Zé Alves*, como era conhecido. Perguntei se era possível que aquela pequena foto fosse copiada de alguma forma, e para minha

surpresa, era viável por meio de uma xerox colorida. No entanto, ele não faria apenas uma cópia, pois a folha sairia com 10 pequenos retratos, e o preço a pagar seria o valor padrão cobrado pelo serviço.

Certamente, que nos dias de hoje, eu teria feito a xerox sem pensar muito, mas naquele tempo eu mal tinha dinheiro para comprar a merenda durante o recreio na escola, então, não pude pagar pelo serviço que custava exatos 10 reais. Só me restou pedir a Ellen que me desse a foto. No mesmo dia, consegui levar essa fotografia comigo, sob a condição de um empréstimo temporário. Eu mostrei para todos que viajavam comigo na *Kombi* que nos transportava do povoado até a cidade. De alguma forma, carregar a imagem da Joelma comigo, dava um real sentido a todos os meus sonhos, anseios, e intensificava aquela sensação de que eu estava destinado a viver sentindo aquela emoção.

Foram muitos os pedidos para que o retrato fosse me dado, mas ele não pertencia à minha colega, e sim ao irmão dela. Sendo assim Ellen me prometeu que pediria a ele, e eu esperei ansiosamente pelo dia em que finalmente levaria aquela foto comigo, mas mesmo com todos os esforços para que aquela foto me pertencesse eu precisava devolvê-la na esperança de que logo voltasse para minhas mãos em definitivo; e assim o fiz. Na mesma semana, a entreguei para minha colega, insistindo que ela fizesse o pedido a seu irmão para que ele me desse o retrato. Porém, "aquele pedacinho de Joelma" não era para ser meu. Num descuido imperdoável, Ellen esqueceu a foto no bolso da roupa que vestia e sua mãe não verificou antes de lavar a peça. A imagem virou borrão. Não lembro se chorei pelo trágico fim, mas confesso que agora escrevendo tais memórias, me embaracei em lágrimas furtivas, que me lembraram de dores, cujo remédio foi trazido pela voz e pela imagem que sempre me guiaram onde quer que eu estivesse.

Essa é uma das imagens da Joelma mais simbólicas para mim. Ela representa um misto de reconhecimento e de apropriação do sentimento que me tomou ainda criança. De todas as certezas que fui construindo ao longo da vida, sei que a imagem dessa artista ocupa um lugar não apenas afetivo, mas de orientação para o que eu faço, depositando toda a dedicação que posso nutrir para que qualquer trabalho produzido por mim possua autenticidade. Sem dúvidas, a Joelma exerce esse poder enquanto referência, de modo que um dos objetivos de cada projeto desenvolvido com a minha contribuição, provoque impactos pelo formato e pela profundidade que possuem; essa autobiografia é com certeza um exemplo disso.

A próxima página é dedicada de modo simbólico a essa imagem/foto da Joelma, que em 2008 eu não consegui reproduzir, mas que o faço agora nesse registro de memórias e sentimentos que constituem tal narrativa, reservando um espaço muito especial nesta

autobiografia para a contemplação. Essa imagem traduz as muitas conquistas que obtive até aqui e as muitas outras que ainda virão; é, portanto, uma representação do quanto venerar é um ato de transformação.

Essa reflexão sobre a importância de memórias visuais, fotográficas e imagéticas é possibilitada pela leitura do artigo “Fotografia, narrativa e experiência”, de Andrea Barbosa. Num percurso investigativo, a autora provoca uma abordagem para além da funcionalidade da imagem, e se aprofunda no caráter mobilizador de relações sociais, a partir de uma experiência pessoal na tessitura de uma etnografia desenvolvida em um experimento de registros fotográficos independentes em determinada comunidade. O resultado tornou aparente a relação entre a experiência e a memória, estabelecida enquanto elemento da realidade possibilitada pela fotografia. Em síntese, a percepção que desenvolvemos ao observar uma imagem, sobretudo, quando esta confirma os sentimentos envolvidos, torna o registro um aspecto concreto da relação em suas diferentes fases, seja ela no presente, ou mesmo tendo ficado um momento do passado. “A autora propõe ao leitor um olhar para as imagens produzidas, ou, mais especificamente, um espreitamento, o que ela imagina como movimento exploratório pelas imagens” (Barbosa, 2016).

Percebo, portanto, que o exercício de visualizar fotos, no sentido mais corriqueiro, tende a aguçar a memória e com ela, é possível modelar narrativas sobre quem, e o que fora registrado, e além destes incute num resgate de memórias que habitualmente ficam adormecidas. Outra experiência comum é ouvir canções cujo enredo descreve relações afetivas, nas quais a fotografia ocupa um espaço de conectividade entre as pessoas envolvidas. Costumamos dizer, que uma imagem possui maior valor que milhares de palavras, assim como um gesto, e essa reflexão incide sobre o ato transformador que qualquer foto da Joelma provoca em mim: ‘transforma a dor’, quando estas aparecem.

Para além da narrativa reconstruída nas linhas acima sobre um dos principais encontros que tive com a imagem da Joelma, esse percurso circunscreve o efeito da devoção evocada neste trabalho, enquanto aporte para a explicação de minha relação com a cantora. A próxima imagem é um convite à devoção, ao deleite; à emoção.

Figura 3 - Joelma em ensaio fotográfico do álbum Banda Calypso volume 08



Foto: Reprodução / Edição: Eduardo Campos (2005)

Nesse cenário em que a fotografia apresentada acima repercute variados significados em minha trajetória, se faz pertinente traçar um contraponto entre a imagem e a memória, que constituem um diálogo capaz de uma retrospectiva de fatos importantes a partir das palavras de Joana Sanches Justo, na Dissertação “Olhares que Contam Histórias: A fotografia como memórias e narrativas da família”:

O diálogo que a fotografia proporciona é, portanto, uma possibilidade de entrar em contato com questões, de se colocar frente a si mesmo e reconstruir-se, através da imagem fotográfica que, tal como a imagem nos sonhos, abre caminho para a expressão do sujeito, de sua subjetividade e dos significados construídos coletivamente pelos grupos dos quais faz parte. (Justo, 2008, p. 20).

De acordo com a autora, a imagem fotográfica é capaz de recapitular acontecimentos por meio do registro de momentos que foram cristalizados por meio da captura, bem como, traduzir as sensações ocorridas no momento em que determinada fotografia foi realizada. É

comum quando vemos um álbum de fotos sentir a sensação de nostalgia, tal como, se estivéssemos retornando àquele instante preso na imagem. Esse processo incide na memória a possibilidade de recriar o cenário, rever a (s) pessoa (s) na fotografia e da ocasião que está ilustrada no papel; tendo isso em vista, o diálogo entre a memória, a imagem/foto e a narrativa que é provocada por esse tríptico dão lugar às emoções. São elas, as emoções, que credibilizam boa parte desta autobiografia, simbolizando, portanto, diferentes fases da minha vida. Sobre a relação aqui mencionada, Francis Wolff, 2005, afirma:

As imagens são capazes de suscitar aos poucos quase todas as emoções e paixões humanas, positivas e negativas, todas as emoções e paixões que as coisas ou pessoas reais que elas representam poderiam suscitar: amor, ódio, desejo, crença, prazer, dor alegria, tristeza, esperança, nostalgia etc (Wolff, 2005, p. 20 *apud* Justo, 2008, p. 22).

Passado, mas nunca esquecido o episódio em que perdi o pequeno retrato da Joelma, restou com tamanha força o desejo de ir a um show da Banda Calypso. Conhecer a Joelma era o meu maior sonho e eu sabia que o realizaria, cedo ou tarde. Enquanto isso não acontecia eu continuava cantando, e tentando fazer as performances com uma camisa presa à cabeça para reproduzir o famoso “bate cabelo” da Joelma e lençóis amarrados na cintura feitos de saia de carimbó. Essas peripécias ganhavam fôlego quando meu primo Raul passava a noite com a gente, na roça. Na época, ainda não tínhamos acesso à luz elétrica, e fazíamos nossas atividades escolares no meio da tarde, enquanto podíamos contar com a luz do sol. Depois do almoço, eu ajudava minha mãe nos afazeres da casa, principalmente lavando a louça e varrendo o chão; brincadeiras mesmo, só no fim da tarde depois de cumprir as “obrigações”, como dizia ela. Então, lá ia eu e Raul numa disputa acalorada para saber quem seria a Joelma. Eu nunca consegui o papel.

Nessa época, minha mãe costumava fazer pedidos de utilidades para a casa em catálogos, era o “shopping” que podíamos acessar. Lembro-me de sentar em uma rede com ela folheando a revista, e na sessão de CDS, eu pedia para que ela comprasse algum da Banda Calypso, que era vendido por exatamente dez reais, uma estratégia que tornava as vendas acessíveis e volumosas. A resposta era sempre a mesma: “- *Eu não gosto dessa mulher, nunca me fez nada, mas acho feio ela sair nas capas dos CDs com a boca aberta*”. Eu ficava ofendido com a observação de minha mãe e rebatia dizendo: “- *É claro que ela vai tá com a boca aberta, porque está cantando*”.

Ainda naquele ano de 2008 comprei na feira livre de Nova Soure um DVD da Banda Calypso ao vivo em São Miguel dos Campos (AL), um show gravado nos festejos juninos da

cidade. Me lembro muito bem dessa época por que foi nela que conheci uma das minhas melhores amigas daquele período; ela tinha um apelido muito peculiar e para ser honesto, eu não me recordo qual a origem de tal pseudônimo. Mas, todos na região a conheciam por “Miquita azeda”. Ela havia chegado naquela redondeza há pouco tempo, acompanhando sua mãe que casara com um homem de idade que morava na zona rural onde eu também residia com minha mãe, meu irmão e meu padrasto. Confesso que nesse exercício de escrever tal narrativa, fui tomado por memórias que me fizeram dar boas risadas.

Seu nome mesmo era Josefa Clécia, mas preferia ser chamada pelo segundo nome, já que Josefa não lhe agradava e nem parecia ser o nome de uma garota de 10 ou 12 anos. Nos tornamos grandes amigos com o passar dos dias, e com as frequentes visitas que fazíamos à casa onde ela morava com a mãe e “Seu Pedro Branco”, o então marido da mãe de Miquita. Houve, é claro, quem pensasse que éramos namoradinhos, mas já desde ali, eu sabia que meninas e mulheres para mim seriam referências e nada menos; além disso, éramos crianças. Nossa amizade se tornou parceria, e ela nutrindo sentimentos parecidos com os meus pela Joelma, fez nascer uma ideia que agora percebo ter sido uma engenhosidade digna de respeito. Nós montamos um circo, onde fazíamos apresentações imitando a Banda Calypso; essa certamente foi uma das fases mais divertidas de minha infância.

A estrutura do circo era um velho mosqueiro armado debaixo de um pé de cereja, com algumas pedras grandes prendendo a parte de baixo, deixando espaço apenas para a passagem da menina magrela que cabia com folga dentro do restrito picadeiro. A produção do figurino e maquiagem era um show à parte, e nós dois dávamos conta de todo o processo, deixando uma bagunça enorme no quarto dela para arrumar depois. Então, começava o show. Eu atuava em diferentes funções, produzia, maquiava, apresentava e cantava. Depois de anunciar o início da apresentação a plenos pulmões a quase nenhum espectador, (isso por que em algumas ocasiões minha mãe, a mãe de Miquita e uma amiga delas assistia “o show”), eu chamava ao picadeiro a estrela da noite, (que geralmente era dia). “- *Respeitável público! Em passos de Calypso, Clécia Santos*”. Ao tempo em que chamava a atração principal (e única), eu gritava euforicamente como uma plateia ensandecida, e reproduzia a abertura do show de acordo com o que estava acostumado a ver e ouvir nos DVDs da Banda Calypso. Era um caos; um divertido e saudoso caos.

Não sei exatamente o que saía de ruim, se era a mistura de sons que eu tentava imitar ou as desafinações na primeira música após a abertura. Fora isso, a estrela entrava no picadeiro tentando bravamente se equilibrar nos saltos plataforma que ameaçavam jogá-la ao chão a qualquer instante e fazer um grande estrago na produção suada do show. Ao primeiro sinal de

que estava tudo certo para começar a apresentação, eu assim como a Joelma, berrava com todas as forças o irreverente grito: “- *Isso é Calypsoooo!*”. A música *A Lua me Traiu* era o “carro chefe” do show que durava cerca de 10 minutos, com os principais sucessos da Banda Calypso interpretados por mim, que ao final da cantoria apresentava sérios indícios de que enfartaria a qualquer momento. Essa brincadeira durou alguns meses e ficamos conhecidos na região por estrear um verdadeiro circo de horrores.

A adolescência chegou e por um momento levou parte do encanto que eu tinha por aquilo que me deu muita alegria durante a infância. Os problemas dentro de casa ficaram mais difíceis e eu desenvolvi conflitos internos que não conseguia compreender. Minha mãe com episódios de alcoolismo e as brigas com meu padrasto, não me davam espaço para sonhar com a Joelma. Além disso, passei a ser cobrado por minha postura e gostos, me diziam que “Calypso era coisa de mulherzinha”, e que eu precisava gostar de coisas de homem. Até hoje não sei o que é coisa de homem.

Com todas as complicações advindas de situações dentro e fora de casa, (considerando os conflitos com professores e o estigma de ter uma personalidade forte), senti a paixão pela Calypso arrefecer. Uma das últimas loucuras que cometi na época foi invadir sorrateiramente a casa de “Cravela”, minha vizinha, e furtar-lhe um CD da Banda Calypso, o volume 03. Guardei esse álbum como um verdadeiro tesouro, pois mesmo ele sendo usado e com marcas de mal-uso, era um CD original.

Nesse período da minha vida passei a não cantar as músicas da Calypso, e o interesse por Joelma já não era mais volumoso como antes. Aquele sentimento que havia nascido ainda criança, adormeceu. Isso aconteceu num momento em que mudamos de endereço, num misto de dificuldades e diferenças que foram decisivas naqueles seis meses em que ficamos longe do Paiaíá, lugar onde cresci. Tentei então, me interessar por “coisas da minha idade”, naquele ano de 2011. Uma adaptação da novela mexicana *Rebelde*, pela TV Record fez sucesso entre os adolescentes e sem muito esforço, me rendi aos encantos do grupo também. Me lembro que nos intervalos entre uma aula e outra na escola, trocávamos figurinhas e comentários sobre os personagens e capítulos da novela.

Quando retornamos ao Paiaíá a vida pareceu voltar aos trilhos. Na escola, eu dividia a paixão pelo grupo Rebeldes com as colegas da turma; um cenário diferente se comparado à Banda Calypso que naquele bucólico povoado tinha poucos admiradores confessos. As pessoas até ouviam de forma esporádica, mas o afeto nutrido só era percebido em quatro pessoas, dentre elas, meu irmão mais velho, Hugo, meu primo Raul, que trocou a Joelma pela *Mylla Karvalho*,

na época vocalista da banda *Companhia do Calypso*, e a professora Carla Prado, que já tinha ido a shows da Calypso na região.

Faltava um ano letivo para o final do Ensino Fundamental II e numa das comemorações da escola montei um grupo seguindo a métrica da banda Rebeldes para performar uma coreografia, com direito a figurino. Por incrível que pareça, a apresentação fez muito sucesso e fomos recebidos como os próprios integrantes do grupo oficial, tamanha a euforia do público que nos aguardava numa sala pequena que amontoou os presentes e dificultou a nossa entrada no espaço, precisando de um cordão de isolamento feito por alguns professores. Sem dúvidas, um dos momentos inesquecíveis dessa fase.

Cheguei em 2012 ainda com o torpor que a novela Rebelde causava e vontade de ir a um show do grupo que saiu em uma turnê de curta duração nas principais cidades do país. Naquele ano acompanhei quase todas as apresentações da banda *teen* pela pequena TV em preto e branco que tinha em casa, e como costumava fazer com a Calypso montei também uma espécie de diário onde depusitei todas as informações sobre shows, participações em programas de TV, curiosidades, fotos e qualquer coisa relacionada ao grupo. Nesse mesmo ano a 2ª temporada da novela exibida pela Rede Record chegou ao fim e senti aos poucos essa paixão adormecer, mas seguí revisitando meu acervo de álbuns de figurinhas, cards, revistas e pôsteres que mantenho até os dias atuais. Não consegui ir a um show, mas ganhei o DVD ao vivo que um amigo comprou na pirataria em Salvador, presente esse que possui grande valor sentimental para mim e que também está guardado junto ao meu acervo.

Minha vida seguiu um fluxo satisfatório me proporcionando encontros e reencontros que trouxeram outros significados à minha existência e ao que eu acreditava até ali. Em 2013 ganhei o meu primeiro celular, comprado por meu padrasto recém-chegado de São Paulo e reatado o relacionamento com minha mãe. Naquele época, era preciso ir numa *lan house* para transferir músicas para o cartão de memória do aparelho, e dentre os álbuns que foram adicionados, o atendente me perguntou se eu queria algum CD específico, e de pronto respondi: “- *Banda Calypso!*”. Foi como se eu tivesse voltado a respirar sem dificuldades; o ritmo, a energia e a voz da Joelma naquele álbum ao vivo ressoavam forte dentro de mim. Algum tempo depois, descobri que o CD que eu ouvia todos os dias se tratava do *volume 15* gravado ao vivo no Recife.

Aquele foi o primeiro passo para o reencontro mais expressivo da minha vida, até ali. Eu havia redescoberto aquela paixão de outrora e tive a certeza de que mesmo tendo ela adormecido em mim, o encantamento por Joelma e por tudo aquilo que ela representava para mim esteve naquele período de desafios como uma correnteza suave, mas contínua. Escrever

sobre essa fase me proporcionou visitar trechos de minha trajetória que estavam submersos em algumas dores, frustrações e carências. Me fez também, mensurar a importância da **afetividade**.

É sobre esse conceito tratado pela Antropologia que este capítulo se concentra. Em “Ser afetado”, texto de Jeanne Favret Saada, com tradução de Paula Siqueira, sobre a feitiçaria no Bocage²¹ francês, e a noção de afeto, a autora constrói uma análise interessante acerca do apagamento da afetividade enquanto instrumento de estudos por autores, que mesmo ao reconhecerem a sua influência na experiência humana, tendem a subalternizar a dimensão antropológica. Dito isto, resta à sensibilidade a primazia do afeto enquanto movimento inerente ao pesquisador que se permite envolver pelo objeto e/ou sujeito da pesquisa. De acordo com Saada, o dispositivo acessado em sua pesquisa não estava relacionado ao sentimento de empatia, nem mesmo, ao método da observação participante; aqui eu digo com base na minha experiência, se tratar de uma **observação vivenciada**.

A metodologia possibilitada pela afetividade na análise de Saada, contribui de modo substancial para a construção de uma pesquisa na qual a participação está além do ouvir, registrar ou estar presente. Se constitui, portanto, como a prerrogativa de ser parte do que se analisa, na perspectiva do entendimento verossímil do fato ao qual se observa. É desse modo, que nesta autobiografia desenvolvo a ideia de afeto e afetividade enquanto alicerce da relação fã-artista, nesse caso, a cantora Joelma comigo e dezenas de outros fãs que atuam neste percurso como interlocutores. Há, portanto, uma crítica velada aos fenômenos advindos da sensibilidade ou daquilo que entendemos como inconsciente, sobretudo, quando o objeto ou sujeito da pesquisa aciona um campo que ainda é cercado por tabus, como as emoções discutidas com maior ênfase pela Antropologia.

A narrativa proporcionada pelas memórias que constituem a minha trajetória, representa neste trabalho uma experiência atravessada pela afetividade que dá o tom à relação estabelecida entre uma artista que reúne em si elementos simbólicos capazes de direcionar a vida de dezenas de indivíduos como eu, e que dedicam parte significativa de suas vivências a defender de modos distintos aquilo que sentem. É sobre uma remodelação do sentir, a partir das condições e intencionalidades acessíveis. Veja-se nessa autobiografia um exemplo de intencionalidade com a qual desenvolvo por meio de uma análise sociológica, um percurso de comprometimento, aqui tratado por devoção. Tal movimento, equiparado ao ato de venerar, implica na

²¹ Bocage segundo o site [Infopédia Dicionários Porto Editora](#) se trata de uma paisagem característica do Oeste da França.

voluntariedade do afeto, na disponibilidade de deixar-se afetar pelo que se propõe a analisar. É sobre um “nós”, que deixou de ser sobre os “outros”.

Esse processo de escrita amparado pelo texto de Saada, dialoga sobretudo, com uma discussão acerca da impessoalidade evocada nos moldes acadêmicos, metodologia ao qual direciono uma crítica quanto à raiz conservadora que sustenta essa teoria. Não bastassem os obstáculos encontrados no fazer científico, com condições por vezes inacessíveis, desde a escolha de um objeto/sujeito de pesquisa, à escrita desse instrumento avaliativo, prega-se ainda o não envolvimento pessoal com aquilo que carrega consigo traços da implicação do sujeito em todos as etapas inerentes ao processo.

Saada ao escrever sobre a feitiçaria e sua afetação contumaz, descreve uma disputa que retrata um cenário de dúvidas sobre a observação e a participação:

[...] não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado (Saada, 1990, p. 157).

Considerando o dualismo descrito pela autora, é possível entender o rigor atribuído à produção acadêmica, sobretudo, no que diz respeito à ausência de identidade do autor no trabalho que desenvolve. A afinidade propiciada pela aproximação ao objeto/sujeito de pesquisa é em minha concepção um fator preponderante ao trabalho desenvolvido. Nesse cenário, a narrativa construída para este trabalho posiciona de modo pedagógico a intencionalidade e o sujeito da pesquisa, conferindo-lhe a legitimidade do discurso científico, mas despojando-se das amarras academicistas.

Depois de reacender a minha paixão por Joelma, não me lembro desde então em ter “fraquejado” nesse percurso de devoção à cantora. O desejo de encontrá-la era latente, e se tornou mais intenso a cada aparição dela na televisão. Busquei meios para conseguir alguns CDs da banda com o intuito de montar a minha coleção, pois além daquele que furtei na casa da vizinha, consegui comprar pela internet um dos meus álbuns favoritos, o *volume 10 - Acelerou*. Era 2014, ano de Copa do Mundo e de eleições presidenciais aqui no Brasil; então, vi nesse momento a oportunidade de angariar algum CD, visto que eu estava naquela época com 16 anos e com direito ao voto. Eu sabia que a prática de permuta ou venda de voto é indecente, e mesmo ciente disso não titubeei em negociar com uma vizinha que me apresentou seu candidato à deputado estadual, cujo nome não esqueci e que revelo aqui para que nunca mais volte a cometer tal erro: Ângelo Coronel. O fato é, que pedi à vizinha que me trouxesse o

novo CD da Banda Calypso intitulado *Vibrações*. Àquela altura já tinha acesso à internet através de uma rede de wifi aberta que era usada pela comunidade, assim podia acompanhar os lançamentos da banda e ouvir suas músicas pelo *YouTube*.

Cerca de duas semanas depois, a vizinha retornou de Salvador, onde morava, com 02 dois álbuns originais e novinhos: uma coletânea intitulada *O Melhor da Banda Calypso*, com canções do repertório do DVD comemorativo dos 10 anos da banda, e do DVD gravado em Angola, na África; o outro CD eu já conhecia, pois era o famigerado volume 03 que furtei da casa da vizinha, por isso não fiquei com este, fato do qual me arrependi depois. No fim das contas, troquei o meu voto por 1 CD da Banda Calypso.

Naquele ano de 2014 minha vida foi marcada por alguns episódios dramáticos, principalmente com o adoecimento de minha mãe que contraiu uma pneumonia que evoluiu para tuberculose. Foram dias difíceis com muita angústia e preocupação, e entre a rotina de acompanhante hospitalar e estudante do ensino médio, pude outra vez encontrar refúgio e motivação na voz de Joelma; assim, me mantive firme porque eu sabia que venceríamos aquela fase ruim. E vencemos. Minha mãe se recuperou da debilitação e iniciou o tratamento da infecção, voltando para casa depois de quinze dias de internamento e muitos desafios.

No ano seguinte eu concluí o ensino médio; me lembro que coleí uma foto da Joelma no caderno, como forma de expressar a minha paixão pela cantora sem reservas. Não foi um período fácil para mim, pois desenvolvi um problema grave de saúde em uma inflamação de um linfonodo²² no pescoço. Aquilo assustou todos à minha volta, e as especulações sobre uma probabilidade de um câncer e outras doenças começaram a se proliferar pelo povoado. Naquele período eu estava no auge de uma campanha em favor da conquista do *Selo Unicef* (Edição 2013-2016), na qual representava a gestão do município na função de Articulador Municipal coordenando as ações promovidas pelo grupo de jovens que formavam o NUCA (Núcleo de Cidadania dos Adolescentes).

Meu quadro de saúde foi considerado complexo, pois o percurso até o diagnóstico provocou uma debilitação “a olhos vistos”²³. Foram muitos os medicamentos que precisei fazer uso e exames de laboratório e imagem, como uma ultrassonografia que apontou uma inflamação em um linfonodo na região do pescoço, com a presença abundante de vasos sanguíneos, o que deixava o local sensível, causando muitas dores. O médico que acompanhou o meu caso

²² Linfonodos, de acordo com o site do [Instituto de Tireoide e Laringe](#): “[Linfonodos, ou gânglios linfáticos], são pequenas estruturas em forma de feijão espalhadas pelo corpo, que desempenham um papel muito importante no funcionamento do sistema imunológico. No pescoço, esses linfonodos são particularmente sensíveis e podem inchar em resposta a várias condições”.

²³ A expressão se refere ao modo rápido de percepção de determinada situação; equivalente a visivelmente.

solicitou um teste de HIV, duas sorologias, e um procedimento de biópsia²⁴. No entanto, só realizei os exames laboratoriais, pois com o uso dos remédios a inflamação regrediu, dispensando a necessidade de análise de parte do tecido inflamado; os resultados dos exames foram negativos para câncer e qualquer outra infecção, e assim todas as suspeitas foram descartadas.

A relação com a Joelma tomou cada vez mais espaço na minha vida e esse reconhecimento veio com a maturidade e capacidade em superar as adversidades que foram se tornando mais presentes em minha adolescência. Mesmo com as dificuldades que os poucos recursos materiais num casebre formado por uma sala, dois quartos, uma cozinha e um banheiro recém acoplados à casa numa reforma inacabada pelas intempéries de minha mãe, podiam oferecer, eu sentia que haviam grandes conquistas reservadas para mim no futuro. Com a conclusão do ensino médio, eu vi a possibilidade de ir em busca dos meus sonhos, e eu tinha muitos. O maior deles, era conhecer a Joelma.

Me lembro com precisão da manhã do dia 19 de agosto de 2015. Eu estava sentado em frente a um dos computadores da Secretaria de Assistência Social de Nova Soure, onde eu passava boa parte do meu tempo em razão das atividades da articulação que eu representava, quando uma notícia caiu feito uma âncora nas minhas pernas. Um site afirmava que Joelma e Chimbinha haviam anunciado a separação. Os rumores sobre um possível rompimento já circulavam pela internet e TV, mas, de pronto eram refutados pelo casal, que tranquilizava os fãs com a promessa de que continuariam juntos garantindo também o prosseguimento da Banda Calypso. Porém, naquele dia a separação foi confirmada por meio de uma nota divulgada pela assessoria da banda.

A notícia causou um frisson nos sites, programas e revistas de fofoca de todo o país. A nota confirmava o término do casamento, mas garantia a continuidade da banda e “[...] o respeito, gratidão, amizade, admiração”²⁵ entre Joelma e Chimbinha permaneceriam “recíprocos”²⁶. A vida pessoal dos líderes da banda se transformou numa verdadeira novela com capítulos escandalosos a cada dia; a essa altura, as especulações sobre uma traição por parte do guitarrista inflamavam a mídia e os fãs que tentavam se encontrar no meio de um caos.

²⁴ Segundo o site do [Instituto de Tireoide e Laringe](#): “A biópsia de linfonodo no pescoço é um procedimento diagnóstico realizado para investigar linfonodos aumentados ou anormais na região do pescoço. Este exame é indicado para identificar a causa de um linfonodo aumentado ou anormal, que pode indicar desde infecções e inflamações até condições mais graves como câncer”.

²⁵ Trecho extraído da nota à imprensa divulgada pela *Great Assessoria*, responsável pelo gerenciamento de imagem da Banda Calypso, em 19 de agosto de 2015.

²⁶ Termo utilizado na nota à imprensa mencionada acima.

Estávamos órfãos e sem a menor orientação sobre em quem acreditar e apoiar, até que no final daquele mês, durante a gravação do *Programa da Sabrina*, (Record), Joelma surpreendeu a apresentadora, a plateia e outra vez o país ao anunciar a sua saída da Banda Calypso.

Esse sem dúvidas, é um dos momentos mais dolorosos e simbólicos da trajetória de centenas de fãs, como eu. Ver os nossos ídolos e modelos de família, de pais e de artistas separados e decretado o fim daquela banda tão histórica, reverberou como uma explosão de um castelo construído sobre uma rocha, cercado por uma muralha. O programa foi ao ar na íntegra, com a fala emocionada da cantora visivelmente abalada, que ao definir a sua saída da banda, revelou que continuaria sua carreira de forma independente, cantando no mesmo segmento da Calypso; mas advertiu: “não sei até quando”²⁷.

Após a declaração da cantora, os shows da banda que sucederam foram marcados por desentendimentos entre Joelma e o guitarrista, expressando um abismo entre os dois. Dias depois, Joelma compareceu a uma delegacia de atendimento à mulher e registrou um boletim de ocorrência contra o ex-marido denunciando-o por violência física, psicológica e patrimonial, o que resultou numa medida protetiva contra o guitarrista. Num show em Teresina (PI), uma liminar permitiu que Chimbinha se aproximasse da cantora e dividisse o mesmo palco, provocando um grande desconforto em Joelma, que se recusou a subir ao palco causando um linchamento ao músico.

Todas essas informações foram apuradas com um legítimo interesse de minha parte regado à uma preocupação lancinante que colocava em xeque o meu sonho de conhecer a Joelma, mesmo ela tendo prometido seguir em carreira solo. Ficou tudo em incertezas, e o silêncio da cantora por três meses acentuou as minhas preocupações e a ambição da mídia por uma entrevista exclusiva com Joelma.

Em 02 de novembro daquele ano, Joelma falou com exclusividade ao programa *Fantástico* da Rede Globo. Numa entrevista com acusações graves a cantora deu a sua versão sobre a crise que sepultou a Banda Calypso, confirmando os boatos de traições conjugais e de desvios financeiros da empresa do casal. Mesmo atônito e com baixas esperanças de que poderia realizar o meu sonho, eu sabia que meu apoio à Joelma era incondicional; defenderia ela qualquer que fossem as circunstâncias porque eu conhecia aquele cenário de agressões narrados pela cantora na entrevista. Durante a minha infância, as brigas entre a minha mãe e o meu padrasto aterrorizaram a mim e ao meu irmão mais novo; e por vezes fomos forçados a

²⁷ Trecho do discurso da cantora Joelma no Programa da Sabrina, em 29 de agosto de 2015.

sair correndo noite adentro para pedir socorro, enquanto ele sob o efeito de bebidas alcoólicas surrava a minha mãe.

As cenas de violência por si só, já bastavam como razão para decretar muito mais do que o meu apoio irrestrito à Joelma. Vê-la como mulher e mãe passou a ofuscar por ora, o arquétipo de diva, de heroína, de inabalável; comecei a projetar nela os mesmos sentimentos que eu nutria por minha mãe, e de imediato, assumi o compromisso de protegê-la, de zelar pela integridade física e por tudo aquilo que aquela figura representava. Eu ainda não sabia como fazê-lo, mas eu estava desde aquela época determinado a preservar e reclamar os direitos e a grandiosidade do legado construído por Joelma.

Aquele ano foi findando e tendo Joelma anunciado que cumpriria a agenda de shows com a Banda Calypso até o dia 31 de dezembro, ela seguiu se apresentando sem a participação do ex-marido e realizou o último show da banda no Réveillon de Macapá (AP). A cantora se despediu com a banda que a projetou no cenário musical brasileiro consagrada em território nacional e internacional, com recordes de vendas e popularidade, e na mesma ocasião deu entrada na carreira solo lançando uma das músicas que a consolidou na nova fase, “Voando pro Pará”, levando o público ao delírio, confirmando a Joelma como a “Rainha do Calypso”²⁸.

As polêmicas de uma separação turbulenta foram aos poucos amenizadas e o ano de 2016 chegou com a familiar áurea de renovação e esperança que o início de cada novo ano carrega em si; mas de modo especial foi também o recomeço para a Joelma e senti em meu íntimo que também seria para mim. Afastada dos palcos durante os dois primeiros meses do ano, Joelma suspendeu sua agenda de shows e dedicou-se ao processo de repaginação de sua imagem e carreira. O foco no trabalho prometeu inovações, que segundo a artista haviam surpreendido ela própria.

Os três primeiros *singles* divulgados em carreira solo, alcançaram o topo de reproduções em emissoras de rádio e plataformas de áudio. As faixas “Voando Pro Pará”, “Ai Coração” e “Não Teve Amor”, foram escolhidas pela cantora para marcar seu retorno aos palcos do Brasil com uma roupagem inédita e distante do que se via nos shows da Banda Calypso. A vontade e a entrega presentes na performance da artista demonstraram uma magia que eu precisava sentir. Ver as gravações amadoras dos dois primeiros shows realizados na fase solo da cantora me causava uma inquietação com variados significados. Eu não apenas queria, mas eu precisava

²⁸ O título atribuído à cantora Joelma, deriva do reconhecimento à sua trajetória ímpar na difusão do ritmo bregacalypso, de origem paraense, pelo território nacional.

ver e ouvir a Joelma de perto, por que a aflição de outrora havia sido suplantada pela ânsia do encontro que mudaria a minha vida.

A agenda de shows foi divulgada e para minha surpresa e felicidade elevadas, no dia 26 de março de 2016 Joelma levaria a turnê intitulada AVANTE para a cidade de Paulo Afonso, na Bahia, cidade que fica a cerca de 227 km de Nova Soure. Aquela foi a minha oportunidade de buscar o meu sonho, e eu não medi esforços para realizá-lo. Então, comecei a planejar a viagem e reuni todas as informações que encontrei na internet sobre o evento de festejos do “Sábado de Aleluia”, que além do show da Joelma, realizaria o show da cantora Marília Mendonça, expoente do estilo “sertanejo sofrência”.

Naquele mês de fevereiro eu organizei cada detalhe para viabilizar a minha ida ao show e busquei companhia para dividir aquele momento único na minha vida; comecei então, a comentar sobre o meu plano com alguns amigos, mas nenhum deles me deu certeza, até que procurei a professora Carla Prado, aquela que também era fã da Banda Calypso, e fiz a proposta para ela; numa certa noite de segunda feira bati à porta de sua casa e na calçada mesmo falei do show e da minha vontade irreprimível de ir. Ela aceitou prontamente, pois fazia muito tempo que não via um show da banda e aquela era uma grande oportunidade.

Figura 4 - Cartaz do evento



Fonte: Joelma & Marília (2019).

No início deste capítulo falei sobre as poucas pessoas que realmente gostavam da Calypso no povoado onde eu cresci, e a professora Carla era também conhecida por isso; era comum passar em frente à sua casa e ouvir o som alto tocando Banda Calypso, principalmente aos sábados. Ela possuía uma coleção de CDs e DVDs originais, que algum tempo antes, pedi emprestado para copiar os álbuns para o cartão de memória do meu celular. Me lembro da satisfação em abrir o guarda-roupas do meu quarto e ver aqueles CDs guardados com tanto cuidado lá dentro, era como se eu abrisse uma porta e visse a Joelma do outro lado, à minha espera.

Nos dias que seguiram, passei a frequentar a casa de Carla semanalmente conversando, planejando e ouvindo as histórias dela, muitas sobre seu ex-marido. Numa dessas idas, fomos até a casa de um conhecido para perguntá-lo se poderia nos levar até Paulo Afonso, e quanto cobraria pelo transporte. *Zé Bode*, como era popularmente chamado, fazia o frete por um valor justo, mas para aquela data ele já tinha reservado seus serviços para transportar uma família para um casamento.

Eu tinha muitas ideias a respeito de como ir até a cidade onde seria o show, uma delas era comprar passagens no guichê da viação Regional que fazia o itinerário, passando pelo Paiaíá, inclusive. Além disso, me preocupava com hospedagem, alimentação, e principalmente com os ingressos do show, que naquela época eram vendidos apenas presencialmente em pontos da cidade. Numa noite conversando com Cleide, uma amiga, ela me contou sobre sua recente estadia em Paulo Afonso na casa de familiares do seu namorado e de imediato me passou o contato de uma prima dele que poderia me ajudar na compra dos ingressos.

O contato com *Teinha*, apelido para *Monicleia*, foi providencial. Naquela mesma noite fiz contato com ela e combinei de depositar o valor de dois ingressos para que a compra fosse providenciada. Mesmo eu tendo todas as informações sobre o show da Joelma na cidade, Teinha não fazia a menor ideia a respeito dele e essa observação me preocupou um pouco mais. No entanto, confiei nas muitas pesquisas que fiz sobre o evento e no dia seguinte fiz um depósito com o valor de 120 reais, para ingressos da área VIP, que de acordo com o mapa do evento, ficava em frente ao palco.

Os preparativos dessa aventura continuaram à medida em que eu tocava as minhas atividades na Biblioteca do Paiaíá com o “Bloquinho do Iaiá”, dirigido e animado por mim mesmo. No sábado de carnaval, a biblioteca promovia um desfile de carnaval infantil com carroça alegórica, crianças fantasiadas e premiação das melhores fantasias do bloco. Uma farra deliciosa e que movimentava o pequeno lugarejo com a visita e participação de famílias que passavam o feriado por lá.

Passados os festejos de carnaval, me dediquei ao novenário de São José, padroeiro da comunidade e santo de minha devoção, como já escrevi linhas atrás. Eu fazia parte da comissão organizadora e os trabalhos eram muitos, mas satisfatórios tanto quanto. A cada dia uma ansiedade tomava conta de mim, sentindo que finalmente o meu sonho se realizaria. Até minha mãe, que nunca escondeu o desgosto pela Joelma, acabou se contagiando com minha euforia e esboçou desejo em nos acompanhar no show. Numa segunda feira, no Mercado Municipal estávamos em uma mesa e ela perguntou a um conhecido qual o valor que ele cobraria para nos levar até Paulo Afonso na data do show. Ele quis se aproveitar da situação e fez um orçamento exorbitante, o que desanimou minha mãe sem muito esforço. Como disse anteriormente, a (não) relação dela com a Joelma, foi e continua sendo, um desafio que requer “jogo de cintura”, e desconfio que parte dessa “antipatia” seja provocada por ciúmes, considerando que a figura da Joelma representa para mim possibilidades que estão além daquilo que eu vislumbrava em minha mãe; muito embora, ela também tenha contribuído e muito para a percepção e vivência cultural que carrego comigo.

Mesmo com essa “guerra fria”, minha mãe teceu elogios às novas músicas interpretadas pela Joelma, talvez por reconhecer nas letras de “Ai Coração” e “Não Teve Amor”, sentimentos que eram familiares a ela mesma. Me lembro de ouvi-la dizer que “a separação tinha feito bem” à Joelma. Mas, voltando aos esforços em garantir a nossa viagem para o show, a ideia de pegar a estrada num ônibus com destino à Paulo Afonso por aproximadamente 4 horas, pareceu a mais viável. Por ironia do destino, ou não, em 2011, eu e a professora Carla fomos à Paulo Afonso premiados numa ação denominada “Aprendiz Viajante”, da Secretaria Municipal de Educação; então, já conhecíamos alguns pontos da cidade, mas lógico que com o passar do tempo, as paisagens mudam e o Parque de Exposições onde o show aconteceria, não havia sido ponto de visita do roteiro que fizemos na ocasião.

Ao escrever essa narrativa cheguei à conclusão de que aquele show tinha razões maiores para que eu fosse assisti-lo. Os dias foram passando e nós corríamos à procura de algum meio que nos levasse até Paulo Afonso, já que a viagem de ônibus seria exaustiva, sobretudo, porque não estávamos habituados ao percurso; essa seria uma última alternativa. Continuamos em busca de um fretamento e conversando com outra professora da escola, ela se ofereceu a nos levar com a condição de fazer o transporte apenas de ida; o retorno seria por nossa conta. Enquanto pensávamos nessa possibilidade, traçamos outro plano, que consistia em pedir o apoio de um vereador amigo nosso; decerto ele nos ajudaria. Então, conversamos com ele, que se prontificou a nos ajudar, oferecendo o seu próprio carro, com a condição de que encontrássemos um motorista, a quem ele também pagaria pelo serviço. Tínhamos conseguido

a parte mais difícil, e só nos restava encontrar alguém responsável para dirigir por aproximadamente 4 horas, durante a noite.

Até então, tudo pareceu estar certo, e sendo assim, não me privei em falar sobre minha ida ao show, e conseqüentemente, em realizar o maior sonho da minha vida. Quase todas as pessoas que conviviam comigo souberam de minha aventura, e alguns comentavam estupefatos: “- *Nino, filho de Mateusa vai pro show de Calypso*”. Confesso que gostei de ser assunto na boca do povo, sobretudo, pelos motivos certos, que simbolizavam a minha perseverança naquilo que me atravessava, desde muito antes. Foi prazeroso ouvir alguns comentários com ar de surpresa, aprovação, e principalmente com a confiança que aquelas pessoas depositavam em mim; senti a partir dali, que qualquer coisa que eu quisesse fazer, eu teria sucesso porque o alcançaria com muita obstinação e resiliência.

O exercício empreendido nesta monografia diz sobre o caráter devocional reconhecido em parte significativa de minha trajetória pessoal e profissional, considerando, que o título de Bacharel em Humanidades, e Cientista Social foram possibilitados pela pesquisa dedicada à Joelma enquanto artista de vanguarda e sua representação artística e cultural. A respeito de devoção, esse trabalho não se restringe tão somente a evidenciar a minha veneração pela Joelma, pois há outra força que me atravessa. Linhas atrás, mencionei ser devoto de São José, padroeiro do povoado onde cresci; sobre essa relação, peço licença para descrever parte de minha atuação durante o novenário em louvor ao santo, realizado costumeiramente entre os dias 09 a 19 de março.

Minha rotina nesse período começava às 4:30 da manhã para abrir a igreja e tocar o sino, convidando a comunidade para a alvorada que era minha responsabilidade fazia algum tempo. Quando era criança, minha mãe fazia questão de me levar às alvoradas e quando ela não conseguia ir, me acordava para que eu fosse; quando então vi a oportunidade de assumir a responsabilidade por elas, adotei essa função como parte do meu compromisso religioso.

Nesse período eu organizava meu tempo entre as tarefas de casa, atividades pontuais na biblioteca, as ações do município na reta final da campanha do Selo Unicef, e os compromissos relativos à festa do padroeiro, como a venda de camisas, e os preparativos das novenas e do dia da grande festa. Os envolvimento com essas demandas me faziam bem e aguçavam a minha predisposição a colaborar com a dinâmica da comunidade; mesmo com o tempo corrido e tantas agendas para cumprir, eu estava tomado pela ansiedade e a expectativa para o show que aconteceria alguns dias à frente.

Os festejos de São José passaram, então, detive minhas preocupações com a viagem que faria naquela semana. Mas como nada em minha vida foi alcançado como num *passe de mágica*,

um imprevisto ameaçou o plano da viagem, pois o vereador nos avisou que precisaria do veículo para um compromisso de saúde naquela data em que viajaríamos. Além disso, nós não havíamos encontrado um condutor, o que complicou ainda mais a situação. Percebi que meu sonho estava em risco, e entrei em desespero.

A professora Carla acolheu a minha comoção e se comprometeu a tentar outro meio com o amigo vereador, o que salvou todo o planejamento feito. Ele, outra vez, se comprometeu em nos ajudar e pediu que eu ficasse tranquilo, pois haveria outra forma de realizar o meu sonho. Então, chegou o dia 26 de março de 2016, como qualquer outro sábado e sem o brilho que eu imaginava que veria naquela ocasião; mas sabia que qualquer mudança só aconteceria se eu permitisse, e as preocupações eram maiores que a minha boa vontade em torná-las apenas parte desta história, como faço agora.

A data do show havia chegado e ainda não tínhamos uma resposta sobre como faríamos aquela viagem. Naquela época eu não tinha recursos financeiros para assumir os custos da viagem, e o pouco dinheiro que consegui guardar era insuficiente para garantir a minha ida ao show, mesmo com o ingresso comprado. Pedir a ajuda de minha mãe para essa aventura não me pareceu ser uma opção, pois eu sabia que ela torcia contra; eu precisei esperar.

Na manhã daquele sábado, fui à casa de uma costureira para buscar uma camisa que paguei para personalizar com uma foto da Joelma na frente e sua logomarca nas costas; precisei levar para ajustar ao meu tamanho, pois a camisa que comprei era grande. *Santa*, como é conhecida, já fazia alguns serviços em roupas minhas, e quando fui em sua casa receber a camisa, quis saber o porquê do ajuste na camisa. Me perguntou então, porque eu não vendia a camisa já que tinha ficado grande em mim; eu ri debochado, lhe dizendo que havia mandado fazê-la por conta do show da Joelma que eu iria naquele dia. Conversadeira como qualquer senhora daquele povoado, ela ainda quis saber o que “essa mulher” [a Joelma] iria fazer na cidade em que eu estava prestes a ir: “- *Ela vai dançar é?*”. Eu ri com a boca cheia de dentes e pensei: “- *Ah, essa mulher vai tacar fogo na cidade?*”.

À medida que o dia passava fiquei cada vez mais inquieto, então, resolvi ir até a casa de Carla para saber se já tínhamos uma resposta sobre nossa viagem e na conversa contei a ela que eu tinha pouco dinheiro e que por isso, havia pensado em desistir. Quanto a essa questão ela me tranquilizou e me passou seu celular para que eu ligasse para o vereador e cobrasse uma posição; assim fiz e ele me disse que estava alinhando com um conhecido dele, mas que daria tudo certo. Essa resposta me deixou animado e alimentou todas as minhas expectativas. Fui para casa organizar uma mochila e me preparar para a viagem; não lembro de ter visto minha mãe ao longo daquele dia, pois certamente passou parte dele nos bares do povoado.

Na cerca do quintal, conversei com Elaine, minha vizinha, sobre minha ansiedade, mas também do meu sentimento de felicidade em realizar aquele sonho tão importante na minha vida. Meu primo Raul também sabia dos pormenores e não iria ao show comigo por ter sido amedrontado por sua mãe, mas me emprestou sua câmera fotográfica digital, para que eu pudesse registrar cada momento. No meio da tarde, vi que Carla estava tomando cerveja em frente à sua casa e não pude deixar de me preocupar, pensando que ela poderia se empolgar e colocar a viagem por água abaixo, ou melhor, “cerveja abaixo”. Fui então ao encontro dela para saber se nosso amigo já havia dado alguma notícia sobre o transporte, e outra vez ela me deu seu celular para falar com ele. Na conversa rápida ele me disse que tinha combinado com um conhecido para nos acompanhar na viagem, e que o carro passaria para nos buscar às 17h, na frente da igreja da comunidade. Já em casa, comecei a me aprontar vestindo a roupa que havia escolhido para ir ao show: calça jeans azul, camisa personalizada com a foto da Joelma e sapatênis preto. Na mochila, uma toalha para eventuais necessidades, um casaco e utilidades de cuidado pessoal. Eu queria estar impecável para ver a musa dos meus sonhos.

Faltava pouco para às 17h e eu estava pronto, então peguei a mochila que era grande para a ocasião e fiz uma oração a Deus pedindo proteção e agradecendo a realização daquele sonho. Àquela altura, minha mãe já havia aparecido e estava deitada em seu quarto, fui até a porta e me despedi dizendo que estava saindo, e ela respondeu um simples e baixo: “- tá bom”. Ao sair de casa, peguei a rua principal que dá acesso à praça do povoado, ou seja, eu queria ser visto e parado por quem quer que eu encontrasse e pudesse me perguntar se estava indo ao “show de Calypso”. Era bastante comum que as pessoas ainda associassem a Joelma, à Banda Calypso, o que ainda continua sendo um bônus e ônus para a cantora; como a própria mesmo já disse, elas “são uma só”.

Na rua principal, passei na bomboniere da “Aninha”, que tem esse comércio de lanches e doces desde que me entendo como gente, na verdade; comprei alguns doces para a viagem e segui para a casa da Carla. Alguns colegas estavam sentados numa calçada da pracinha e me acompanharam com um olhar de curiosidade. Bati à porta da casa e esperei Carla sair, mas fui atendido por Kael, o filho dela, que me disse que a mãe estava terminando o banho. Em pouco menos de cinco minutos ela saiu e foi se arrumar, eu fiquei na calçada a fim de ver o momento em que o carro chegaria, pois, segundo nosso amigo, era um carro modelo Siena de cor preto.

Não demorou muito e um veículo com essas características surgiu em baixa velocidade, como se o motorista procurasse alguém, quando o percebi acenei para chamá-lo até nós e ele respondeu com a buzina do carro, e desceu ao nosso encontro fazendo o contorno no canteiro e parando em frente à casa de Carla. Nos preparativos finais, ela colocou alguns pertences dentro

de uma bolsa e deu orientações ao filho que ficaria na casa da avó. De frente ao espelho, me juntei à Carla numa *selfie* mostrando minha camisa estampada com a imagem da Joelma; foi nesse momento que ela percebeu a personalização que eu havia feito. Acabei esquecendo de comentar sobre esse movimento, pois decerto, ela teria feito também.

Figura 5 - Registro da ida ao show da Joelma, em 26 de março de 2016



Fonte: Arquivo pessoal (2016).

Passava das 17h quando cumprimentamos um senhor que dirigia e entramos no veículo, ele nos disse que era morador da cidade vizinha, Olindina, e ao nos perguntar se estávamos prontos, respondemos entusiasmados com um grande sim. Na saída, passamos pelo grupo de colegas que estava por ali, e alguém do grupo gritou: “- *Calypsooo!*”. Rindo e com a cabeça pra fora do carro eu respondi aos berros: “- *AGORA É JOELMAAA!*”.

Durante a viagem a expectativa pelo show se tornou ainda mais latente, conectei o pendrive com músicas da Banda Calypso no dispositivo de som do carro e com o volume nas alturas, adentramos no perímetro urbano de Nova Soure. Me lembro da sensação em cruzar a BR 110 que passa por dentro da cidade no ritmo animado de *Dançando Calypso*, o que atraía o olhar de algumas pessoas que passavam próximo do veículo, sobretudo, quando paramos num posto de gasolina para reabastecer o tanque, e Carla aproveitou para comprar outra cerveja para ela e ir ao banheiro. Seguimos estrada adentro naquele finalzinho de tarde de um sábado comum, mas envolto numa mística de surpresas, com a promessa de uma noite memorável. No som do carro, o álbum Banda Calypso 10 anos, gravado ao vivo no Recife (PE) tomava meus

ouvidos me fazendo cantar, gritar e reproduzir alguns poucos movimentos na tentativa de imitar a Joelma em sua performance. Eu estava em total estágio de euforia e adrenalina.

Penso que o motorista tenha se divertido muito com aquela cena inusitada. Passamos por Cipó, Ribeira do Pombal, Jeremoabo e tantos outros lugares dos quais não lembro os nomes, mas que na reconstituição dessas memórias voltaram a figurar como testemunhas da realização do meu grande sonho até ali. A velocidade prudente do carro, o sol se escondendo atrás de uma paisagem daquele sertão em tons de crepúsculo e a voz da Joelma ecoando para fora do carro constituem um cenário que eu só tive acesso vivendo tais elementos. Meu estômago se comprimiu, uma reação da ansiedade crescente em mim; era Sábado de Aleluia [da alegria, em termos bíblicos, o dia em antecede a Ressurreição de Jesus, em sua Páscoa]; foi comum passarmos por lugares ao longo da estrada com pessoas aglomeradas se divertindo com paredões de sons, numa curtição convidativa.

Outro elemento que atribuiu um caráter peculiar a essa viagem foi a lua majestosa em seu completo auge. Passava um pouco das 20h e o céu estrelado com sua “grande dama” decorava aquela paisagem de uma noite refrescada por uma brisa misteriosa e agradável. Eu sentia que estava alcançando a mão do menino que via a Joelma na TV da casa de outras pessoas, a Joelma que eu quis possuir através da foto 3x4 que virou borrão e que perdi, e que a cada quilômetro percorrido naquela viagem com tons de aventura, me colocavam muito mais próximo de transformar os meus sonhos em realidade.

Aquela era a primeira vez que eu veria a Joelma em minha frente. Tudo, absolutamente tudo era legítimo por essa razão. Perdido em meio a tantos pensamentos, sentimentos e anseios, fui arrancado abruptamente de tais devaneios quando um barulho estridente nos surpreendeu e causou um grande susto, fazendo o motorista encostar o carro imediatamente. Para nossa infelicidade, um dos pneus dianteiro havia estourado após passar em um buraco aberto no asfalto; a visão do motorista foi comprometida pelos faróis altos de um caminhão no sentido contrário. Precisamos fazer a troca do pneu, que providencialmente tinha um reserva no porta malas, mesmo com a experiência e agilidade do motorista, não pude deixar de sentir uma angústia sutil por pensar que talvez nos atrasaríamos para o show.

Enquanto o pneu era trocado, eu segurava uma lanterna para iluminar o local, observando a paisagem em nosso redor, com uma coruja pousada no mourão da cancela de uma propriedade com uma casa ao fundo; parecia habitada. A única naquele raio de distância; lá no alto do céu, a lua irradiava uma luz branca, forte e reconfortante. Foram cerca de 20 minutos na troca do pneu estourado, muito embora a sensação tenha sido de mais tempo, uma reação da ansiedade que me tomava e fabricasse os piores desfechos em minha mente.

Seguimos viagem, ainda atordoados com o incidente e agradecidos por não ter sido grave, dessa vez sem música, numa conversa sustentada por Carla com o motorista, que estava sujo de graxa, mas aparentemente satisfeito por ter resolvido o problema e voltado à estrada. Cerca de 1h depois chegamos em Paulo Afonso; com cartazes do show em alguns muros e fachadas. Do banco traseiro, procurava o parque de exposições, que segundo as informações passadas por Teinha ficava na entrada da cidade.

Não demorou muito para passarmos em frente ao local da festa, ocupado por uma quantidade de pessoas à espera da abertura dos portões. Com o celular de Carla liguei para Monalisa, a irmã mais nova de Teinha, ela quem nos entregaria os ingressos, pois sua irmã havia viajado; ela sugeriu que nos encontrássemos numa praça perto de sua casa, mas sem o auxílio de um GPS precisamos pedir ajuda num posto de gasolina para localizar o ponto de encontro. Quando finalmente conseguimos chegar, liguei novamente para Monalisa, que me disse que sua casa ficava na rua atrás da praça, e orientou que fizéssemos a volta para encontrá-la; chegando na rua indicada, encontramos com Monalisa que nos convidou a entrar para que pudéssemos limpar as mãos sujas da troca do pneu.

Conversamos por alguns minutos sobre o show, que até aquela semana era desconhecido por Monalisa e suas irmãs, e ela nos trouxe os ingressos comprados. Então, nos despedimos e voltamos ao carro com destino ao local do show. Por volta das 22h S. Zé, nosso motorista, conseguiu estacionar perto do parque de exposições, que já formava uma fila expressiva de pessoas que ainda aguardavam a abertura dos portões. Haviam por ali, carros com o porta malas abertos e som alto, um deles com a voz da Joelma “no talo”; eu me senti arrebatado. O parque ficava numa avenida principal e a circulação de carros, motos, “tuk tuk’s” e pessoas era grande por ali; o motorista encontrou um ponto de estacionamento próximo do local e procurou uma hospedagem por ali mesmo para descansar da viagem exaustiva.

Minha expectativa estava em um ponto extremo, fato que minha percepção de coisas práticas estava completamente alterada por minhas emoções. A ideia de pegar o contato do Sr. Zé para avisá-lo sobre o fim do show e que era a hora de pegarmos a estrada retornando para casa nem passou pela minha cabeça, não fosse a destreza de Carla, essa iniciativa não teria sido cogitada. Nem o cansaço ocasionado por aproximadamente 4h de viagem, me fez amolecer.

Naquela aglomeração de pessoas, camisas estampadas com fotos de Joelma, faixas, cartazes, plaquinhas, bonés e som alto, me senti em casa. Eu sentia que havia nascido para vivenciar experiências como aquelas, conhecendo lugares e gente diferentes, num frenesi que só a espera por um show da Joelma é capaz de proporcionar. Percebendo e entendendo minha

agitação, Carla decretou que precisávamos fazer um lanche antes de entrarmos no local do show, considerando que não havíamos comido nada durante o percurso.

Nos sentamos em um *food truck* ali perto e pedimos dois mistos quentes e uma *Coca-Cola*. Enquanto esperávamos o pedido, Carla observava o movimento dos tuk tuk's que circulavam pela avenida à nossa frente, e eu imerso em pensamentos revisitava a minha trajetória até aquele momento, sem compreender integralmente a grandeza do que eu estava prestes a presenciar em alguns instantes. Nesse movimento, fiz diversas observações sobre as pessoas que passavam por nós e ia detectando a natureza de suas presenças ali, muitos fãs já circulavam por ali representando alguns fã clubes. Ao terminarmos o lanche, seguimos para a frente do parque e para nossa surpresa, a fila havia triplicado a extensão, formando um caracol colorido; bonito.

O burburinho de vozes eufóricas disputava com o som automotivo que enchia os ouvidos numa poluição sonora agradável. Cambistas subiam e desciam feito abelhas ao longo da fila vendendo os “passaportes” para a festa. Já passava das 23h, com os portões ainda fechados num atraso de aproximadamente 1h; nesse meio tempo, notei que a presença de grupos de fãs da Joelma era significativa e impelido pela curiosidade fui conversar com alguns deles que se encontravam um pouco à minha frente. Troquei “figurinhas” com uma galera de Aracaju (SE), sobre aquele show e a nova fase da carreira da Joelma. O bate papo foi rápido, e logo retornei para junto de Carla.

Um grupo que estava na cabeceira da fila, defronte aos portões do parque de exposições, puxou um coro numa saudação ao retorno de Joelma aos palcos, que foi acompanhado pela massa de gente que aguardava na fila: “*Oh! A rainha voltou. A rainha voltou. Oh!*”

O coral fazia jus a uma torcida organizada, fazendo tremer as estruturas de um estádio em dia de jogo; até quem não era fã da Joelma entoava o refrão e intensificava a homenagem que dava as boas-vindas à cantora numa primeira apresentação da *Tour Avante* na Bahia. No meio da multidão, cantando, com faixas e cartazes em riste, me percebi com lágrimas marejando os olhos. Eu estava ali, vivendo cada momento daquele acontecimento. Chorei, gritei e cantei junto. A rainha tinha voltado. Estava ali bem perto.

Não levou mais tempo para que os portões do parque fossem abertos. A movimentação foi empolgante, os ingressos recolhidos nas bilheterias, e seguranças fizeram a revista de cada pessoa que adentrou o espaço. Depois da revista, os fãs mais empolgados, como eu, disparavam numa maratona para garantir um bom lugar em frente ao palco, mesmo os acessos sendo diferentes para a área VIP, o tapete vermelho, e a pista.

Dentro da área VIP conseguimos ficar próximo da grade que separa o palco do público; a cada instante o espaço ia sendo tomado pelos fãs, que claro, priorizaram esse setor por ser privilegiado em proporcionar uma visão panorâmica e mais próxima da Joelma. No palco os técnicos e músicos de uma banda que eu não reconheci preparavam os últimos detalhes de som e iluminação. Faltava pouco para a 00h e o clima de euforia era palpável ali; alguns fãs comentavam da semelhança física do novo guitarrista da banda da Joelma com o ex-companheiro da cantora e assistiam em seus celulares o mais recente clipe da artista, da faixa “Não teve Amor”, uma das principais músicas da carreira solo que evidenciou o retorno da cantora em sua fase solo.

Essa canção traz na letra a constatação de que há coisas na vida que ao serem perdidas significam algo maior que uma perda, mas sim uma libertação daquilo que não faz bem. Por essa mensagem nada subliminar surgiram especulações de que a letra poderia ter sido encomendada para o momento ao qual a cantora vivenciou como fim do casamento e da parceria com o guitarrista Ximbinha.

Enquanto o palco era finalizado eu conversava com Carla e alguns fãs próximos sobre a possibilidade de que a Joelma fosse a última atração a se apresentar, considerando que a artista era a “veterana” naquele evento, mesmo com o sucesso extraordinário da cantora Marília Mendonça, que se apresentaria na mesma noite; um fã que estava próximo a nós concordou com minhas suposições e passamos a conversar, ele disse ser de Salvador e coincidentemente se chamava Matheus, e que ao final do show iria ao atendimento que a cantora faria com os fãs tirando fotos no hotel onde estava hospedada. Senti vontade de ir também, mas certamente não conseguiria pelo fato de não ter a pulseira de atendimento e me conformei em vê-la apenas no show, o que aconteceria tão logo, pois recebemos a informação de que Joelma seria a primeira atração a se apresentar.

Luzes acendiam e apagavam, os instrumentos davam os primeiros acordes e logo em seguida a banda deu início a passagem de som com a música *Merengue Sensual*, que causou um frisson na multidão de cerca de 15 mil pessoas presentes no local. Minutos depois um apresentador subiu ao palco e anunciou o início do show, atizando o público que gritou num misto de emoção e devoção. Joelma foi chamada ao palco. O show começou.

Figura 6 - Show realizado em Paulo Afonso no dia 26 de março de 2016



Fonte: arquivo pessoal (2016).

4 PASSE DE MÁGICA

*“Que te espero como um sonho
Eu preciso te encontrar
Eu conto as horas, [...] pra te ver chegar”.*

(Passe de Mágica; Edilson Morenno / Glayse Dominguez. J.C. Shows, 2005)

As cortinas foram abertas, os canhões lançavam luzes coloridas por todo o parque, na estrutura superior do palco globos de luz estavam pendurados, subindo e descendo de modo cronometrado; uma sonoridade de suspense preencheu o ambiente e nos telões do palco surgiu a logomarca da Joelma - uma bota adornada com uma coroa - envolvida por chamas volumosas. No palco, quatro figuras estavam abaixadas cobertas por capas pretas com capuzes. O tema instrumental de abertura sugeria uma grande aparição. E ela veio, assim como em minha adolescência, quando a voz chegou antes da imagem.

Joelma entoou um trecho da canção *Força Estranha*, composição de *Caetano Veloso*, e ao tirar o capuz que encobria o rosto, revelou-se no meio dos bailarinos posicionados no pé no palco. Ela estava deslumbrante; impecável, como uma pintura renascentista. A excitação foi inevitável e os fãs acompanharam cada frase da canção, numa mistura de lágrimas, gritos e confetes lançados para cima; uma celebração com inúmeras plaquinhas e balões vermelhos que simbolizavam a vivacidade daquele momento. Foi surreal.

Num grave acentuado Joelma fez reverberar pelo parque, a “força estranha” que pairou naquele momento. Na sequência, a banda deu os primeiros acordes conduzindo o show para a primeira música do *setlist*: “*Dançando Calypso*”, o consagrado “*Cavalo Manco*”. Esse foi um dos pontos altos da apresentação e representa a proclamação da cantora como a principal difusora da musicalidade paraense²⁹. Na adaptação do bordão usado ao longo de sua atuação na Banda Calypso, quando dizia: “- *É Banda Calypso!*”, Joelma garantiu uma personificação ao estribilho, o apresentando como: “- *Agora é Joelma!*”. Nesse movimento dotado de uma sagacidade que lhe é característica, a cantora gravou sua identidade tornando-se uma personificação isolada do ritmo Calypso, com sua aparição e modelagem se preservando como uma artista que atravessou gerações e se mantém na atualidade dentro da esfera musical popular do Brasil.

²⁹ Parte da discussão que possibilita essa afirmação está diluída no artigo de minha autoria “Menina do Requebrado: Trajetórias, Expressividades & Performance da Cantora Joelma a partir da Cultura Paraense”. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/554>.

Analisando os primeiros momentos desse show, é possível tecer algumas análises acerca da expressão corporal que compõem a performance da Joelma no palco. As finalizações de coreografias recebem, no geral, uma precisão calculada, com movimentos que produzem uma postura firme e dotada por uma superioridade reconhecida em performances das cantoras *pop's* estrangeiras. Essas expressões, popularmente conhecidas por “carão”, tornaram-se parte do **código performático** de Joelma, que equilibra sua **gestualidade** à sua interpretação musical, evidenciando seu timbre singular, a técnica vocal e a versatilidade que atribui à sua apresentação.

De volta às memórias do show em Paulo Afonso, no palco, os bailarinos se despiram de suas capas e assim também fizeram com a Joelma; outro ponto alto da apresentação. O figurino do 1º bloco era a peça usada no videoclipe da canção gravada em espanhol *Pa'Lante* (Para Frente. Esse figurino é um vestido adornado com um babado volumoso na parte de trás, estampa de folhas e flores nas cores verde, rosa e lilás; já na altura do ombro direito outro babado para avolumar os movimentos coreográficos e na região central do figurino tela transparente com pedras brilhantes, nas mãos Joelma usava luvas pretas, símbolo de curiosidade de grande parte de seus fãs, por deixarem os dedos à mostra.

Figura 7 - Cantora Joelma em show na cidade de Paulo Afonso – BA, 2016



Fonte: Kanal Vip (2016).

O conjunto de elementos que formavam aquele cenário foram registrados por mim em um curto espaço de tempo; certamente são lembranças que me acompanharão por toda a vida, considerando que essa foi a minha primeira experiência em testemunhar a realização de um

espetáculo que até aquele momento eu só ouvia falar ou acompanhava pela internet nas frequentes aparições da Joelma na TV. O cabelo vasto e louro da cantora, um sinônimo das famosas coreografias executadas com o balanço das madeixas, reluzia com o contato das luzes do palco, provocando um efeito dourado em volta dela.

Com botas de cano longo e salto 15cm, (a mesma usada no videoclipe de Pa’Lante), Joelma não demonstrava a mínima dificuldade em se equilibrar com os saltos. Foi imerso nessa análise que percebi algo que me fez soltar um riso e atenuar a tensão que havia tomado o meu corpo desde que a vi ali, na minha frente. Como Joelma era pequena! A estatura baixa da cantora já era de meu conhecimento e pauta de algumas entrevistas cedidas por ela em programas que acompanhei, mas constatar aquilo presencialmente foi de certo modo impactante. Segundo Joelma, ela tem 1.52 de altura; que arredondado por nós fãs, não passa dos 1.50.

O show seguiu num embalo envolvente e o público acompanhou cantando e dançando ao som de músicas como “Tchau pra Você”, “Imagino” e “Me Telefona”, um repertório herdado da Banda Calypso, com uma nova roupagem. Ao fim do 1º bloco, o show recebeu uma pausa para os agradecimentos de praxe, aos fãs pela presença e fidelidade, e sobretudo pelo apoio incondicional durante o fim do seu casamento e o fim da Banda Calypso. A saudação habitual aos fã-clubes presentes é um reconhecimento merecido aos inúmeros fãs que viajam horas seguidas, cruzam estados e enfrentam desafios para acompanhá-la nos shows.

Ao mencionar os nomes e cidades de origem dos grupos de fãs organizados com camisas, faixas e outros adereços, Joelma aproveitou para brincar com os títulos inusitados que recebe e que denominam seus fã-clubes. Na sequência, o 2º bloco do show trouxe baladas românticas com a recém lançada “Ai Coração” e “Abandonada”, uma releitura de um grande sucesso da conterrânea *Fafá de Belém*. De volta ao palco, o corpo de ballet da artista a acompanhou em “Não Teve Amor”, o “hino da superação”, canção de autoria da cantora Marília Mendonça, (que se apresentou no evento após a Joelma).

O repertório de músicas conhecidas pelo público, sucessos da Banda Calypso, constituía uma ideia da cantora em mesclar canções dançantes com baladas românticas, apresentando um gênero musical oriundo da República Dominicana – a Bachata, que foi incorporada projetos da Calypso, com destaque ao 19º álbum da banda intitulado “Eu me Rendo”.

A percepção desse aparato, representado por figurino e coreografias, dialoga amplamente com uma avaliação do CEO da *Fbiz*³⁰ - Fernand Alphen, para a revista MAG, na

³⁰ “Agência que há 25 anos evolui para fugir do óbvio, que coloca as pessoas no centro de tudo e que segue criando novas formas de promover experiências cada vez mais envolventes”. Disponível em: <https://www.fbiz.com.br/>.

edição nº 17/2009 “Luxo Sem Medida”. Segundo ele: “[...] É do genuíno prazer de cantar, dançar e comunicar que ela tira sua inspiração para figurinos absurdos e coreografias delirantes”. Penso que a afirmação de Alphen, alude para um movimento empreendido por Joelma na convergência de simbologias da corporeidade que aciona referências que compõem a amálgama cultural do Estado do Pará, e isso é manifestado por meio de suas performances, numa justaposição de influências históricas, culturais e territoriais que influenciam na construção do figurino e na concepção e desenvolvimento das coreografias apresentadas pela artista. O reconhecimento a esse conjunto performático projetado por Joelma, está intrínseco a qualquer abordagem que a reverencie.

Retomando a narrativa do show que ilustra esse capítulo, Joelma comandou um show predominantemente marcado pelo público LGBTQIAPN+, que acompanhava cada música e as coreografias; a euforia provocada pelo avanço do show arrancou gritos das mais diversas intensidades. Meus, inclusive. O 3º *set* da apresentação começou com a exibição das prévias de dois videoclipes das faixas “Te Quiero” e “Pa’Lante”, gravadas em espanhol no álbum homônimo da carreira solo de Joelma. Em seguida, a cantora retornou ao palco usando um vestido verde e longo com uma fenda expressiva na lateral esquerda.

Acompanhada de um violão, Joelma interpretou um trecho da canção “Fala pra Mim”, numa versão acústica, revelando outras habilidades ao tocar o instrumento em show, fato conhecido dos fãs por meio de vídeos gravados por ela em releituras de canções gospel. Esse bloco foi marcado pelo romantismo trazido pela artista na música “Perdistes el Trono” (Perdeu o Trono), encerrando o momento acústico do show, que evoluiu com a troca de figurino no palco mesmo; em um movimento preciso a cantora abriu a lateral esquerda do vestido e revelou outra peça por baixo, um vestido vermelho e curto com o busto em pedrarias e um cinto no mesmo estilo. Nos pés, como de costume, botas de salto e cano longo.

No 4º bloco do show o repertório foi protagonizado por músicas da Banda Calypso que exploram a fusão do ritmo caribenho, o calipso com as tendências e gêneros musicais tradicionais do Pará, como por exemplo a cúmbia e a soca. Para além de dançante, esse momento do show foi preenchido por uma nostalgia que rememora os “anos de ouro” da Banda Calypso com sucessos como “Cúmbia do Amor”, numa roupagem que particularmente gosto muito com a presença de instrumentos de sopro que evidenciam uma sonoridade com as referências musicais da América Latina.

Evidentemente que parte dessas observações me ocorreram ao reconstruir essa narrativa, com uma maturidade adquirida por meio de outras experiências em shows da Joelma, e de

leituras que me permitem uma análise qualificada dessa dinâmica de surrealidades que lastreia o show business e a relação entre fã e artista.

Quanto a mim, tomado inteiramente por cada detalhe da apresentação da Joelma, movido pela mesma euforia que fez o público à minha volta cantar, dançar, pular e gritar, fui aos poucos me afastando da companhia de Carla, me aproximando mais da grade e ficando mais perto do palco. A música seguinte foi “Voando pro Pará”, com um arranjo digno da grandiosidade que tem essa música, sendo uma das maiores revelações da carreira solo da cantora. Encerrando esse set, Joelma apresentou um *medley* gospel das canções “Unção sem Limites” / “Buscar Tua Face é Preciso”, da cantora Ludmila Ferber. Nesse momento do show, o público fiel da Joelma seguiu o clima de relaxamento, agradecimento e adoração. Independente de crença ou religião de cada pessoa ali presente tivesse consigo, o que sobressai, (a partir de minha percepção), é a habilidade da Joelma na condução desse momento num show para um público diverso (mesmo que tais canções sejam de cunho evangélico). A sensibilidade aflorada pelo discurso em tom de testemunho da cantora, possui poder de comoção e se mostra na gestualidade acionada ao prostrar-se de joelhos no palco e chorar, permitindo-se a uma vulnerabilidade que toca.

Ao fim do momento gospel, habitual nos shows de Joelma, ela novamente invocou seu espírito performático e bradou um bordão que traz consigo ao longo de sua carreira: “- *E vamos dançar!*”. A essa altura, eu já havia chegado na grade e sem o menor pudor, escalei as barras de ferro de modo a ficar mais próximo do palco acenando e gritando enlouquecidamente para Joelma, que em algum momento retribui acenando de volta. Confesso, que se aquele fosse o último ato do show, teria me permitido desmaiar, mas não pude me submeter a esse constrangimento. Após uma troca de figurino, a cantora voltou ao palco num traje de carimbó, o que me deixou alucinado na grade. A peça era formada por uma saia transparente em tom avermelhado com adereços florais ao longo da barra e cintura, um *cropped* adornado com símbolos geométricos típicos de artes marajoaras, e ombreiras volumosas.

Joelma apresentou o pot-pourri de carimbó gravado no 16º álbum da Banda Calypso - “Pra Dançar Carimbó/Rebola”, reforçando o compromisso dela em promover a cultura paraense, movimento representado pela artista desde sua aparição no cenário musical brasileiro. Foi um momento de deleite, presenciando a interação da cantora com seu corpo de bailarinos no palco; para além de uma performance, a inclusão do carimbó no repertório da Joelma aponta para a preservação dessa manifestação cultural paraense com as influências e referências de ritmos africanos. De volta ao palco, sem a saia de carimbó e usando um short cintura alta, Joelma seguiu o show com o 5º e último bloco, relembrando outras canções da Banda Calypso.

A essa altura do show, a maioria dos fãs que se apertaram naquele espaço próximo à grade na tentativa de conseguir o melhor ângulo para ver a cantora, havia abandonado o show para seguirem até o hotel onde Joelma estava hospedada por conta do atendimento que ela faria após a apresentação. Isso significava que o fim do show estava próximo. Como escrevi anteriormente, eu sabia que o atendimento aos fãs após o show era um hábito da cantora, mas naquela época eu não fazia parte de fã clube e não conhecia o protocolo para garantir o acesso a tal momento.

À medida em que percebi aquele movimento de saída dos fãs para o hotel, tentei convencer Carla de que poderíamos tentar por um milagre indo em busca do atendimento, mas ela me trouxe de volta para a realidade, pois o motorista estava descansando àquela hora e não sabíamos a localização do hotel onde aconteceria o atendimento. Me dei por satisfeito e aproveitei o espaço que eu tinha alcançado na grade para intensificar o meu entusiasmo vendo aquela artista símbolo de inspiração e superação para minha vida.

No alto da grade com os braços esticados em direção ao palco eu gritei o quanto eu amava, o mais alto que consegui. Não sei ao certo se fui escutado, ou se ao olhar para mim ela conseguiu fazer uma leitura labial, mas a reação dela à minha declaração foi um sorriso contagiante e um aceno com uma das mãos para mim. Indubitavelmente, essa é uma das memórias mais lindas de minha vida até aqui; naquele primeiro encontro com a Joelma, consegui expressar o quanto sou atravessado por ela e ser correspondido de tal modo, legitimou todo o meu esforço em estar nesse show, vivenciando aquela experiência.

Eu não sabia se ria, chorava, agradecia ou fazia maiores investidas na busca de outras expressões recíprocas da cantora para comigo. Na dúvida fiquei de pé na grade cantando desesperadamente e tentando reproduzir as coreografias que Joelma fazia no palco. Era chegada a hora da despedida, e a última música do show me fez viajar no tempo em que eu era criança e assistia o DVD Calypso Pelo Brasil, ouvindo “Pra Todo Mundo Ver”, do bloco gravado em Brasília (DF). A imagem que surgiu em minha cabeça, foi a de um menino franzino com 9 anos de idade demonstrando um sentimento puro por uma cantora que morava em seus sonhos; desde lá, eu sabia que aquele sonho se realizaria, e ali estava eu, quase adulto vendo a Joelma na minha frente, sorrindo e acenando para mim. Eu consegui.

A cantora encerrou o show agradecendo o público, os fãs, ao escritório *Fontes* e ao empresário Pedro Motta, que administrava a carreira dela. Com o modo tradicional e peculiar de encerrar o show, Joelma bradou: “- *Valeu Paulo Afonso, ‘brigado’ Bahia! [...] Beijo no coração, fiquem com Deus e até a próxima se ele quiser! OBRIGAAAAADA MEU DEUS!*”.

Acenou para o público, bateu cabelo e deixou o palco sob uma chuva de gritos e aplausos. Fiquei em lágrimas.

A narrativa registrada aqui, exprime de modo particular e verossímil a minha primeira experiência num show da Joelma; a realização de um sonho. Esse foi o começo de uma jornada que me trouxe até aqui, na tessitura de uma análise experimentada e condicionada pelo encantamento e afetividade provocada por esta artista. Desde 26 de março de 2016, a necessidade em atender ao chamado em ir a quantos shows fossem possíveis, tem sido religiosamente cumprida anualmente. É feito numa romaria, na qual há preparação, intenção e devoção, num esforço para aplacar a saudade e preencher a ausência da motivação que se apodera do coração e da alma quando se permite ser atravessado pelo conjunto de sensações que é transmitido pela Joelma.

Os encontros que vieram depois por meio das oportunidades de ir ao show da Joelma foram como deveriam ser, incríveis. Todos eles especiais, com doses de desafios que foram superados pela determinação que procuro ter quando realizar os meus sonhos são prioridade. Em 23 de junho de 2017, realizei outra conquista: a minha primeira foto com a artista. O show aconteceu em Lagarto (SE), cidade relativamente próxima da região onde eu morava, considerando que Paiaíá fica nas imediações de Olindina e Itapicuru, município que faz fronteira com o Estado de Sergipe. A apresentação aconteceu no “Festival da Mandioca”, e ao saber dessa oportunidade, não pensei duas vezes em ir.

Nessa época eu já havia me filiado ao fã clube “Lágrimas de Amor por Joelma”, com sede em Salvador, e aos poucos fui me adaptando àquela dinâmica de interação em grupos de WhatsApp, e Facebook; conheci muitas pessoas que reencontro a cada ano nos shows pelo Brasil afora. Meu acesso a um fã clube também representa outra conquista nessa trajetória de devoção e comprometimento com a artista. A busca por pessoas que tivessem o mesmo “gosto refinado” que eu, e conseqüentemente não havia encontrado na região em que morava, com exceção da Carla e do meu irmão Hugo, que já não morava mais por lá. À medida em que ia adentrando o universo dos fãs da Joelma, passei a me sentir de fato, parte daquele movimento; foi o encontro da minha turma, de pessoas que compartilhavam de sentimentos parecidos com os meus, e na mesma intensidade.

Mesmo tendo encontrado afinidades em pessoas diferentes, e que moravam em outros lugares, a interação com ideias e opiniões contrárias às minhas foi um dos primeiros desafios encontrados, colocando alguns dos meus princípios à prova. Minha estadia nesse grupo de fãs não durou mais do que 1 ano por questões de insatisfação com a administração do fã clube; minha percepção sobre aquele espaço havia sido alterada com o passar do tempo. Regras

descumpridas, desrespeito e descaso entre os membros e posicionamentos duvidosos me fizeram abandonar o “Lágrimas de Amor por Joelma” e procurar outra organização, e foi assim que encontrei o fã clube “No Embalo da Joelma”, também de Salvador. Nesse espaço fui capaz de aprimorar a minha condição de fã e aprender a mediar conflitos e defender os ideais de um coletivo. Alguns parceiros de projetos importantes desenvolvidos por mim, vêm desse período, pessoas com as quais pude sonhar e desenvolver ideias a partir da inspiração que a Joelma exerce em minha vida.

Os festejos juninos no interior da Bahia, em especial, são legítimos festivais, e naquele ano eu resolvi não curtir a tradicional festa que acontece em Nova Soure, durante três dias de folia. Minha decisão obviamente foi influenciada totalmente pelo show que Joelma faria em Lagarto e causou um mal-estar com a minha mãe e com meu namorado, na época. Naquele ano de 2017 eu havia encontrado o meu primeiro namorado, com quem fiquei por aproximadamente 1 ano. A gente se via a cada quinze dias, pois ele morava em outro estado e com a proximidade do São João aquele era o período em que ele costumava ficar por mais tempo. Foi um relacionamento mantido em sigilo, por diversas razões; assim como também foi uma relação abusiva.

O conflito com meu namorado se deu pela preferência que dei à Joelma naquela ocasião, mesmo ele tendo feito uma proposta de fugir comigo durante a festa na cidade para o motel da região. Eu queria ir, seria afinal de contas, a minha primeira vez em um motel, mas eu não me perdoaria se deixasse passar aquela oportunidade de encontrar a Joelma outra vez. Mesmo havendo outros dois shows na Bahia, em Feira de Santana e Barrocas, cidades próximas de Nova Soure, eu sentia que a minha oportunidade era aquela em Lagarto.

Minha mãe, como eu já esperava, não se mostrou satisfeita com o meu plano de viajar sozinho, mesmo eu já sendo maior de idade e com uma certa independência, então eu também sabia que ela não me daria sequer 1R\$ para essa viagem. Comecei a planejar minha ida, utilizando o benefício de ID Jovem, do Governo Federal para jovens entre 15 e 29 anos, que garante a gratuidade em passagens de ônibus para trechos interestaduais. Nesse caso, eu poderia garantir no mínimo a passagem de ida, quanto à volta eu daria algum jeito.

Ainda que as expectativas não fossem as melhores, considerando os conflitos provocados por minha decisão em ir ao show, eu ficaria infeliz em viajar “brigado” com as pessoas que eu amava, e por isso tentei dialogar com essas duas figuras importantes com a intenção de tranquilizá-los, e talvez, conseguir algum apoio financeiro. Por ora, consegui convencer os dois de que eu tomaria cuidado, e que não ir àquele show me deixaria triste; porém, os conflitos com ambos persistiram e esse cenário solidificou a minha determinação.

Com apoio ou sem ele, eu iria atrás da Joelma. Hoje, na transcrição de minhas memórias mais realísticas, cheguei à conclusão de que naquele momento o meu amor, respeito e confiança eram mais sinceros e volumosos para com Joelma, quando comparados com os sentimentos que eu nutria por meu namorado, por exemplo.

Com a interação no grupo do fã clube, combinei com os outros membros um encontro no local do show; aquela seria a oportunidade para receber a camisa oficial que fizemos para identificar o fã clube. Os shows da Joelma são para além de uma oportunidade de rever a cantora, o momento em que nós fãs nos reencontramos, desde as caravanas que cruzam cidades e estados, às estadias em hotéis e pousadas. A estrutura de fã clube foi se alterando ao longo do tempo, e o uso de ferramentas digitais possibilitou o encurtamento de distâncias, e consequentemente, a integralização de membros de outros estados do Brasil. Nesse cenário, muitos fã clubes passaram a se tornar nacionalizados, com representantes em vários estados do país e a interação com outras culturas, modos de vida e opiniões sobre a artista passaram a ser mais presentes nessa dinâmica.

O dia do show em Lagarto chegou e eu fui tomado por uma ansiedade apavorante, mesmo consciente da aventura que estava prestes a fazer senti um incômodo em realizar uma viagem para uma cidade desconhecida, em outro estado, mesmo sendo relativamente na região em que eu morava, havia um certo risco. Meu estado de espírito ficou ainda mais abalado, considerando que horas antes de viajar, tive uma briga com minha mãe que tentou me proibir de ir ao show, e como previ, se recusou a me dar qualquer apoio financeiro. Fiquei apreensivo ao extremo, angustiado e com raiva. Ainda assim, não desisti, afinal de contas, eu já havia conseguido a passagem de ida até a cidade em que aconteceria o show e perder a única oportunidade de ver a Joelma naquele ano, era uma ideia perturbadora.

Saí de casa para espairecer um pouco, e tracei um novo plano, já que minha mãe tinha me dado uma rasteira, o que não me surpreendeu; quando voltei para casa decidido a me arriscar numa viagem sem ter dinheiro para voltar, encontrei o valor suficiente para minha passagem de volta de Lagarto até Olindina encima de minha cama. Aparentemente eu havia comovido minha mãe. Então me vesti com uma calça jeans azul *skinny*, botas pretas de couro e uma camisa estampada com o rosto da Joelma que comprei pela internet. Antes de sair de casa me despedi de minha mãe, como de costume e segui até o ponto de ônibus debaixo de uma garoa que caía por lá; por sorte o marido de uma madrinha minha passou de carro naquele momento e me ofereceu uma carona até Nova Soure, onde eu esperaria o ônibus que me levaria até Lagarto.

Passava das 14h30 e eu já estava à espera do ônibus da *Entram*, que passaria por Nova Soure por volta das 17h, com destino à Aracaju (SE). Fiquei esperando no guichê de passagens e conversando com Eliane, a atendente que eu já conhecia e sabia que era admiradora da Joelma,

condição que segundo ela não interferia no fato dela ser evangélica. Passamos boa parte daquela tarde falando sobre Joelma e minhas aventuras na tentativa de encontrar a cantora e dizer o quanto eu a amava e era grato por ter sido “escolhido” por ela.

Pouco depois das 17h o ônibus chegou na cidade, então me despedi da Eliane e entrei no transporte que seguiu rumo à Olindina fazendo uma parada rápida na rodoviária da cidade para embarque. Seguimos viagem naquele início de noite junina; logo passamos pela ponte sobre o Rio Itapicuru, que faz fronteira entre os estados da Bahia e Sergipe. Ao longo da viagem fiquei encantado com o clima de São João que tomava alguns vilarejos à beira da rodovia, com grandes fogueiras em frente às casas enfeitadas com bandeirolas e adereços de chita. Por volta das 19h30, o ônibus fez nova parada, dessa vez na cidade de Tobias Barreto (SE); pressenti que não estávamos longe de Lagarto e que dali a cerca de mais ou menos uma hora chegaríamos no meu destino.

Fiz os retoques na maquiagem dentro do ônibus e tentei acertar o tom da base e do pó compacto, enquanto os poucos passageiros me olhavam disfarçadamente, com olhar de curiosidade e talvez de assombro. Às 20h25 chegamos ao terminal rodoviário de Lagarto, de onde era possível ver os faróis de luzes do local do show, presumi que não estava longe de lá, mas considerando que eu não conhecia a cidade e as nuvens carregadas ameaçavam desabar a qualquer momento achei prudente pagar um moto táxi para me levar até o Parque de Vaquejada Zezé Rocha, local do festival.

O percurso não durou cinco minutos e fui deixado na entrada do parque depois de pagar cinco reais pela corrida, passei pelo esquema de segurança do local e entrei no espaço ainda vazio, por conta do horário. Joelma seria a terceira atração a se apresentar, então, circulei um pouco pelo parque e encontrei com um rapaz que estava vestindo uma camisa de fã clube da Joelma; fui até ele e o cumprimentei. Ele se chamava Raimundo, mas era conhecido como “Ray”, me disse que estava aguardando o contato da presidente do fã clube do qual ele era membro, que o avisaria sobre a entrega das pulseiras do famoso atendimento que Joelma realizava após o show.

As palavras de Ray me alertaram sobre a oportunidade que eu teria de também ser atendido pela cantora e conseguisse realizar outro sonho: uma foto com a Joelma. Fiquei na companhia de Ray, esperando por notícias, que vieram em poucos minutos; segundo Dayane - a presidente do fã clube, as pulseiras de atendimento estavam sendo entregues naquele momento na portaria do hotel onde Joelma e sua equipe estavam hospedadas. Nesse instante, dois rapazes que estavam ali perto se aproximaram de nós e se apresentaram; Júnior e Lucas, ambos de Alagoas. Resolvemos irmos os 4 até o hotel na esperança de retirar as pulseiras o quanto antes;

pegamos um táxi para agilizar a nossa chegada, mesmo o hotel sendo perto do parque, mas a chuva fraca que começou a cair atrapalharia a caminhada até lá.

Quando chegamos no hall do hotel, um espaço aconchegante com licores à disposição, havia uma movimentação tranquila de fãs que também estavam lá em busca da pulseira, no entanto, fomos informados de que o segurança da equipe da Joelma já havia retornado ao quarto, e as pulseiras que haviam sobrado seriam entregues após o show. Ficamos em estado de apreensão, considerando que a concorrência pelas pulseiras restantes seria acirrada, e que as chances que teríamos seriam mínimas. Estávamos por ali, quando a equipe da artista deixou o hotel rumo ao local do show; foi o momento de tietagem dos músicos e bailarinos e aproveitei para fazer fotos com alguns deles. Não se passou muito tempo até que a própria Joelma também aparecesse no alto da escadaria de acesso ao lobby do hotel.

A expectativa pela descida da cantora era tangível. Nesse intervalo de tempo, com o celular pronto para registrar o momento em que a Joelma passasse ao meu lado, visto que, eu estava de frente aos degraus, notei uma notificação recém-chegada no meu WhatsApp. Eram mensagens do meu namorado, preocupado comigo e querendo notícias; dei uma resposta mais seca que o sertão em estiagem, dizendo que estava bem, e no hotel esperando a Joelma descer. Um aglomerado de fãs se formou ao pé da escada, enquanto o segurança da artista dava instruções para viabilizar o deslocamento dela. Me posicionei ao pé da escada, e nisso o segurança desceu pedindo que nos afastássemos para que ela descesse sem contratempos, devido ao horário do show. Lembro-me dos gestos dele, abrindo espaço para a passagem da Joelma, mas todo o resto saiu do meu campo de visão quando um par de botas pretas surgiu no alto da escada e desceu delicadamente cada degrau; o cabelo loiro solto como de costume e uma maquiagem impecável desenhava um rosto angelical.

Naquela fração de segundos, localizei na memória as imagens de Joelma que eu havia aprisionado ao longo de minha trajetória devotada a ela; aquelas que eu assimilei em revistas, recortes de jornais, TV e encartes de CDs, e as tantas outras que tive o privilégio de capturar na minha primeira ida ao show um ano atrás. Com o excesso e a sinceridade de alguém apaixonado, pensei estar vendo um anjo em minha frente, vindo até mim. A aparência incrivelmente jovial, contrastava com as imagens que projetam a Joelma como uma mulher poderosa, a figura que vi e poderia tocar se quisesse, mais parecia com uma miniatura em porcelana, daquelas que se guardam em uma redoma, de tão preciosa.

Joelma vestia uma blusa transparente azul com gola brilhante e mangas vazadas e um short preto, estava radiante, receptiva como uma criança em carrossel. Ao ver aquela mulher que eu tanto desejava tocar, abraçar e dizer que amava se aproximando de mim, não pude me conter

e abri meus braços na esperança de que ela se encaixasse ali, pertinho do meu coração. E ela se encaixou. Aconteceu do jeitinho que eu sonhei muitas vezes até aquele momento, sem a menor hesitação, Joelma simplesmente me abraçou retribuindo o gesto que a esperava. Desde então, eu não tenho a menor dúvida que aquele abraço tinha poder de cura, e desconfio sem muita margem de erro que tenha sido o melhor abraço que já recebi em toda a minha vida.

Foram poucos segundos naquele ‘melhor lugar do mundo’ e todos os sentidos do meu corpo pareceram não responder aos mínimos comandos que meu cérebro disparou; mesmo entorpecido pelo perfume e aconchego daquele abraço, travei uma luta inconsciente para conseguir verbalizar a declaração de amor que outrora, só consegui gritar em direção à cantora. Foi nessa peleja que ali, em meio aos empurrões de dezenas de fãs, a mão grande e forte do segurança e o corpo frágil da Joelma unido ao meu, que finalmente eu disse: “- *Joelma, eu te amo. Muito!*”. Aquela era a ordem que o meu coração havia decretado em estado de **emergência sentimental**: “- *Diga. Ela vai ouvi-lo melhor dessa vez*”.

Foi num misto de lágrimas, pausas de soluço e tremedeira que eu disse as cinco palavras encarrilhadas. Não sei ao certo quando comecei a chorar, mas as lágrimas rolavam pelo meu rosto vermelho e quente de tanta emoção. A resposta à minha declaração foi imediata, (e com isso não estou dizendo que Joelma dá respostas frias e automáticas às declarações de amor que recebe dos fãs apaixonados), o “- *Eu também amo você*”, proferido por ela e encorpado com naturalidade é adornado com um brilho nos olhos que confirma a veracidade da recíproca nesta relação com os fãs.

Afrouxei os braços em volta do corpo miúdo da cantora e ela também me soltou. Seguiu pelo caminho aberto pelo segurança em meio ao grupo volumoso de fãs que se formou no hall do hotel, sob gritos de “eu te amo” e adjetivos exacerbados como: “gostosa”, “rainha”, “princesa”, “dona do Pará”, e uma infinidade de títulos engraçados, mas com requinte de sinceridade. Uma vã esperava por Joelma em frente ao hotel, e depois de cruzar aquele batalhão de fãs enlouquecidos a cantora entrou no transporte e acenou sorrindo para nós estupefatos com aquela imagem **deusística** à nossa frente. O carro deu partida, rumo ao parque de vaquejada sob os nossos aplausos, gritos e assovios emocionados.

Voltamos ao parque, dessa vez em um grupo maior. Na saída do hotel pegamos carona com outros fãs que estavam numa vã, o que facilitou nosso retorno até o local do show que já se encontrava abarrotado de gente; quase não reconheci o lugar pois quando saímos era possível contar sem esforço a quantidade de pessoas que estavam lá. Mas para nossa frustração, a frente do palco estava intransitável devido à grande ocupação por parte das pessoas que esperavam pelo maior show da noite, o da cantora Joelma. Não pude deixar de observar que havia uma área

reservada defronte ao palco, que certamente era para nós, os fãs da artista, tendo em vista que os camarotes para os figurões da cidade e região ficavam ao lado direito do palco.

Compartilhei minhas impressões com os colegas que estavam comigo, que confirmaram minha suspeita. Com muito esforço conseguimos nos aproximar um pouco mais do palco, foi quando notei a presença dos membros do meu fã clube e logo encontrei o presidente Cleidson. Nos abraçamos felizes com o encontro e ele me entregou a camisa do grupo que guardei na mochila que eu carregava por baixo do casaco que vestia. Uma banda que se apresentava num trio ao lado do palco e do camarote, animava o público debaixo de uma chuva fina, mas tudo o que eu mais queria era que Joelma subisse logo ao palco.

Cerca de meia hora depois, a banda encerrou o show no trio e a equipe da Joelma iniciou os ajustes no palco principal; os músicos fizeram a passagem de som com a música “Chora Não Coração”, faixa do álbum solo da cantora, e em seguida a música “Isso é Calypso” provocando uma erupção de fãs que brotavam dos lugares mais improváveis em frente ao palco pulando numa sincronia absurda e contagiante. Ao fim do aquecimento da banda, dois apresentadores no palco brincaram com o público fazendo um clima de suspense antes do anúncio da atração mais aguardada daquela noite do festival, segundo eles. Para o nosso completo delírio, Joelma foi chamada ao palco para mais um show inesquecível.

5 ESTRELA DO MEU SHOW

*“Mas quando eu tenho o seu amor
 Todo espinho se transforma em flor
 Mas quando eu tenho o seu amor
 Você é luz e cor, estrela do meu show
 Da vida”.*

(Estrela do Meu Show; Chrystian Lima / Jairon Neves. JC Shows, 2014)

A abertura do show era uma reprodução do tema do DVD AVANTE. A interação entre os visuais projetados nos telões com a entrada dos bailarinos e da própria Joelma no palco representa uma sincronia interessante, simulando a transposição dos personagens virtuais para o corpo de ballet da artista. Conforme o crescimento do instrumental em clima de suspense, os bailarinos posicionados em círculo se abaixaram bruscamente revelando a cantora de pé trajando uma capa preta tal como os dançarinos, mas sem capuz. O tema instrumental se transformou em uma sonoridade típica de jogo virtual e a cantora acompanhada por seu ballet se posicionou no palco tirando a capa que a vestia e revelando o primeiro figurino da noite; uma peça única de cor vermelha com bordados florais, brilho, mangas compridas, ombreiras e saia justa com franjas.

O cabelo solto da cantora parecia não ter sido tocado desde o momento em que a vi no hotel e as botas que ela usava no palco eram pretas e de cano longo que passavam da altura dos joelhos. Naquele início de show, estávamos em total euforia, sintonizados com a queima de fogos que o evento realizou atrás do palco, ao anunciar o começo do maior show daquela noite. O aperto provocado pelos empurrões do público atrás de nós tornou a nossa posição ali inviável. Contudo, a área restrita na frente do palco continuava vazia, e tendo a certeza de se tratava de um espaço destinado aos fãs clubes, fiz um sinal para os rapazes que estavam ao meu lado, sugerindo que invadiria o cercado.

Saí abrindo caminho em meio à multidão, uma tarefa fácil para um corpo esguio como o meu, mas recebi alguns empurrões, pisões e xingamentos. Não me importei e tampouco revidei, continuei com certa dificuldade até a lateral da área cercada em frente ao palco, sendo seguido pelos colegas e por outros fãs que haviam percebido o nosso movimento. Ao chegar no cercado, pulei a grade de proteção, o que chamou a atenção dos seguranças ali perto, mas já era tarde demais para qualquer intervenção deles, (uma vez dentro daquele espaço, eu não sairia dali nem por decreto), enquanto eles tentavam inibir a invasão em massa, meus colegas pularam a grade também e se juntaram a mim. Os demais fãs que nos seguiram não tiveram tanta sorte, pois

foram alcançados pelos seguranças que desferiram socos e pontapés, além de pancadas com cassetetes.

A truculência dos seguranças, ávidos por preservar a área restrita não passou despercebida por Joelma, que do palco interrompeu a música para dar uma bronca nos homens munidos de cassetetes, ordenando que nos deixassem ali, pois a área reservada era de fato nossa. A atitude da cantora arrancou aplausos e gritos do público para Joelma, que saiu em defesa dos fãs e paralisou a apresentação, que só foi retomada quando a área reservada a nós estava abarrotada de fãs afoitos e honrados pela artista. A primeira música do show foi “Voando Pro Pará”, e a cantora estava manifestada no palco, executando a coreografia e apresentando uma técnica vocal impressionante, com graves e agudos bem marcados. A queima de fogos que pareceu não ter fim, continuava abrilhantando o espetáculo, explodindo em cores e sons numa sincronia com as emoções experimentadas por cada fã presente naquele show.

O repertório com músicas da Banda Calypso e da carreira solo da Joelma, seguiu embalando o público debaixo de uma chuva fraca, mas persistente. Ao fim do 1º bloco da apresentação a cantora saudou a cidade com um sonoro “- *Alô Lagartooo!*”, e agradeceu a presença dos fãs, das “pessoas que não são do fã clube, mas que tem respeito e admiração” pelo trabalho dela, e a organização do evento. As apresentações durante o mês de junho são adaptadas ao formato dos festejos juninos com o bloco final dedicado à quadrilha, com temática atualizado a cada ano. O segundo figurino usado por Joelma para a interpretação de canções românticas, foi um vestido longo azul claro com mangas compridas e cauda; nos pés botas brancas de cano longo.

Pouco depois da cantora voltar ao palco para o 2º bloco, fiz sinal para Ray se preparar para sairmos antes do show terminar, de modo que pudéssemos chegar ao hotel antes da equipe da cantora, e assim garantir nossa presença na distribuição das pulseiras de atendimento que sobraram. Ray aceitou minha sugestão, mas o Júnior e o Lucas que estavam conosco não gostaram da ideia de abandonar o show precocemente e decidiram ficar até o fim da apresentação. Eu e Ray saímos pela lateral direita do palco, o que levou cerca de cinco minutos considerando a lotação do espaço e seguimos para a saída do parque. A avenida que dava acesso ao local estava abarrotada de carros estacionados, e nos primeiros passos que demos, uma chuva torrencial começou a cair e fomos obrigados a chamar um táxi que estava ali perto.

Chegamos ao hotel em poucos minutos e esperamos do lado de fora até que um segurança viesse atender à porta e permitir a nossa entrada, depois de nos perguntar se éramos hóspedes. Não mentimos e dissemos que estávamos esperando a chegada da cantora Joelma, ele se sensibilizou com o estado em que nos encontrávamos, molhados e aparentemente com frio e

nos deixou entrar para o lobby do hotel, sob a condição de não fazermos barulho. Pedi permissão para ir ao banheiro e aproveitei para trocar a camisa que estava vestindo pela do fã clube que recebi naquela noite, limpei meu rosto e passei mais perfume, afinal, haviam chances reais de que eu ficasse bem pertinho da Joelma dali a alguns instantes.

Quando retornei ao lobby notei uma movimentação na entrada, eram fãs que chegaram para garantir o atendimento com a cantora, mas foram barrados pelo segurança, que argumentou não poder deixar entrar mais ninguém para evitar desconforto nos hóspedes; ao sermos vistos dentro do hotel alguns fãs questionaram ao segurança o motivo de estarmos lá dentro, que por sua vez respondeu com a “paciência de Jó”: “- *Eles chegaram primeiro e pareciam ‘pintinhos molhados’* ”. Confesso que ser chamado de “pintinho molhado” não foi agradável, mas desagradável mesmo era o frio que fazia lá fora; então dei um sorriso amarelo ao nosso cúmplice que teve a gentileza de nos oferecer um licor para que ficássemos mais aquecidos; aceitamos de ‘bom grado’, e num único gole sorvi a bebida que desceu queimando a minha garganta, a minha reação transpareceu a sensação. Enquanto isso, o Ray não se deixou intimidar pelo gosto azedo da tamarindo, tampouco pela dose excessiva de álcool no licor e levou o copinho de plástico à boca quatro vezes seguidas, mesmo a bebida tendo acabado na segunda; fiquei ali sentado assistindo à cena em completo estado de estupefação.

Não se passou muito tempo até que um batalhão de fãs aparecesse na frente do hotel, isso significava que o show tinha terminado, e que logo, Joelma também chegaria por ali. Por volta de 1h da madrugada a vã trazendo os músicos e o ballet da cantora chegou ao hotel seguida por outro veículo com a cantora. Eu e Ray fomos para a porta a pedido do segurança da Joelma para formarmos uma fila, a fim de organizar o atendimento. Joelma saiu de uma vã sob os gritos acalorados dos fãs usando o figurino do último bloco do show, a quadrilha junina; o tema daquele ano foi ‘heróis matutos’, e a cantora vestia um traje com referências aos dois contextos: o de super-heróis/heroínas, e o dos “matutos”, personagens que figuram as narrativas juninas.

Era realmente uma personificação de vários personagens numa só armadura: *Power-Ranger*, *Mulher-Maravilha* e *Superman*, mas, um detalhe coroava a produção fazendo jus à ideia da personagem matuta - Joelma sorria abertamente mostrando um dente pintado de preto, que dava a impressão de estar faltando na boca da cantora; nos pés, nada de botas de salto, e sim um sapatinho preto. Sorrindo, (desdentada) e numa velocidade que só ela consegue empreender, a cantora passou por nós e subiu para o quarto para trocar de roupa, e em seguida atender os mais de 100 fãs que a aguardavam na entrada do hotel fazendo um 2º show.

As pulseiras para o atendimento começaram a ser distribuídas, eu e Ray fomos os primeiros da fila; a orientação era de que aqueles que recebessem a pulseira formassem outra

fila para que as fotos começassem a ser feitas. Joelma já havia descido e estava sentada num sofá no lobby do hotel à espera dos “seus maluquinhos”, como a própria gosta de chamar. Além da fila dos fãs com a pulseira, outra fila foi formada com aqueles que não conseguiram receber o passe do atendimento, pois Joelma garantiu que atenderia a todos que estivessem ali, só que de modo coletivo em grupos de 5 pessoas. A fila dos fãs que aguardavam a foto com a cantora já estava se movimentando, eu e Ray não percebemos e fomos avisados por outro fã atrás de nós, pois estávamos entretidos em fotografar nossos punhos com a tão sonhada pulseira. Assumimos então o nosso lugar na fila e aguardamos a nossa vez.

Ray foi o primeiro a ser atendido pela cantora e sendo honesto não registrei com precisão os acontecimentos depois do momento em que ele saiu do seu lugar à minha frente. Essa memória foi resgatada em meio a um borrão de pequenos movimentos. Eu seria o próximo e sabia que precisava andar até o sofá e me sentar ao lado da Joelma, lhe abraçar, fazer alguma declaração e depois sorrir para o fotógrafo a nossa frente, mas o meu corpo parecia não querer me obedecer e faltavam segundos para reverter a situação, mas graças ao tom gélido da voz do segurança que pediu o meu braço para poder cortar a pulseira e descartá-la, fui arrancado do transe a tempo de ver as mãozinhas de Joelma me chamando insistentemente.

Cruzei o salão do lobby a passos largos, me sentei ao lado da cantora e dei-lhe um abraço em seguida, o qual ela retribuiu instantaneamente e me prendeu à ela por aproximadamente 10 segundos. Pareceu que se passaram anos na velocidade da luz e um filme começou a rodar em minha cabeça, a trilha sonora era formada pelas batidas de dois corações que estavam conectados de uma maneira que até hoje eu não sei explicar. Tudo aquilo foi mágico e eu entendi que sim, era amor em sua mais virginal essência; eu estava marcado por ele para a posteridade.

Nesse momento, pude expressar naturalmente todo o emaranhado de sentimentos que direcionei à Joelma ao longo de quase 20 anos. Em 4 palavras que soam como clichê aos ouvidos de grandes artistas, fui capaz de diluir cada angústia, expectativa e esperança que eu vivenciei até conseguir ser abraçado, visto, tocado e ouvido por ela. O “- *Eu te amo!*”, curto, enfático e dotado de uma veracidade rara, foi acolhido, sentido e devolvido com a mesma intencionalidade. Declarei o que sentia sem reservas e inquietações, do modo que aquele momento exigia, olho no olho, numa sincronia deliciosa.

A resposta foi imediata, sincera: “- *Eu também meu amor.*” Eu imaginei a realização desse sonho com uma infinidade de possibilidades, mas todas as minhas expectativas foram superadas, tendo em vista, os desafios que enfrentei para estar naquele show, ao lado da Joelma e abraçado por ela. Envolvido pelos braços da cantora não percebi o tempo passar, até que o fotógrafo chamou a nossa atenção para a câmera posicionada à nossa frente; o registro daquele

momento iria acontecer, então passei o meu braço direito em volta da cintura da Joelma e o esquerdo pela frente dela, enquanto ela posicionava seu braço esquerdo em volta do meu pescoço e apoiava o outro na minha perna direita, de modo a apoiar o meu braço que a segurava pela frente.

Abri o sorriso mais largo que pude, gesto que foi reproduzido por Joelma. A foto a seguir é um ostensório de mais um sonho realizado, um troféu conquistado depois de muitas dificuldades, parte delas narradas ao longo desta monografia. Essa foi minha segunda oportunidade de encontrar a mulher que até 1 ano atrás eu só via pela TV ou internet e a primeira experiência ao lado dela, prazer que eu apenas havia começado a ter acesso. Eu sabia que precisava ir cada vez mais em busca daquela sensação, e faria qualquer coisa para repetir a façanha.

Figura 8 - 1ª foto com a Joelma; Lagarto (SE) - 23 de junho de 2017



Fonte: arquivo pessoal (2017).

Enquanto a abraçava senti o seu cheiro que mesmo tentando não consigo descrever, mas arrisco a compará-lo ao perfume de orquídeas raras que seduzem a quem as encontra pelo aroma que exalam naturalmente; talvez, essa ilustração represente de modo particular a relação intrínseca da maioria dos fãs com a cantora Joelma, que se consideram atraídos por ela e pelo conjunto artístico carregado consigo desde suas primeiras investidas na cena musical. Nessas circunstâncias tenho me considerado uma evidência de uma teoria que venho defendendo acerca do *tornar-se* fã da Joelma.

Tal tese aponta para uma involuntariedade acerca do movimento que representa a condição instaurada no reconhecimento de determinado sujeito enquanto fã. Nas primeiras linhas desta monografia, decretei de modo contumaz que ser fã é um atributo natural do ser humano, do qual parte deles têm consciência e outros ignoram tal característica. Tendo em vista essa concepção baseada em experiências individuais de outros fãs da artista, cheguei à conclusão de que uma parcela significativa deste público não escolheu a Joelma como referência artística, como a musa, como a diva, a fonte de inspiração; fomos de algum modo escolhidos por ela.

Essa ação e reação estabelecida na relação entre os fãs e a cantora Joelma, está para além de encontrar afinidades com o arcabouço artístico agenciado por ela, se trata, também, de uma representação sumária de elementos que justapõem etapas de experiências individuais e coletivas nutridas por memórias afetivas preservadas enquanto substrato de eventos especiais, como por exemplo, confraternizações em família, encontros entre amigos, relacionamentos amorosos, bem como, o reconhecimento e salvaguarda de um repertório artístico, cultural e emocional proporcionado pela atuação direta da cantora na vida de pessoas como eu.

Nesse cenário, é factual apontar uma contrariedade nas relações entre fãs e artistas, onde naturalmente predomina uma escolha por parte dos fãs, considerando a possibilidade de escolha através da variedade musical e artística na indústria fonográfica do Brasil, em especial. Ainda que, se encontrem similaridades no perfil *in natura* de fãs numa representação generalizada, o fandom da Joelma evoca particularidades que lhe são proporcionadas pela exclusividade delimitada pela própria artista. Essa monografia é também uma característica desse **afeto devotado**. Minha vida mudou em muitos aspectos depois desse contato estreito com a Joelma; ouvir sua voz através do vasto repertório da cantora tornou-se cada vez mais primordial para que minha existência encontrasse equilíbrio nos dias mais desafiadores.

Em 2018, um ano depois de conquistar minha primeira foto com a Joelma, vi novas oportunidades se desenharem com a chegada do mês de junho, período em que shows da artista são frequentes na Bahia e Sergipe. Já na universidade, eu enveredei por uma rota de pesquisa audaciosa do ponto de vista “academicista”; a escolha por tornar a Joelma e sua representatividade artística e cultural sujeitos de produções científicas despertou curiosidades, estranhamentos e incômodos. Essa repercussão, nem sempre positiva, sustentou a minha determinação para a continuidade de um compromisso que assumi intimamente.

A concepção e registro do Coletivo de Estudos Cinesia Joelma, em junho daquele ano, representou os primeiros esforços empreendidos para que os meus sentimentos e reflexões tecidos a partir da cantora pudessem ser validados, qualificados pela Academia, enquanto espaço pelo qual eu me expressava. A reunião de pessoas que dedicaram parte de suas trajetórias

acadêmicas ao desenvolvimento de referências nas quais a Joelma é a principal discussão, foi um movimento provocado pelo desejo de reclamar o devido respeito à atuação artística dela no cenário musical deste país.

O projeto “Cinesia Joelma – Trajetórias & Corporeidade da Exponente do Movimento Calipso [Calypso] Brasileiro” foi averbado em cartório sob a justificativa de *intervenção analítica acerca de documentos que evidenciam a ingerência da cantora Joelma na difusão da cultura musical paraense, por meio de suas performances, bem como, ritmos apresentados por ela*. Com a elaboração de um cronograma de ações, formei junto a amigos uma equipe de produção para divulgar o trabalho do coletivo e endereçamos um comunicado oficial à Joelma apresentando o projeto, uma carta assinada por todos os membros e entregue nas mãos da cantora em São Paulo (SP).

Nesse movimento de divulgação das propostas de pesquisas sobre a artista, me organizei para ir a dois shows, sob a ‘tutela’ do fã clube ao qual eu ainda era vinculado. Além de curtir o show, eu tentaria me apresentar à Joelma como proponente do projeto do qual ela teve conhecimento por meio da carta que enviamos. No dia 18 de junho viajei com uma caravana de fãs que saiu de Salvador (BA) com destino à Petrolina (PE), um percurso de aproximadamente 10 horas. Na época, o atendimento aos fãs realizado pela cantora era possibilitado pela indicação do presidente do fã clube, que retirava as pulseiras e as entregava ao membro sorteado.

Na tentativa de conseguir outro momento com Joelma, combinei com o Cleidson, que presidia o fã clube, que na possibilidade de atendimento em um dos shows que iríamos, eu teria a prioridade na indicação. Além de Petrolina, também decidir ir ao show que seria realizado dias depois em Aracaju (SE), nesse sentido, pude escolher a oportunidade mais adequada para reencontrar a Joelma. Numa segunda-feira chuvosa e fria, clima característico do período junino no Nordeste, a cantora subiu ao palco pouco depois das 20h, com um público intimista, considerando o horário da apresentação dela. Éramos a única caravana da capital baiana presente no show, onde só conseguimos chegar depois que Joelma já estava no palco, o que gerou uma correria nossa para alcançar o primeiro bloco.

Ainda que eu tenha resolvido não reencontrar a cantora naquela oportunidade, levei um presente para ela, para celebrar a proximidade do seu aniversário; escolhi um urso de pelúcia na cor rosa e o embalei num plástico celofane de cor azul. A entrega aconteceu durante o 2º bloco do show, enquanto Joelma cantava a canção “Ai Coração” pedi a um amigo para que erguesse o embrulho para que a cantora pudesse ver. Joelma notou o movimento e o chamou para perto do palco, de modo que pudesse receber o presente; os seguranças não perceberam o gesto da cantora e tentaram deter a aproximação do meu amigo ao palco com algumas pancadas e puxões.

Metade do corpo esguio de Matheus já estava sobre o palco, mas alguns seguranças o arrastavam pelas pernas, enquanto Joelma o puxava pelos braços numa competição preocupante; para evitar uma queda acidental a cantora se jogou na passarela do palco junto com meu amigo que finalmente conseguiu entregar o urso já fora do plástico à Joelma. O show foi transmitido ao vivo pelo portal *GI* e o ocorrido com a cantora virou notícia com a manchete “Fã quase derruba Joelma ao entregar presente em Petrolina”, um gesto nobre da artista recebendo o presente que eu levei e que foi entregue a ela pelo meu amigo Matheus.

Passava das 21h30 quando Joelma se despediu de um público mais expressivo, comparado ao início do show, nossa caravana se dirigiu até o hotel onde a cantora estava hospedada na tentativa de conseguir o famigerado atendimento, mesmo sem pulseira, movimento provocado por uma informação de que haveria tal oportunidade para os fãs que estivessem aguardando no hotel. A promessa partiu da própria Joelma, que julgou ser um quantitativo pequeno de fãs sem pulseira e aparentemente nos receberia depois dos demais fãs. Porém, Joelma mudou de ideia e nos “deu um doce”, como costumamos dizer entre os fãs. Não ficamos insatisfeitos, pois já tínhamos assistido o show que foi incrível, e ao retornar da tentativa de atendimento malsucedida, aproveitamos as demais atrações da 4ª noite dos festejos juninos na cidade. Nessa viagem, tive o prazer de conhecer uma fã que foi um símbolo de dedicação, amor e respeito por Joelma; dona Helena no auge dos seus 70 anos de idade nos acompanhou nesse trajeto exaustivo, motivada pelos mesmos sentimentos que eu. Observar aquele movimento de uma mulher em idade avançada para com a Joelma, me deu maiores garantias de que eu estava no caminho certo.

Em 24 de junho daquele ano, dias depois da viagem à Petrolina, viajei em outra caravana com cerca de 50 fãs da Joelma para um show em Aracajú (SE), no “Forró Caju 2018”. Um ônibus lotado saiu de Salvador com destino à capital sergipana na manhã do dia 24, chegando por volta das 14h na cidade. Desembarcamos próximo à Praça dos Mercados, local do show; a banda da cantora estava passando o som no palco e um grupo de fãs acompanhou o ensaio fazendo coreografias, o que chamou a atenção da produção da artista.

Dali em diante grupos se subdividiram para voltarem a se encontrar durante o show. Eu estava animado com a aproximação do show, pois seria atendido por Joelma ao final da apresentação, visto que optei por ser contemplado pela indicação do presidente do fã clube naquela ocasião. A retirada da pulseira aconteceu no hotel onde a cantora ficou hospedada com uma hora de antecedência ao show; depois de garantir o acesso ao atendimento com Joelma segui junto com o grupo para o local do show nos juntando a uma multidão que aguardava a atração mais aguardada daquela noite, de acordo com a organização do evento e a mídia local.

Num dos palcos, o cantor Alceu Valença apresentava canções eternizadas por sua voz animando o público com variadas versões da canção “La Belle de Jour”. A expectativa pelo show da Joelma era crescente e pouco depois da meia noite a cantora assumiu o comando de uma das maiores festas juninas do Estado de Sergipe. Dezenas de fãs ocuparam a frente do palco com balões e cartazes em homenagem ao aniversário da cantora no dia 22 de junho.

Joelma usou figurinos novos na apresentação, nos causando surpresa pela beleza das peças que vestia, e sobretudo, pela energia aplicada às coreografias e interpretação do repertório. Mesmo acostumado a ver o desempenho extraordinário das performances da artista, me percebi emocionado em mais uma vez presenciar aquele espetáculo. Pouco depois do bloco da quadrilha começar, o já conhecido “arraiá da Joelma”, deixei o local do show e segui para o ônibus estacionado ali perto para me preparar para o atendimento com a cantora, dali a pouco. Ao me aproximar da saída do circuito da festa, pude ouvir os gritos do público ensandecido com o retorno de Joelma ao palco cantando um dos maiores “carros chefes” de sua carreira: o “cavalo manco”.

O show terminou e os demais fãs voltaram para o ônibus para seguirmos até o hotel onde aconteceria o atendimento. O movimento por lá era intenso e parecia a preparação para outro show da cantora na frente da hospedagem onde ela estava. Formou-se uma fila dos fãs com pulseira, então me juntei aos demais e aguardei a minha vez. Eu estava tomado por uma paz que só fui capaz de sentir em poucos momentos de minha vida, à espera de mais um encontro com a Joelma, aquela mulher que eu amava desde criança. Ainda que houvesse a magia do reencontro, não fiquei alterado com a iminência de que seria abraçado pela cantora outra vez; e aquele era o melhor lugar onde eu poderia repousar, mesmo que por segundos.

Como no último show, levei um presente para Joelma para entregar pessoalmente a ela; dessa vez escolhi um coração de pelúcia com braços e mãozinhas sugerindo um abraço e a frase “eu te amo” gravada em relevo; talvez eu precisasse desse suporte se caso travasse como quase aconteceu no ano anterior. Então chegou a minha vez de ir até à cantora, que estava sentada numa cadeira usando o figurino da quadrilha junina que encerrou o show.

Caminhei a passos largos e me sentei na cadeira ao lado de Joelma, que me olhava com ar de curiosidade por perceber que eu segurava uma sacola. Ela perguntou: “- *tudo bem, meu amor?*”, e eu a abracei como se minha vida dependesse do toque dela. Foram cerca de 15 segundos que nos mantiveram entrelaçados, período em que eu tive o discernimento de me apresentar como o proponente do projeto *Cinesia Joelma*, o qual ela já conhecia por meio da carta que enviamos; olhando nos olhos de Joelma eu lhe disse o quanto seu apoio era importante para o desenvolvimento daquela proposta e agradei por ser a luz de todos os meus dias. Sua

resposta ao dizer que poderia contar com ela para o que fosse necessário me encheu de motivação; ela acolheu o projeto e aquilo era como se ela estivesse dizendo que me acolhia também. Entreguei o presente, o qual ela agradeceu e sorrindo abraçados, olhamos para uma amiga da Joelma responsável por fazer os registros daquela noite. No fim daquela noite eu tive a alegria de receber uma trilogia de fotos ao lado da minha maior motivação existencial.

Figura 9 - Trilogia de fotos com a cantora Joelma, em Aracaju (SE)



Fonte: arquivo pessoal / Edição do autor (2024).

Para compor essa narrativa, considerei as primeiras experiências de contato com a cantora como determinantes para o entendimento da relação estabelecida com ela ao longo desses 20 anos devotados à ela. Quando assumi o compromisso em trabalhar a representação da Joelma por meio de análises sociais permeadas pelas Ciências Sociais, instintivamente eu sabia que era imprescindível mergulhar em minha própria trajetória para ressignificar questões suscitadas pelo “ser fã”. Cada palavra que compõe essa monografia, sob o título de “*Amor de Fã*”: *O itinerário autobiográfico de um devotado à cantora Joelma*, diz sobre um percurso de resiliência alcançado e possibilitado pela afetividade, conceito basilar desse enredo.

Um dia me disseram que essa paixão arrefecia, que as preocupações e a rotina da vida adulta levariam a Joelma para longe de mim. Senti medo de que em algum momento eu me tornasse apático ao amor que sustentava todos os meus sonhos, que os tornava reais; e alguns anos se passaram me provando que a imagem daquela mulher vestida com um macacão preto

transparente com detalhes dourados não estava apenas gravada nas capas de CDs espalhados nas casas de milhares de pessoas deste país, estava no meu coração.

Esse registro em formato narrativo carrega elementos que confluem para um único movimento, o de aproximação de duas realidades interligadas por conexões muitas vezes palpáveis, mas em sua totalidade que transcendem a condição física e tomam aspecto irreal, abstrato e conseqüentemente banalizado pela sociedade; suspeito que esse seja objeto de outras discussões, mas defendo por meio desse trabalho, a natureza e a simbologia daquilo que nos dá sentido enquanto seres plurais e detentores das mais profundas aptidões e projeções, que se materializam na sociedade conturbada em que vivemos. Estamos constantemente expostos aos mais diferentes recursos interpretativos, e enquanto seres humanos, somos agentes de variadas culturas e políticas que em suma, andam paralelamente de acordo, ou quiçá fosse de fato assim.

Evidenciar incursões empreendidas em torno de um denominador semelhante a mim, pode não parecer ser relevante frente aos inúmeros problemas sociais para aqueles que não se permitem compreender a importância de análise quanto a trajetória de vida de uma artista que saiu de uma região subalternizada e contrariou as expectativas de seu lugar de origem, tornando-se um dos maiores símbolos de empoderamento feminino e representatividade cultural do estado do Pará, responsável por difundir valores, tradições e sobretudo afeto pelo Brasil e mundo afora. Se é de bom tom, perante o protocolo da academia defender causas de impacto social, que reação eu poderia manifestar senão suscitar debates que nos impliquem em nosso autoconhecimento enquanto seres passíveis ao movimento de amar variadas faces de nós mesmos?

Decerto, que os questionamentos levantados nesta escrita possuem outras possibilidades de interpretação, e o exercício desenvolvido aqui tende a descortinar a dinâmica adotada por fãs, como eu, que se aventuram em viagens pela necessidade de acompanhar o seu ídolo, o/a artista que lhe provoca coisas inimagináveis. O acervo de imagens, a coleção de CDs, DVDs, revistas e produtos licenciados ou não da Joelma alude para a preservação dessa devoção, uma metáfora justa, democrática e sagrada que pavimenta os significados desse amor sem medidas, sem condições e sem dúvidas. Amor de fã.

6 COM VOCÊ ONDE SUA VIDA FOR

*“Me pega, me leva contigo em teus braços
Deixa comigo que eu faço
Tudo por esse amor (e haja amor)
Me leva que eu realizo os teus sonhos
Por que vou com Você, Onde sua vida for”.*

(Com Você Onde Sua Vida For; Chrystian Lima / Chrystian Lima / Ivo Lima / Wallace Lima;
JC Shows, 2013)

A escrita desta monografia pode ser compreendida em dois momentos que se confluem na proposta deste capítulo, também nomeado com o título de uma canção da Banda Calypso. Por meio da análise possibilitada em uma entrevista realizada com fãs da Joelma em 2022, apresento de modo insólito a tessitura de um perfil esboçado através das diversas contribuições cedidas a esta pesquisa. São aspectos que representam diferentes expressões do *ser fã*, bem como, atuam enquanto interlocutores para um entendimento coletivo acerca da doação apreendida na relação constituída entre a cantora e seu público cativo.

A pesquisa **“Amor de Fã” - Itinerários autobiográficos de fãs da cantora Joelma** foi executada no período de 14 a 19 de julho daquele ano, via *Google Forms* (Formulários da plataforma Google), com 18 questões semiestruturadas. Este levantamento foi tornado público e cumpriu o protocolo de concessão e participatividade por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos participantes. Foram registradas no âmbito desta entrevista o total de 198 respostas ao formulário, resultando em um material denso, profícuo e imprescindível para pesquisas deste gênero.

Para conduzir este capítulo, além de contar com as impressões de fãs da Joelma distribuídos predominantemente pelo Brasil, evoco as palavras do texto “Só quem é fã entende”: Uma análise da construção de sentidos sobre o “ser fã” a partir das narrativas de sujeitos pertencentes ao fandom ARMY, de Francisca Vasconcelos, Bárbara Sales e Luana da Silva (Universidade Federal do Ceará - UFC). No texto, as autoras discutem os significados imbricados no arquétipo do fã e a associação de três elementos presentes em suas vivências, traduzindo suas representações através de: “Afetos, Transformação e Identificação”; numa percepção acerca do “apoio desses sujeitos no grupo pelos afetos que os une, estando relacionado tanto ao fandom quanto ao artista” (Vasconcelos; Sales; Da Silva, 2023).

De acordo com a pesquisa realizada pelas autoras na pesquisa qualitativa, “o sentimento de pertencimento e acolhimento, que perpassam as identificações entre indivíduos,” (Vasconcelos; Sales; Da Silva, 2023), constituem o que entendemos por “comunidade”, epicentro de transformações sociais evidenciadas em trabalhos deste escopo. Não obstante, o principal questionamento em pesquisas sobre fã, parte sumariamente da definição deste sujeito: o que é um fã? A(s) resposta(s) para tal pergunta não atinam para um formato concreto, e esse exercício tem se revelado complexo considerando a pluralidade envolvida na abordagem.

É importante sublinhar que as noções teóricas destinadas ao fã, são parte de um movimento recente que horizontaliza os interesses do entendimento deste perfil tão presente na sociedade, se concretizando como uma categoria social popular. No entanto, a opinião relacionada a estas comunidades constituídas por sujeitos e suas diferenças, advém de uma indiferença analítica e conservadora com a determinação precoce de um discurso hostil para com o fã; os participantes dessa massa foram facilmente estereotipados como manipuláveis, acrílicos, passivos e perigosos, de acordo com o texto acima referenciado.

As contribuições trazidas a seguir, ainda que ignorem suas origens, aludem para uma confluência de características comuns ao fã, partindo do pressuposto que tal perfil compartilhe similaridades, ainda que detenha uma essência *sui generis*. O que pretendo apontar para além das particularidades destes sujeitos e sua relação com a artista que lastreia as discussões deste trabalho, diz respeito ao caráter umbilical deste vínculo, no qual, a interdependência atua como portal para processos de transformação, de reconhecimento, e sobretudo, de pertencimento.

Atendendo o interesse em analisar os diferentes comportamentos referentes a pessoas autodeclaradas fãs da cantora Joelma, a semi estruturação da entrevista considerou parâmetros recorrentes dentre o grupo denominado *fandom*, (representa da junção de fã clubes dedicados a determinado artista; uma comunidade de fãs), tais como, a condição de colecionador de produtos relacionados à Joelma, episódios de aproximação com a cantora, bem como, manifestações de reconhecimento e identificação enquanto fã dessa artista.

A elaboração das questões buscou conhecer de forma incipiente quem é o/a fã da Joelma, a partir de espaços de interação social, participação e contribuição para a promoção da cantora no cenário artístico brasileiro, representando um dos compromissos assumidos por pessoas que se dedicam à artista. Ademais, a entrevista favoreceu a este público uma oportunidade de referendar seus respectivos lugares de fala, no cerne de produções nesses termos.

Para além de possibilitar a autoafirmação e inclusão de diferentes expressividades de fãs da Joelma, esse questionário também contemplou narrativas, memórias, identidades e

subjetividades que partem da condição de sentir-se afetado e movido por um conjunto de elementos que constituem a performance executada por essa artista. Nesse sentido, é importante considerar que há uma diversidade de fãs da cantora, e ainda que o presente levantamento proporcionado pela entrevista tenha alcançado um número expressivo de participantes, é importante salientar, que a análise obtida por meio dessa amostragem condiz com uma parcela simbólica dos fãs da Joelma.

O questionário acerca do perfil de fã da cantora Joelma foi aplicado em duas modalidades, sendo a primeira de modo presencial contemplando uma seleção de 10 participantes para a entrevista; já a segunda etapa foi desenvolvida de forma virtual, por meio de um link de acesso amplamente divulgado em redes sociais, cuja participação representa os 188 entrevistados no formato virtual. Dos 198 participantes, 132 se auto declararam do sexo masculino, enquanto 66 como pessoas do sexo feminino; o questionário disponibilizado via link para participação espontânea e virtual, não inquiriu sobre questões de orientação sexual.

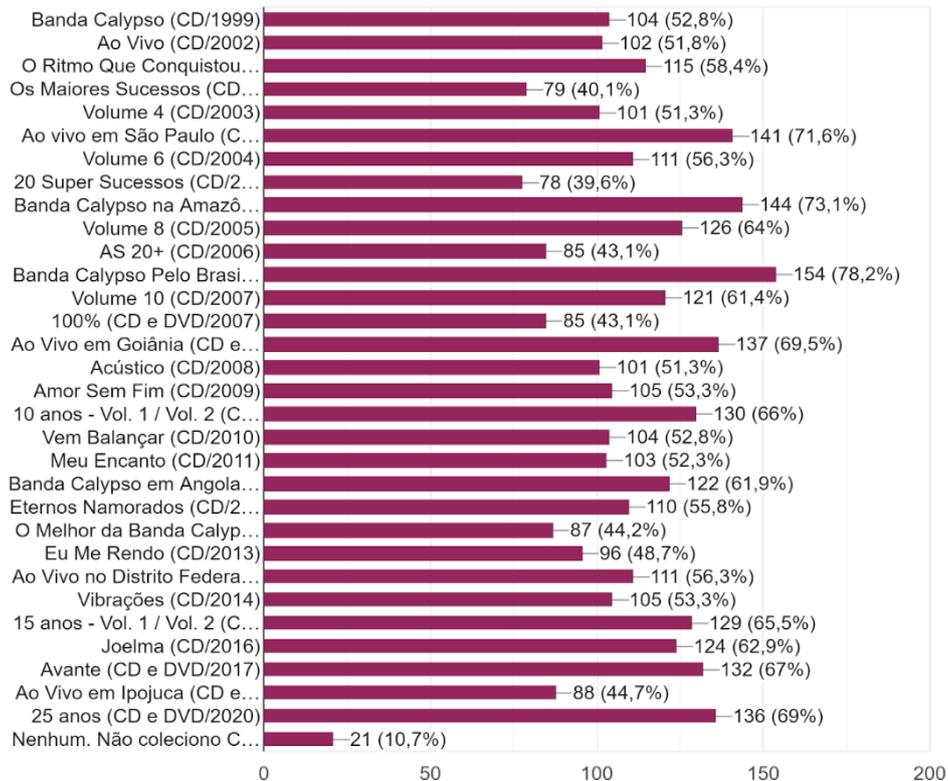
Quanto à naturalidade dos/as participantes da entrevista, destaca-se a contribuição de fãs da cantora nas 5 regiões do Brasil, representadas pelos seguintes estados: Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins. Vale ressaltar ainda, a colaboração de 2 fãs residentes em Quarteira e Lisboa, cidades de Portugal.

Acerca dos dados preliminares da pesquisa, destaca-se a seguir algumas informações que permitem uma análise parcial a respeito da *tipologia de fã* que se dedica à Joelma. No gráfico abaixo, observa-se quais álbuns oficiais da carreira da artista figuram como os favoritos dos/as fãs participantes.

O gráfico abaixo demonstra o favoritismo dos álbuns de carreira da cantora Joelma pelos fãs, que elegeram suas preferências dentre os projetos lançados pela artista, bem como, revela um contingente destes fãs que não detém coleção de CDs e DVDs:

Gráfico 1 - Álbuns da carreira da Joelma favoritos dos/as fãs

7 - A discografia da Banda Calypso/Joelma é recheada de grandes sucessos que possuem lugar cativo na memória dos fãs da artista. Da relação abaixo, quais os seus álbuns favoritos? (Cd's e Dvd's)
197 respostas



Fonte: pesquisa “Amor de Fã” - Itinerários autobiográficos de fãs da cantora Joelma.

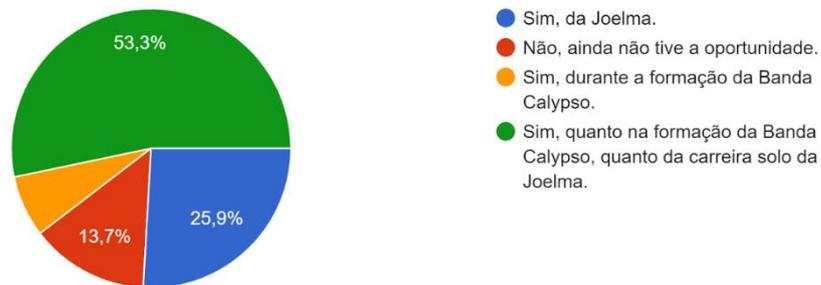
A partir desse demonstrativo, constatou-se que: 78,2% dos fãs da cantora declararam que o álbum *Banda Calypso Pelo Brasil* (2006), aparece como o favorito de 154 dos participantes da entrevista, seguido por 73,1%, que considerou o CD/DVD *Banda Calypso na Amazônia* (2005), como o predileto de 144 dos entrevistados, enquanto 71,6% declarou que o primeiro projeto audiovisual da *Banda Calypso Ao Vivo em São Paulo* (2003), é o mais apreciado por 141 dos fãs que participaram da entrevista. Ainda em relação a esse levantamento, 69% dos fãs declararam favoritismo no álbum *Joelma 25 anos*, o registro comemorativo da carreira da cantora. Outro dado relevante dessa observação aponta que 10,7% disse não possuir nenhum álbum favorito, ou mesmo, possuir a discografia da artista. Esta questão permitiu que fossem assinaladas mais de uma alternativa, ampliando as declarações de favoritismo dos participantes da entrevista.

Outro panorama importante revelado pela pesquisa, diz respeito aos fãs que já foram ao show da cantora, considerando ambas as fases da carreira da artista, (Banda Calypso / carreira solo). O gráfico a seguir mostra que a maioria representada por 53,3% dos fãs participantes, já estiveram em show(s) da artista. Veja-se:

Gráfico 2 - Fãs que já foram a show(s) da artista

8 - Você já foi a um show da Joelma/Banda Calypso?

197 respostas



Fonte: pesquisa “Amor de Fã” - Itinerários autobiográficos de fãs da cantora Joelma.

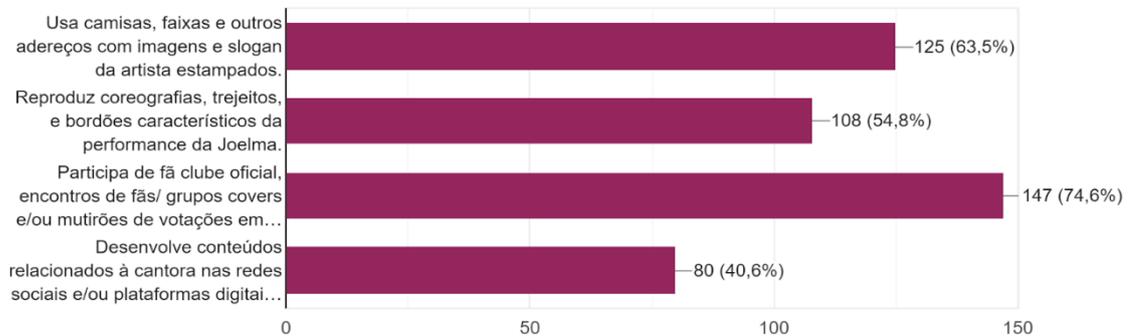
De acordo com o gráfico, 29,9% dos fãs entrevistados já estiveram em apresentações da cantora Joelma, considerando a carreira solo iniciada em 2016, enquanto 13,7% não assistiu a nenhum show da artista. Quanto à atuação da cantora na Banda Calypso, 7,1% dos fãs declararam ter ido ao menos a 1 show nesta formação. Considerou-se nesta amostragem, as apresentações realizadas em contexto presencial, festivais e eventos nos quais a artista foi a/uma atração.

Outro dado revelado pela presente pesquisa refere-se à faixa etária dos fãs participantes. O gráfico a seguir, indica o percentual de entrevistados distribuídos em três períodos, considerando nesta etapa pessoas acima de 18 anos.

Gráfico 3 - Faixa etária dos fãs da Joelma participantes da pesquisa

13 - Considerando que dentro do "fandom" da cantora Joelma existe uma diversidade que expressa diferentes formas de dedicação à artista,...ernativa(s) que representam a sua vivência de fã.

197 respostas



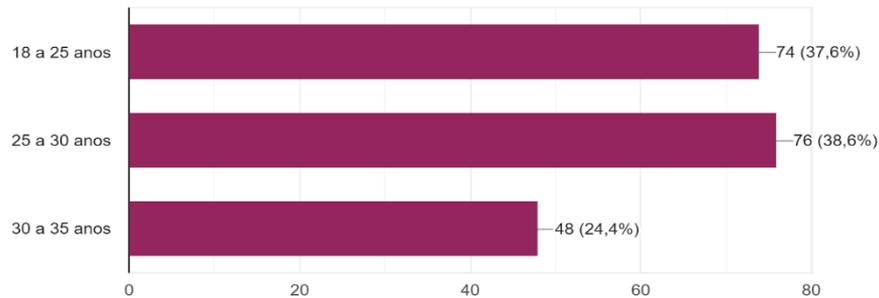
Fonte: pesquisa “Amor de Fã” - Itinerários autobiográficos de fãs da cantora Joelma.

Com uma variável de 1%, constata-se que a maioria dos fãs entrevistados possuíam no período em que a entrevista foi realizada idade entre **25 a 30 anos**, que contempla **38,6%** do total de participantes, enquanto **37,6%** pertenciam à faixa etária de **18 a 25 anos**. Esse dado revela um aspecto interessante quanto a formação de identidade dos fãs da cantora Joelma, sobretudo, ao considerarmos a manutenção desta relação desde a infância, como no meu caso; setenta e seis (76) das pessoas entrevistadas representam esse movimento de continuidade da condição de fãs da artista, atravessando fases da vida, como a infância e a adolescência decretando a subsistência de sentimentos por ela em etapas em que outras prioridades se tornam aparentes na vida individual e social dos sujeitos.

Quanto às expressões de afetividade e reconhecimento dos fãs participantes da pesquisa, apresenta-se outro gráfico que aponta para ações que traduzem a relação deste público com a artista.

Gráfico 4 - Manifestações de afeto destinadas à cantora Joelma

11 - Idade/Faixa etária:
197 respostas



Fonte: Pesquisa “Amor de Fã” - *Itinerários autobiográficos de fãs da cantora Joelma*.

Conforme o gráfico indica, 74,6% dos fãs entrevistados declararam pertencer à fã clubes oficiais da artista, bem como, participar de encontros promovidos de forma organizada, ou de grupos covers e de mobilização na internet, como em mutirões de votação para premiações, por exemplo. Nesse contexto, apurou-se que 63,5% desses fãs vestem camisas, usam faixas e outros adereços personalizados com imagens da artista; enquanto 54,8% afirmou reproduzir coreografias, trejeitos e bordões característicos da performance da artista; ao tempo em que 40,6% produz conteúdos relacionados à cantora nas redes sociais, como blogs, podcasts, vídeos no YouTube e perfis dedicados à artista no Instagram, Facebook, Telegram, WhatsApp e X (antigo Twitter).

Essa amostragem possibilitada pela pesquisa que orientou o questionário mencionado acima projeta um retrato parcial da multiplicidade de perfis dos fãs da Joelma, e permite analisar aspectos da trajetória de cada participante dessa pesquisa, bem como, conhecer as diferentes formas de atuação individual ou coletiva dentro e fora do fã clube. Dentre os dados alcançados pelo questionário aplicado, pôde-se conhecer breves narrativas dos fãs participantes, que cederam parte de suas trajetórias enquanto seguidores da cantora Joelma para a análise pretendida pela presente pesquisa. Nesse sentido, nota-se que grande parte do público participante do levantamento acompanha a carreira da artista há muitos anos, desde o apogeu da Banda Calypso, e que se mantiveram na fase solo da artista, compartilhando episódios de viagens longas para shows em outras cidades e estados do Brasil, fugas de casa, conflitos familiares e no círculo de amigos, e o mais comum e com manifestação expressiva apontada pela pesquisa, defesa e promoção da artista na internet por meio de redes sociais, sobretudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre Joelma a partir das Ciências Sociais, implica nos formatos metodológicos, avaliativos e discursivos pelos quais passamos e reproduzimos neste campo. Meu trabalho suscita um movimento contrário à cultura implantada pela MPB elitista e/ou pelo estereótipo musical que circunda a Academia. Precisamos estar atentos/as a todo o instante para os apagamentos culturais e artísticos que voluntariamente efetuamos dentro do ambiente universitário. Mesmo a UNILAB em sua missão pluricultural, pluriétnica, pluriracial e política, reproduz comportamentos que necessitam ser reavaliados e extirpados de seu cotidiano.

Minha crítica vai endereçada à comunidade acadêmica, que se utiliza de um discurso por vezes ilegítimo para inferiorizar representações musicais como a Joelma, uma das maiores intérpretes da Música Popular Brasileira contemporânea, e responsável por revolucionar os moldes da indústria fonográfica nacional. No meu percurso, ousou por meio de sutilezas, exigir o devido valor para a representação inerente especialmente a esta artista, e que no decorrer da pesquisa, prestou menção honrosa a outros nomes injustiçados.

Minha trajetória nas Ciências Sociais, possibilitou a lapidação da capacidade de análise e interpretação. A leitura que empreendo sobre a sociedade hoje, está mais aguçada e próxima do que vivemos, isso graças ao teor conceitual encontrado nesta área. É extremamente preciso conhecer e saber ler os processos, conflitos e acontecimentos contemporâneos.

O itinerário alinhavado nesta monografia consubstancia debates de interesse coletivo. Compreender melhor a categoria de análise social que perfila o perfil de fãs da Joelma, por meio de uma autobiografia balizada por este lugar de fala, de vivências e reflexões. As considerações possibilitadas pelo percurso metodológico disposto nesta monografia partem do pressuposto da afetação involuntária, para uma consciência adquirida com base nas percepções acessadas ao longo de experiências.

Esse trabalho está para além de um rito avaliativo. Ele representa o meu lugar de fala, de escuta, de aprendizagem e de produção. Em 2019, ainda no princípio de uma jornada que me trouxe até aqui, senti receio de me declarar fã e pesquisador de uma mesma referência. Hoje, me sinto no dever de manifestar o meu ofício; pesquisador sim, fã para sempre. Sem medidas.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003;
- BARBOSA, Andrea. Fotografia, Narrativa e Experiência. *In*: Barbosa, Andrea, Cunha, Edgar Teodoro da, Hikiji, Rose Satiko Gitirana, Novaes, Sylvia Ciuby. (Org.). **A Experiência da Imagem na Etnografia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2016, p. 191-205;
- CANÔNICO, Marco Aurélio; NOVAES, Tereza. Preferência nacional – Pesquisa Datafolha revela que a Banda Calypso e Zezé Di Camargo e Luciano são os artistas mais populares do país; para críticos, resultado aponta para mudanças na difusão e consumo de música. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 de jul. de 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2207200707.htm>>. Acesso em: 31 de jul. de 2024;
- CORNEJO, Giancarlo. La guerra declarada contra el niño afeminado: Una autoetnografía “queer”. **Íconos-Revista de Ciencias Sociales**, n. 39, p. 79-95, 2011;
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006;
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996;
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 1996;
- JULLIAN, Juan. **Querido ex**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Transversal, 2019;
- JUSTO, Joana Sanches. **Olhares que contam histórias: a fotografia como memórias e narrativas da família**. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/93fda8c1-4a5e-4367-b42c-2b373e8f7309/content>. Acesso em: 09 out. 2024;
- KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de “Histórias Femininas, Memórias e Experiências”. **Cadernos Pagu** (8/9), 1997. p, 343-354;
- FERREIRA, T. H. M R. **O Som do Pará: Calypso o Gosto Que Não se Discute**. Orientador: Raquel do Monte Silva. 2016. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo) – Faculdade Joaquim Nabuco, Recife, 2016;
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 4, n. 12, p. 239-252, 2005;
- LAGO, Mateus Pereira; SOUZA, Cristiane Santos; FERREIRA, Elízia Cristina. Menina do Requebrado: Trajetórias, Expressividades & Performance da Cantora Joelma a partir da Cultura Paraense. **Novos Olhares Sociais**, Cachoeira, v. 3, n. 2, p. 204-232, nov. 2020; Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/554>. Acesso em: 18 de abr.2021;

LISTER, Linda. **Divatização**: A deificação das mulheres popstars modernas. Belo Horizonte: PPGCOM, 2020. 111-125 p. ISBN 978-65-86963-20-5;

MORIN, Edgar. **As estrelas**: mito e sedução no cinema. Ed. José Olympio, 1989;

MOTTA, Nelson. **O Canto da sereia**: um noir baiano. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Objetiva, 2002;

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais**: Do “Indizível” ao “Dizível”. Editora Vértice, São Paulo, 1988;

SAADA, Jeanne Favret. Ser afetado. **Cadernos de campo**, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005;

SIGNIFICADOS. **Significado de caçula**: “O que é caçula”. Significados.com.br. Disponível em:

<https://www.significados.com.br/caçula/#:~:text=Ca%C3%A7ula%20%C3%A9%20uma%20palavra%20com,esta%20%C3%BAltima%20%C3%A9%20menos%20usada>. Acesso em: 24/07/2024;

VASCONCELOS, Francisca Denise Silva; SALES, Bárbara Ellen Viana; SILVA, Luana Paiva da. “Só Quem é Fã Entende”: uma análise da construção de sentidos sobre o “ser fã” a partir das narrativas de sujeitos pertencentes ao fandom Army. **Revista GEMInIS**, v. 14, n. 2, pp. 145-167, 2023. Disponível em:

<https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/755>. Acesso em: 05 de set. de 2024,